



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



**Violência e Processos de Significação: um estudo com adolescentes em
situação de rua**

Givanildo da Silva Nery

Salvador
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



Givanildo da Silva Nery

Violência e Processos de Significação: um estudo com adolescentes em situação de rua

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI/UFBA), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia do Desenvolvimento

Linha de pesquisa: Transições Desenvolvidas e Processos Educacionais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilena Ristum

Salvador
2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nery, Givanildo da Silva
N456 Violência e Processos de Significação: um estudo com adolescentes em situação de rua / Givanildo da Silva Nery, 2023.
184 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilena Ristum Salvador
Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Adolescentes. 3. Adolescentes e violência.
4. Menores de rua. I. Salvador, Marilena Ristum. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. III. Título.

CDD: 155



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Psicologia- PPGPSI
MESTRADO ACADÊMICO E DOUTORADO



TERMO DE APROVAÇÃO

VIOLÊNCIA E PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

Givanildo da Silva Nery

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Marilena Ristum (Orientadora)

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.^a Dr.^a Dora Teixeira Diamantino

*Universidade Estadual de Feira de Santana -
UEFS*

Prof.^a Dr.^a Lia da Rocha Lordelo

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
- UFRB*

Prof.^a Dr.^a Patrícia Carla Silva do Vale

Zucoloto

Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof.^a Dr.^a Rosely Cabral de Carvalho

*Universidade Estadual de Feira de Santana -
UEFS*

Salvador, 26 de junho
de 2023.

Dou fé.

Documento assinado digitalmente
gov.br MARILENA RISTUM
Data: 26/06/2023 14:18:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marilena Ristum

DEDICATÓRIA

“Os filhos são como flechas na mão do guerreiro” (Salmo 127,4) filhos que vão mais longe do que os pais são como a flecha que vai mais longe que o seu atirador. Dedico esta obra aos meus pais (Dona Bernadete da Silva Nery e Sr. José Nery de Souza), mulher e homem ruralista, pretos, quilombolas, de origem pobre e com baixo grau de escolaridade mas que do cultivo dos frutos da terra, do sofrido sol do sertão, da confiança na escola pública e do acesso a políticas públicas conseguiram levar três filhos a lugares distantes e historicamente inacessíveis que jamais poderiam imaginar..”

AGRADECIMENTOS

Dou graças a Deus, a quem sirvo com a consciência limpa, como o serviram os meus antepassados, ao lembrar-me constantemente de você, noite e dia, em minhas orações. 2 Timóteo 1:3. Pensei muitos momentos em desistir, senti dor, chorei muito, me faltava forças, fiquei doente e você sempre esteve presente e as vezes se materializava em diferentes formas para me consolar.

A Deus meu eterno agradecimento!

Aos meus pais, *Bernadete e José Nery*, por toda renúncia, todo investimento afetivo, educacional e presença sempre constante.

Aos meus irmãos, *Gilvando Nery, Gislândio Nery e José Ronaldo*, por compartilhar a vida, os dramas, os sonhos e lealdade

À minha namorada, *Amanda Cerqueira*, por me aguentar porque não é fácil namorar um doutorando gente rsrs. Você é um ingrediente necessário da minha vida.

À minha orientadora, *Prof^a. Dr^a. Marilena Ristum*, uma educadora que transmite uma competência entrelaçada com afetividade e autenticidade, me orgulho de fazer parte da geração de pesquisadores formados pela senhora e me comprometo a eternizar os seus saberes através de tudo aquilo que aprendi com sua humanidade e simplicidade.

À *Prof^a. Dr^a Rosely Carvalho*, minha também orientadora cuja contribuição começou no mestrado e tem se prolongado por toda vida, mulher forte e também educadora com uma extraordinária contribuição na formação discente e com quem tenho aprendido e tenho me ancorado na estrada da vida acadêmica, seus ensinamento tem me gerado bons frutos. Essa vitória também é sua!

À *Prof. Dr^a Sínara Souza* junto ao NIEVS (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Vulnerabilidades e Saúde) cuja contribuição assumiu um lugar afetivo e familiar, agradeço por todos os conselhos e guardo no coração as palavras de quem foi um anjo em minha vida.

À *Prof^a. Dr^a. Líia Lordelo*, pessoa que conheci no exame de qualificação mas que com sua doçura, leveza e competência revelou um jeito especial de ser docente tornando menos sofrido e ansiogênica a avaliação.

A *Léo e Ramiro* do grupo de pesquisa mas que se tornaram amigos por ter contribuído de modo ímpar nas reformulações do meu trabalho e durante todo esse sofrido processo, sendo promotores de afeto e suporte acadêmico. Meu muito obrigado, carrego um sentimento de dívida por toda contribuição.

Ao querido grupo de pesquisa que empreendeu olhares significativamente importantes no meu trabalho apresentando inúmeras contribuições, desde a entrada no doutorado, além das resenhas e compartilhamentos de ideias e sonhos. Muito obrigado *Agnaldo, Andreia, Dora, Ana Clara, Ramon, Brenna, Lilianne, Clara*

Aos colegas de trabalho *Marcia, Cris e Marcelo* por me ajudarem emprestando seus ouvidos, abraços e toda forma de acolhimento, respeitando meu tempo e meus processos emocionais e afetivos nos momentos mais tensos.

Ao *Secretário de Saúde de Catu Paulo Roberto Luz* e ao meu coordenador *Daniilo Rocha* por todo apoio e flexibilidade institucional nesse período. Toda minha Gratidão!

Ao amigo e Psicólogo do Consultório na Rua *João Cardoso* pelo auxílio na coleta de dados e acesso aos territórios.

À toda equipe do *Centro-Pop de Feira de Santana e do Centro Social Monsenhor* Jesse por todo apoio e esclarecimentos necessários

À *Universidade Federal da Bahia* por toda formação e contribuição acadêmica e no crescimento enquanto pesquisador.

Ao amigo *José Roberto* por ter contribuído como pesquisador colaborador em campo e sempre ter acompanhado minha trajetória acadêmica com muita torcida.

Ao amigo *Dr. Rosiel Junior* por suas contribuições como amigo, seus brilhantes esclarecimentos como profissional e por sua humanidade.

À *Prof. Dra Suzana Almeida* uma amiga que a vida me trouxe de presente e com quem tenho compartilhado as dores e delícias da carreira acadêmica. Obrigado por todas orientações e direcionamentos.

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1: Mapa da Literatura | 20 |
| Figura 1: Dados Sociodemográfico dos Entrevistados | 76 |

Lista de Quadros

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Signos relacionados à promoção da Violência | 79 |
| Quadro 2 - Signos Protetores frente à Violência | 84 |
| Quadro 1 - Dados sociodemográfico dos adolescentes em termos de sexo, raça/cor, idade, escolaridade, tempo/vida na rua e motivo de ida paras ruas | 109 |
| Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos adolescentes em situação de rua em Feira de Santana-BA | 142 |
| Quadro 2- Signos de Riscos e Proteção no contexto da Rua | 143 |

Lista de Abreviaturas e Siglas

| | |
|------------|--|
| ACEs | Experiências Adversas na Infância |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEP | Comitê de Ética e Pesquisa |
| CENTRO-POP | Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua |
| CF | Constituição Federal |
| CONANDA | Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente |
| ECA | Estatuto da Criança e do Adolescente |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPS | Instituto de Psicologia |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| PSR | População em Situação de Rua |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UNICEF | Fundo das Nações Unidas para a Infância |
| UNODC | Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime |

Nery, G. S. (2023). *Violência e Processos de significação: um estudo com adolescentes em situação de rua* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Resumo: A presente pesquisa buscou compreender os processos de significação de adolescentes em situação de rua sobre a violência. Foi utilizada uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo interpretativa, tendo como referencial teórico a Psicologia Semiótico Cultural e como participantes cinco adolescentes em situação de rua, com idade entre 16 a 19 anos, que se encontravam morando ou trabalhando de modo irregular nas ruas de Feira de Santana-Ba. A construção e produção de dados compreendeu o mapeamento das instituições que trabalham com a referida população, o acesso a territórios geográficos e sociais de maior vulnerabilidade (semáforos, rodoviária, feira livre e praças públicas) e a aplicação de quatro instrumentos e/ou técnicas de coleta de dados (questionário sociodemográfico, técnica de vinhetas, entrevista semiestruturada e diário de campo). Os dados foram transcritos, organizados e analisados, por meio de uma ampla leitura, com o intuito de buscar significados e visando definir formas de categorização e/ou subcategorização das informações. Nesta tese destaca-se as implicações das construções semióticas de adolescentes na condução de comportamentos violentos e/ou na sua evitação. A retração de comportamentos violentos emergiu diante de signos carregados de representações sociais, religiosas e afetivas. A violência paterna e os conflitos familiares estiverem relacionados aos processos semióticos de ida para as ruas e cometimento de atos infracionais, já o trabalho realizado na rua expôs processos de internalização e externalização de valores relacionados a comportamentos morais e distanciamento de atos infracionais. Além disso, as narrativas dos participantes apontaram para processos de desfamiliarização, desproteção social e despolitização, sendo que signos provenientes da cultura coletiva como “agressão” e o “coração mau das pessoas” foram associados a formas de violência física, psicológica, social e institucional e outros signos provenientes da cultura pessoal como “Atenção às características das pessoas” e “Agir Educadamente” apresentaram-se como formas úteis de proteção, regulação afetiva, emocional e comportamental no ciclo de relações no mundo da rua.

Palavras - Chave: Adolescentes em Situação de Rua, Comportamento Violento, Significação, Valores Morais

Nery, G.S. (2023). *Violence and Meaning Processes: a study with street adolescents* (Doctoral thesis). Graduate Program in Psychology, Federal University of Bahia, Salvador.

Abstract: This research sought to understand the meaning processes of homeless adolescents about violence. An approach of a qualitative nature, of the interpretative type, was used, having as a theoretical reference the Semiotic Cultural Psychology and as participants five adolescents living on the streets, aged between 16 and 19 years old, who were living or working irregularly on the streets of Feira de Santana-Ba. The construction and production of data comprised the mapping of the institutions that work with the referred population, the access to geographical and social territories of greater vulnerability (traffic lights, road, fair and public squares) and the application of four instruments and/or techniques of data collection (sociodemographic questionnaire, vignetting technique, semi-structured interview and field diary). The data were transcribed, organized and analyzed, through a broad reading, with the aim of seeking meanings and aiming to define forms of categorization and/or subcategorization of information. In this thesis, the implications of semiotic constructions of adolescents in the conduction of violent behavior and/or in its avoidance are highlighted. The retraction of violent behavior emerged in the face of signs loaded with social, religious and affective representations. Paternal violence and family conflicts are related to the semiotic processes of going to the streets and committing infractions, while work on the street exposed processes of internalization and externalization of values related to moral behavior and distancing from infractions. In addition, the participants' narratives pointed to processes of defamiliarization, lack of social protection and depoliticization, and signs from collective culture such as "aggression" and "people's bad hearts" were associated with forms of physical, psychological, social and institutional violence and other signs from personal culture such as "Attention to people's characteristics" and "Acting Politely" were presented as useful forms of protection, affective, emotional and behavioral regulation in the cycle of relationships in the street world.

Keywords: Street Adolescents, Violent Behavior, Meaning, Moral Values

Sumário

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 14 |
| 1 Introdução | 15 |
| 2 Revisão de Literatura | 18 |
| 2.1 Estudos com Ênfase na dimensão dos processos socioantropológicos | 20 |
| 2.2 Estudos com Ênfase na dimensão dos Processos Subjetivos e Psicossociais | 26 |
| 2.3 Estudos com Ênfase nos Processos Contextuais e Grupais | 30 |
| 2.4 Estudos com Ênfase nos Processos Situacionais | 34 |
| 3 Fundamentação Teórica | 38 |
| 3.1 A Psicologia na Cultura ou a Cultura na Psicologia? | 38 |
| 3.1.1 Signos e significações | 40 |
| 3.1.2 Signo promotor e signo inibidor | 42 |
| 3.1.3 Cultura pessoal e cultura coletiva | 44 |
| 3.2 Compreendendo os Valores Morais: das abordagens tradicionais aos novos modelos | 45 |
| 3.2.1 Perspectiva Histórica e Filosófica dos Valores | 45 |
| 3.2.2 Perspectivas Psicológicas tradicionais sobre a Moral | 49 |
| 3.2.3 A Psicologia Cultural e uma nova forma de compreensão dos valores | 53 |
| 4 Justificativa e Delimitação do Problema | 56 |
| 4.1 Objetivos | 58 |
| 5 Método | 58 |
| 5.1 Contexto da Pesquisa e Participantes | 59 |
| 5.2 Instrumentos e Técnicas de Coleta dos Dados | 60 |
| 5.3 Procedimentos de Análise e Construção dos Dados | 62 |
| 5.4 Considerações Éticas | 63 |
| 6 Resultados e Discussão | 64 |
| 6.1 Artigo 1 - As Significações sobre Violência Construídas por Adolescentes em Situação de Rua: signos relacionados à promoção e proteção | 64 |
| 6.2 Artigo 2 - Adolescentes em Situação de Rua: Significações sobre a Escola, Trabalho e Família | 102 |
| 6.3 Artigo 3 - Construções Semióticas de Adolescentes em Situação de Rua sobre Riscos e formas de Proteção Social frente à violência | 134 |
| 7 Considerações Finais | 159 |
| Referências | 162 |

Apêndices

174

Anexos

185

Apresentação

Este trabalho foi desenvolvido incentivado por questões em aberto e/ou limitações, tais como a produção social da violência no contexto da rua, percebidas em trabalho anterior que buscou identificar e descrever o perfil sociodemográfico de adolescentes em situação de rua e suas relações com o uso de drogas na cidade de Feira de Santana-Ba; os resultados de tal pesquisa revelam uma pluralidade de práticas sociais e modos de vida, compartilhados por adolescentes, sob as condições de vulnerabilidade nesses espaços e que se relaciona não só ao uso de drogas como também à violência enquanto fenômeno socialmente construído diante dos conflitos da vida cotidiana e da necessidade de autossustento.

Considerando a escassez de abordagens metodológicas qualitativas que possam melhor abordar este e outros fenômenos, a mudança de foco do estudo das substâncias psicoativas para as questões relacionadas à violência justifica-se, neste trabalho, em função do caráter multifacetado que as práticas sociais assumem no contexto da rua, sendo a violência um fenômeno que perpassa quase todos os tipos de relação em diferentes etapas do desenvolvimento de crianças, adolescentes, adultos e idosos que se utilizam dos logradouros públicos como espaço de moradia.

Quanto a estrutura do texto, esta tese está dividida em seis partes que permitem o entendimento dos caminhos teóricos, metodológicos e práticos desta pesquisa. A revisão de literatura apresenta um panorama nacional e internacional da produção científica sobre o objeto de estudo, discutindo os principais achados lacunas e desafios no campo de pesquisa sobre adolescência e violência.

Na fundamentação teórica apresenta-se o principal marco teórico epistemológico utilizado neste trabalho e abordam-se os principais conceitos que serão utilizados na análise dos dados em diálogo com os objetivos da pesquisa. Na justificativa e delimitação do problema apresentam-se as principais razões teóricas e científicas para o estudo e no método apresentam-se, de modo abrangente os caminhos, contextos, instrumentos e processos realizados para a construção e a análise de dados.

Os resultados são apresentados por meio de três artigos, derivados deste estudo. No primeiro artigo, objetiva-se analisar os processos semióticos que atravessam a construção de significados sobre a violência, particularmente os signos relacionados à promoção e à proteção da violência no contexto da rua.

No segundo artigo busca-se analisar as significações sobre escola, trabalho e família por parte de adolescentes em situação de rua e as relações das significações com os valores morais. No terceiro artigo, busca-se analisar as produções semióticas sobre o interjogo risco e proteção no contexto da rua.

1 Introdução

A realidade das pessoas em situação de rua no Brasil e no mundo é tema histórico de debate, investigação e pesquisa, seja pelas raízes etiológicas diversas do fenômeno (Ferguson, 2006), pela pluralidade de suas características sociodemográficas e familiares (Martins, 1996), ou mesmo pela dificuldade de sistematização conceitual e variação teórica no entendimento desse fenômeno (Neiva-Silva & Koller, 2002; Ferreira, 2011).

Importa destacar, nesse sentido, nossa compreensão de adolescentes em situação de rua como sujeitos, em processo peculiar de desenvolvimento e sob situação de risco e vulnerabilidade, nos espaços públicos e áreas degradadas, com direitos violados, vínculos familiares e comunitários interrompidos e que possuem uma heterogeneidade histórica, política e étnico-racial (Rizzini, 2003; Brasil, 2016).

Sobre a heterogeneidade da população em situação de rua, importa destacar que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não faz um processo de contabilização e informação do perfil deste grupo populacional, em função da inexistência de uma referência domiciliar; por outro lado, recentes levantamentos e/ou censos realizados nas mais diversas capitais e grandes centros urbanos do país têm permitido esclarecimentos significativos sobre a realidade de vida das populações em situação de rua (PSR).

A Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua, realizada entre agosto de 2007 e março de 2008 pelo Ministério de Desenvolvimento Social, é um dos principais pontos de partida para a compreensão do perfil socioeconômico e de saúde da população em situação de rua no Brasil. O levantamento identificou 31.922 pessoas maiores de 18 anos em situação de rua e revelou que, desse total, 82% das pessoas eram do sexo masculino, sendo 67% negros e 88,5% que não tinham acesso a nenhum programa governamental; mostrou, ainda que 47,7% já trabalharam com carteira assinada; 48,4% possuíam primeiro grau incompleto e 69,2% encontravam-se entre 18 e 44 anos de idade (Brasil, 2009).

A pesquisa censitária sobre crianças e adolescentes em situação de rua, realizada em 2011, em 75 cidades com população superior a 300 mil habitantes, é outra investigação que esclarece o perfil da PSR (População em Situação de Rua). Os achados revelaram que existem pelo menos 23.973 crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil; desse total, 45,13% possuem idade entre 12 a 15 anos, sendo que a maior incidência se encontra nos estados do Rio de Janeiro (21,2%), São Paulo (19,8%) e Bahia (9,6%), dos quais 72,8 % se declararam preto ou pardo; a maioria não sabe informar o valor da renda familiar e dorme na rua entre 1 e 2 anos (Brasil, 2011).

Somados a essas questões, os perigos inerentes à situação de rua envolvem, particularmente, uma constante luta pela sobrevivência, movimentando recursos pessoais, atos de resistência e comportamentos de autodefesa, incluindo o comportamento violento. Assim, o aumento da proteção às populações que vivem nesses espaços, quase sempre, está condicionado à eliminação ou redução dos determinantes psicossociais dos riscos e vulnerabilidades nesse contexto, dentre os quais a violência se destaca (Kunz, Heckerls & Carvalho, 2014).

Lordelo, Bastos e Alcântara (2002) discutem que contextos socioculturais marcados pela desigualdade socioeconômica, pobreza dos vínculos afetivos e sociais, conflitos familiares e diferentes formas de abuso e negligência estruturam-se como ambientes propícios à emergência de agressores e vítimas de violência.

Do ponto de vista conceitual Ristum (2001) revelou a partir de estudo com professoras do ensino fundamental que a violência pode ter distintas classificações, modalidades, formas, consequências e fatores causais; tendo um caráter socioestrutural, a violência, de acordo com classificação realizada em diálogo com a teoria de Urie Bronfenbrenner, pode ter causas contextuais (em que são situadas a conjuntura econômica, social e cultural produtora da violência) e causas pessoais (próprias dos indivíduos que praticam a violência). Tais ideias desafiam o pensamento do autor desta tese sobre a manifestação da violência nos contextos de vulnerabilidade e seus elementos constitutivos.

Nesse ponto, o estudo sobre a violência em contextos de vulnerabilidades, tais como a situação de rua, ganha um significado especial, posto que se considera o comportamento violento como um tipo de ação que, na relação interpessoal, produz sofrimento, causa dano físico, psicológico ou moral, além de ser recriminado socialmente (Tavares, 2006).

A violência, de modo geral, é pluralmente contextualizada, ou seja, ela é fruto das experiências parentais mas também caracteriza as relações entre os pares e perpassa, sobretudo, a construção dos vínculos com as instituições socioeducativas, seja por meio dos processos de resistência do adolescente frente aos riscos ou mesmo pelas sutis agressões nesses espaços (Neiva-Silva, 2008; Pena, Carinhonha e Rodrigues, 2010), sendo, portanto, importante a discussão inerente às produções semióticas sobre a violência.

Utilizando-se da Psicologia Cultural enquanto fundamento teórico para este trabalho, compreende-se, a partir das ideias de Valsiner (2007b), que o comportamento violento em termos de comportamento antissocial ou pró-social, possui uma organização cultural que possibilita a existência conjunta de ambos os comportamentos num mesmo indivíduo, a depender do contexto e do espaço em que esteja inserido.

A psicologia cultural assume, nesse contexto, uma função interpretativa dos processos semióticos, dinâmicos e evolutivos, que possibilitam entender os fenômenos emergentes do desenvolvimento humano, os quais, direta ou indiretamente, se relacionam à expressão e organização dos comportamentos sociais variados e à construção da identidade das pessoas (Herreira, 2014; Moreira, 2016; Silva, 2017).

Na perspectiva da psicologia semiótico-cultural o desenvolvimento humano é pautado por uma ontogênese que compreende a dinâmica de interação social nos diferentes contextos e ambientes. A cultura, associada à trajetória de vida dos indivíduos, assume nesta questão uma função interlocutora de significação e ressignificação da experiência dos sujeitos no mundo (Freire, 2008; Branco, 2016).

As discussões da psicologia semiótico cultural postulam que os indivíduos estão imersos em contextos culturais nos quais a relação com o mundo é pautada pelo universo de signos, os quais se relacionam com os processos de construção da subjetividade e significação de si, sendo, portanto, esfera importante da compreensão das dimensões dos comportamentos humanos (Valsiner, 2007; Freire, 2008; Gillespie & Zittoun, 2010).

Nesse sentido, a compreensão dos valores de cada indivíduo é imprescindível, acima de tudo, na elucidação dos padrões de comportamento humano nos diversos espaços culturais, pois permite entender como determinados indivíduos em processo de vulnerabilidade psicossocial, por exemplo, respondem através da agressão ou solidariedade como forma de resolver os conflitos da vida cotidiana (Herreira, 2014; Moreira, 2016).

Concomitante a isso, é preciso destacar que os valores, ao longo da história da humanidade, foram instrumentos que nortearam as condutas dos indivíduos nos diferentes contextos e integraram a dinâmica histórico-social dos grupos, as formas de organização das sociedades, as estruturas familiares e sociais envolvendo processos de significações coletivas e individuais e, especificamente, despertando para questões epistemológicas e/ou teórico-conceituais associadas aos estudos destes conceitos (Valsiner, 1998).

Desse modo, existe uma necessidade de compreensão, por parte da psicologia do desenvolvimento, em relação à violência, construção dos valores, moral e ética ao longo da ontogênese humana (Herreira, 2014), bem como os recursos individuais e coletivos que contribuem para promoção do respeito mútuo e desenvolvimento de relações democráticas durante a adolescência e nos mais variados contextos.

Nesse sentido, com o olhar da Psicologia Cultural, e considerando as peculiaridades e dinâmicas contextuais do viver em situação de rua, pretende-se, nesta investigação, compreender os processos de significação de adolescentes em situação de rua sobre a violência.

2 Revisão de Literatura

A partir das questões e problematizações levantadas neste trabalho, foi realizada uma revisão de literatura, através do portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior); tal revisão teve a finalidade de descortinar um panorama nacional e estrangeiro da produção científica sobre ou em diálogo com a temática de investigação, permitindo novas problematizações e maior contextualização do estudo em foco. Por meio do item busca por assunto no portal de periódicos, foram inseridos os seguintes descritores: “Adolescência e violência” ou “Adolescence and violence”; “Situação de Rua e Violência” ou “Street Situation and Violence”; ou “Homeless and Violence”, “Valores e Situação de Rua” ou “Values and Street Situation”, ou “Values and Homeless”, “Valores e Violência” ou “Values and violence” .

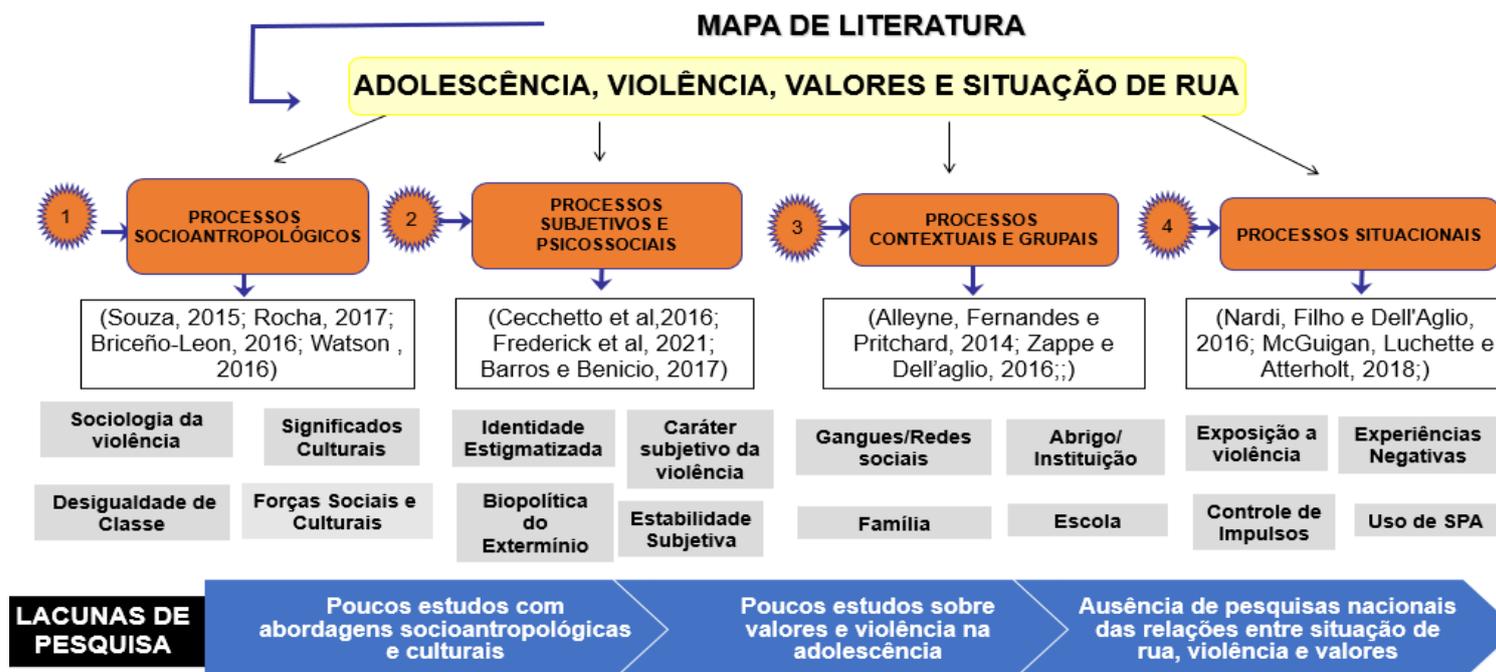
A revisão realizada buscou compreender as relações entre adolescência, violência, valores e situação de rua. Em função do amplo campo de publicações relacionadas aos referidos descritores, foram adotados quatro critérios de inclusão em diálogo com os descritores utilizados:

- (1) Estudos sobre Violência e adolescência (independente de contexto).
- (2) Estudos sobre Valores e Violência (independente de contexto, com ou sobre adolescentes).
- (3) Estudos sobre Situação de rua e Violência (priorizando estudos sobre adolescentes no contexto da rua).
- (4) Estudos sobre Valores e Situação de Rua (priorizando estudos sobre adolescentes no contexto da rua).

Considerando os trabalhos dos últimos doze anos (2010-2022), que abordavam a violência perpetrada e/ou sofrida por adolescentes, foram adotados os seguintes critérios de exclusão (1) artigos que tratavam do fenômeno sob perspectivas psicopatológicas e/ou dos transtornos mentais e suas alterações; (2) trabalhos que se restringiam exclusivamente à infância e/ou adultez, sendo que os estudos realizados com ou sobre crianças, que investigavam eventos estressores e outras condições e seu impacto na adolescência, foram considerados.

Com base na eleição dos referidos critérios, e após a realização de leitura criteriosa dos títulos e resumos dos trabalhos, foram selecionados quarenta e seis artigos, sendo vinte e três artigos nacionais e vinte e três internacionais; os achados na literatura permitiram uma visão pormenorizada dos fenômenos em investigação, cuja produção pode ser melhor organizada em quatro grandes categorias. São elas: (1) estudos com ênfase nos processos socioantropológicos; (2) estudos com ênfase nos processos subjetivos e psicossociais; (3) estudos com ênfase nos processos contextuais e grupais; (4) estudos com ênfase nos processos situacionais.

A figura abaixo ilustra, de modo didático, o mapa da literatura; e, a seguir, estão descritos os principais trabalhos, de acordo com as categorias mencionadas.



2.1 Estudos com Ênfase nos Processos Socioantropológicos: panorama das relações coletivas

Esta categoria foi construída em função da enormidade de investigações, em sua maioria estudos teóricos, cujas análises buscam explicar as determinações históricas, sociais e culturais relacionadas à violência, revelando uma ampla análise dos elementos que compreendem a violência.

Para inclusão nesta categoria, foram considerados os estudos teóricos e/ou de revisão que buscam responder o porquê da existência da violência em diferentes grupos e sociedades, sendo consideradas as produções que focavam nos significados culturais, as forças sociais e desigualdade de classe que subscrevem tal fenômeno; abaixo são destacados os principais estudos selecionados para esta discussão.

Inicialmente, destaca-se o estudo exploratório de Souza (2015) que analisa a violência sofrida e praticada por jovens, revelando que a violência não é um fenômeno singular, mas sim plural, constituída nas relações sociais e produto da cultura de diferentes sociedades; é fenômeno que obstaculiza a construção positiva dos valores éticos e simboliza as características históricas, micro e macrosociais das civilizações. Baseado

nestas ideias, o autor informa que o estudo da violência deve considerar os elementos que constituem a vida social como um todo, apreendendo, de forma objetiva e subjetiva, os ambientes de sociabilidade e os significados culturais presentes.

A violência sofrida e praticada por jovens no Brasil, embora possa ser analisada sob um panorama estatístico e bibliográfico, mais que um dado numérico é um elemento aparelhador de uma ordem social, composta na estrutura da sociedade brasileira desde o Brasil república e que sempre referenciou os estorvos da sociabilidade humana (Souza, 2015).

Com o intuito de revisar as concepções hegemônicas de crime, violência e controle social, o estudo de Rocha (2017) apresenta um conjunto de referenciais teóricos em desenvolvimento na chamada criminologia cultural, a qual assume, como pressuposto central, que o crime e a violência são produtos da cultura, mediada através de estilos subculturais, símbolos e valores de grupo.

Para o autor, pensar o crime e a violência traz a preocupação de se refletir sobre as formas de subversão ou resistência à adaptação a valores morais consolidados na sociedade, ação frequentemente empreendida por indivíduos com comportamentos desviantes, em que os símbolos e códigos culturais dominantes deixam de exercer papel fundamental na construção dos códigos de conduta humana.

O estudo teórico de Briceño-Leon (2016), realizado na Venezuela, aborda o papel de um novo campo do conhecimento teórico e prático denominado sociologia da violência. Neste, os estudos e investigações permitem um deslocamento da compreensão da violência focada nas tradicionais abordagens da criminologia e sociologia para uma nova forma de compreensão da e do crime, que apresentavam magnitudes e prevalências crescentes, a partir da década de 90, nos diferentes países da América Latina. Houve, assim, um redirecionamento nas perspectivas dos estudos sociológicos que passaram a dialogar com a epidemiologia, a saúde pública e outras áreas do conhecimento.

Briceño-Leon (2016) afirma que as mudanças e/ou transformações de perspectivas de trabalho dentro desta nova área, sociologia da violência, têm priorizado: mudança de foco do vitimador para a vítima, uma vez que, historicamente, a sociologia do desvio buscou explicar os comportamentos desviantes e/ou contrários às normas sociais, focando nos aspectos do criminoso.

Essa mudança busca focar nas condições sociais e ambientais que tornam os sujeitos vítimas de determinadas violências, daí surgem os estudos sobre:

- a) vitimização;

- b) questões de feminismo e masculinidade, e nesse item surgem os estudos de gênero que priorizam o entendimento da construção social da masculinidade como fator de risco para a violência;
- c) o papel dos grupos e gangues juvenis, focalizados por aquelas investigações que buscam entender a dinâmica social durante a adolescência, a vida coletiva e questões de personalidade que favorecem o crime e a violência;
- d) a sociologia da violência se dedica ainda aos estudos que envolvem o entendimento das favelas e questões de pobreza, o sentimento de medo e cidadania, o crime organizado e o estado, políticas e justiça por mãos próprias e muitos outros.

O estudo de Sosa Sánchez e Sosa Lugo (2015) dialoga com as ideias do autor acima na medida em que toma a violência, não sob uma perspectiva puramente interpessoal, mas dentro das forças sociais e culturais de onde emerge este fenômeno. Assim, para os autores, existe uma interlocução entre dois polos que expressam os sentidos da violência: num polo, ela é compreendida como as relações sociais assimétricas de poder e no outro, como instrumento de dominação vinculada a determinada cultura, transmitida através das diversas leituras sociais que são feitas do mundo, das pessoas e das relações.

Watson (2016) em pesquisa realizada com quinze jovens em situação de rua na Austrália, tendo como base para análise dos dados a teoria do capital social de Bourdieu e seu desenvolvimento por Skeggs e Shilling, demonstra como o corpo feminino assume valores diversos no espaço da rua, ganhando status de valor econômico e ao mesmo tempo de valor de proteção. Ser menina no espaço da rua significa usar o próprio corpo com fim político-social, como valor de aliança corporal com homens em troca da própria segurança física.

Numa perspectiva feminista, o feminino se transforma em capital, capital feminino que permite compreender os modos de ser menina e de ser mulher no espaço da rua, bem como os processos de desigualdade de gênero impostos nesse contexto; seja através da constante negociação entre a performatividade de gênero e a hetenormatividade, ou pela disputa de espaço e necessidade de proteção, a violência de gênero é uma realidade concreta no espaço da rua e que subjulga os corpos femininos aos masculinos (Watson, 2016).

Manzoni e Schwarzenegger (2018) em estudo realizado em vinte e seis países, buscou entender quais os efeitos prejudiciais a longo prazo da violência parental, bem como os fatores responsáveis por isso, os autores buscaram testar conceitos provenientes de três vertentes teóricas das ciências sociais, quais sejam: a teoria do controle social, a teoria do autocontrole e a teoria da aprendizagem social.

A teoria do controle social desenvolvida por Travis Hirschi, tem como pressuposto a ideia de que o vínculo com pessoas importantes impedem os indivíduos de se envolverem em atividades criminosas, para o autor os elementos que influenciam nesse processo são afeição (vínculos com os outros), compromisso (identificação com valores convencionais, carreira e escolaridade), envolvimento (grau de ligação com atividades convencionais na escola, igreja, trabalho) valores e/ou crenças dos indivíduos (obediência as leis e normas sociais) (Mourão & Silveira, 2014; Manzoni & Schwarzenegger, 2018).

A teoria do Autocontrole, desenvolvida por Michael Gottfredson e Travis Hirschi, afirma que o crime é resultado do baixo autocontrole dos indivíduos em interação frente as oportunidades de delinquência, esses indivíduos tendem a ser impulsivos, buscar riscos, egocêntricos, e de temperamento volátil (Manzoni & Schwarzenegger, 2018).

Por fim, a Teoria da Aprendizagem Social desenvolvida por Albert Bandura, e ampliada por Ronald Akers busca analisar como processos de reforço e imitação permitem compreender os valores e atitudes individuais que definem a comissão de um ato violento como certo ou errado, desejável ou indesejável (Manzoni & Schwarzenegger, 2018).

Os autores consideraram a família e os vínculos escolares como conceitos centrais da teoria do controle social e do autocontrole, bem como valores morais na relação com o crime e associação com pessoas envolvidas com a prática da violência como conceito central da teoria da aprendizagem social; os resultados do levantamento feito nos 26 países mostraram que os vínculos escolares e os valores morais parecem ser de menor importância quando comparado ao contexto familiar, associação com pares agressores/delinquentes e autocontrole, sinalizando que pais com baixo autocontrole e que usam a violência como ferramenta educativa influenciam para que seus filhos tenham níveis reduzidos de autocontrole na vida adulta e usem a violência para resolver os conflitos, além disso e por outro lado o estudo mostrou também um dado da aprendizagem social, onde o vínculo com pares agressivos reforça o comportamento desviante (Manzoni & Schwarzenegger, 2018).

Reforçando o ponto de vista da cultura, o estudo Colombiano de Devia Garzon e Garcia Perilla (2018) destaca o aspecto cultural como um dos fatores que melhor explicam por que em muitos países da América Latina, apesar da melhora dos seus índices socioeconômicos e dos investimentos em segurança pública, ainda persistem os altos índices de violência e criminalidade. Para os autores, a solução se encontra em melhores investimentos na reeducação de comportamentos culturais negativos e estímulo ao exercício da ética e moral.

Uma outra investigação com a finalidade de estudar os fatores de proteção numa perspectiva individual do adolescente em situação de rua é proposta por Samal (2017); o autor buscou entender o papel das perspectivas de forças em diferentes contextos socioculturais com destaque especial para a população em situação de rua. A revisão de literatura revelou o papel da desconfiança como estratégia de lidar com as situações difíceis, o valor da independência e autoconfiança na construção da resiliência psicológica, bem como, o foco nas experiências de aprendizagem transmitida pelas situações da vida na rua como elemento de sobrevivência em tal ambiente.

Em paralelo com a discussão sobre os contextos sociais, a dinâmica de sociabilidade e dos conflitos entre adolescentes da Região Metropolitana da Grande Vitória, com o intuito de entender como a construção social da masculinidade associada à agressividade contribui para o quadro de homicídios juvenis no Brasil, Oliveira e Rodrigues (2017, p.170) realizaram uma pesquisa com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, abordando a função específica de um tipo de moral que atravessa a sociabilidade em bairros populares, determina os tipos de relações com o comércio de drogas e rege a conduta dos adolescentes, construindo “um regime de violência, num estado de guerra, em que se não matarem, poderão morrer”.

As narrativas de vida dos adolescentes revelaram um conjunto de valores atribuídos à identidade masculina que engendram comportamentos de agressividade e disciplinam o comércio varejista de drogas, e, ao mesmo tempo, a criação de um “regime de desumanização” que propaga a violência em comunidades pobres e considera os sujeitos inseridos nesses territórios desprovidos de humanidade e, portanto, elegíveis à exterminização (Oliveira & Rodrigues, 2017). Na perspectiva dos autores, é essa lógica de entendimento que justifica o crescente número de homicídios no Brasil.

Marit Ursin (2016) em estudo longitudinal e etnográfico realizado em Salvador, BA, com o intuito de examinar discursos excludentes e hegemônicos, mapear os mecanismo de exclusão que protegem e criam delimitações socioespaciais, e ao mesmo

tempo explorar os mecanismos inclusivos conhecidos envolvendo jovens em situação de rua no Brasil, observou-se que os jovens trabalhadores de rua são vistos como “poluentes a paisagem urbana”, ameaçando a existência do turismo, sendo a perspectiva higienista do espaço público vista como alternativa ao melhor embelezamento, limpeza e purificação dos espaços urbanos.

De acordo com a autora, no espaço urbano os jovens moradores de rua são vistos “como irracionais, imprevisíveis, antissociais e perigosos”, sendo observado entre a elite sociopolítica e econômica uma necessidade de delimitar, limitar e vigiar cada vez mais o trânsito de tal público; As agressivas abordagens policiais são utilizadas para empurrá-los e/ou devolvê-los para as favelas, removendo aqueles que são considerados inconveniente a vizinhança e retirando-os dos centros urbanos (Ursin, 2016, p.6)

Sobre essa questão, o trabalho de Rizzini e Limongi (2016), realizado em uma favela do município de Niterói, mostra que, na percepção de jovens em contexto de violência, o processo de vulnerabilização cotidiana é condicionado pela baixa condição econômica das famílias, alta insegurança e maior domínio das organizações criminosas nas comunidades periféricas; destacam-se, a partir disso, os limites impostos ao usufruto dos espaços que assumem função de lazer, convivência saudável e socialização dos jovens, os quais passam a ter perspectivas de futuro desmotivadoras. As autoras acrescentam a esta ideia a representação social que se tem do jovem pobre e de favela, frequentemente visto como alguém potencialmente perigoso e desqualificado socialmente para uma possível inserção no mercado.

Numa perspectiva de compreensão, em termos representacionais, das ideias construídas com relação a população em situação de rua e a violência contra esta população, o estudo de Resende e Ramalho (2017) faz uma análise dos textos, reportagens e notícias publicadas no jornal Correio Braziliense entre os anos 2011 e 2013; foi observado um número significativo de avaliações negativas com relação a este público, tendo as palavras: perigosas, incomodas, viciadas e oportunistas, como as principais qualificadoras associadas a população em situação de rua.

A pesquisa revelou que a violência é o tema de maior discussão e abordagem nas reportagens midiáticas; notadamente as avaliações positivas e/ou negativas com relação a população em situação de rua são demarcadas por diferentes perspectivas de compreensão; quando a população é retratada de maneira individual, nos casos específicos de superação/sucesso/ ou extrema violência sofrida as avaliações tendem a

ser mais positivas, por outro lado quando se retrata coletivamente esta população observa-se maior qualificação negativa dos mesmo.

Um último estudo enquadrado nesta categoria é o de Mondragón-Sánchez et al (2022) o qual demonstra como as dimensões econômicas, políticas, culturais e ambientais podem colaborar para a estruturação de processos de sofrimento no ambiente da rua, utilizando o marco teórico conceitual dos determinantes sociais da saúde (DSS). Os autores concluem que a insegurança alimentar, o acesso as condições sanitárias mínimas para higiene pessoal e a falta de moradia expõem os adolescentes a violência, humilhação social e processos de adoecimento físico e mental.

Por fim, os estudos alocados nesta categoria promovem uma contribuição para o esclarecimento das dimensões imersas na violência e que dão contornos ao funcionamento coletivo dos grupos e da sociedade, destacando a importância de se levar em conta as esferas macrocontextuais ao se empreender investigações sobre fenômenos de caráter multifacetado e complexo como a violência.

2.2 Estudos com Ênfase nos Processos Subjetivos e Psicossociais: panorama das relações intraindividuais

Os estudos colocados nesta categoria fornecem informações relacionadas ao campo das subjetividades e questões psicossociais, cujos elementos podem ser afetados no processo de desenvolvimento dos indivíduos em sociedade, misturando efeitos de diversas naturezas (psíquicas, ambientais, biológicas).

Para inclusão foram consideradas as publicações científicas com foco na produção psicossocial da violência, no entendimento dos sentimentos ambivalentes e outros fenômenos de ordem subjetiva imersos na perpetração ou vitimização frente a violência; abaixo são destacados os principais estudos.

Um conjunto de processos subjetivos e psicossociais estão relacionados com a trajetória de vida de pessoas que fazem da rua espaço de moradia e sobrevivência pessoal, Frederick et al (2021) apresentam o conceito de estabilidade subjetiva como um dos importantes componentes que podem explicar a estabilidade habitacional a curto, médio e longo prazo, explicitando que moradia não se resume apenas a ter um teto mas, acima de tudo, ter uma casa, se sentir protegido, seguro dos riscos do mundo e das ameaças à vida pessoal.

A objetividade e subjetividade são construtos distintos, multidimensionais e com métodos diversos de investigação quando aplicada na compreensão das moradias, uma vez que alguém pode ter uma habitação avaliada objetivamente como adequada em termos estruturais, territoriais e ambientais, mas subjetivamente ser percebida pelo sujeito como um contexto de sofrimento e reativação de memórias traumáticas, contribuindo para o abandono da moradia. Assim, a percepção subjetiva, avaliada através de sentimentos, emoções, memórias e vivências relacionadas a moradia teria, de acordo com os autores, uma importância na compreensão da instabilidade/estabilidade habitacional (Frederick et al, 2022).

Há conexões entre estabilidade subjetiva e estabilidade habitacional, o trabalho de Frederick et al (2022) a partir de dados de uma pesquisa longitudinal com 85 jovens sem teto concluiu que qualidade de vida, qualidade do ambiente, a ausência de problemas com álcool e drogas, bem-estar ambiental e social são elementos que contribuem para estabilidade subjetiva e conseqüentemente maior estabilidade habitacional.

Utilizando de uma abordagem baseada na psicologia social e considerando as ideias de Foucault, Deleuze, Guattari e Agamben, o estudo teórico de Barros e Benicio (2017) problematiza, sob o ponto de vista psicossocial, a violência envolvendo jovens na cidade de Fortaleza, Ceará. Destaca-se, no trabalho, a análise de dois aspectos: primeiramente, os elementos que produzem os “sujeitos matáveis”, os quais possuem um perfil social e identitário específico e, em segundo lugar, a produção psicossocial da figura do “jovem envolvido”, enquanto símbolo que constrói e reconhece política e subjetivamente a periculosidade e violência inerentes a alguns sujeitos pelo fato de serem usuários de substâncias psicoativas.

O número elevado de homicídios é discutido como um dos principais dispositivos de controle social dos corpos de jovens negros, do sexo masculino, pobres e inseridos nas periferias e margens urbanas. Esses sujeitos passam por processos de desumanização, sujeição e subjetivação que atravessam a exclusão e estereotipagem identitária e grupal (Barros & Benicio, 2017).

O que Barros e Benicio (2017) discutem, em primeira instância, é a existência de uma biopolítica de extermínio paralela a uma política de guerra às drogas que justificam, através das narrativas sociais, tais como os programas policiais e telejornais, uma eliminação endereçada a jovens negros pertencentes a estratos sociais minoritários; constitui, assim, uma forma de operação de poder através da violência homicida que

considera o outro que infringiu a lei elegível ao extermínio, onde o estado ocupa um papel contraditório.

Neste mesmo trabalho os autores acrescentam o papel da militarização policial e política como mecanismo de efetivação da violência letal endereçada às juventudes pobres de Fortaleza, contribuindo para que as próprias juventudes se reconheçam subjetivamente como culpadas, não só por suas condutas, como também pelas condições ameaçadoras de sua existência social e força com a qual a estigmatização de suas identidades opera.

Buscando analisar os incidentes e a legitimação da violência juvenil nos espaços de lazer e na rua, Salles e Silva (2010) sob uma perspectiva psicossocial, discute que a identidade estigmatizada (jovem, morador de periferia, falar incorretamente e não ter boa aparência (conforme os padrões sociais de higiene) é frequentemente associada a criminalidade, a diferença social é vista nestes casos como problema e objeto de discriminação.

Conforme aborda Salles e Silva (2010) a identidade estigmatizada desses indivíduos são vistas como imutáveis, onde os jovens são encarados como pessoas criminosas que dificilmente mudarão a realidade; há processos de distanciamento e negação das similaridades entre os grupos e hierarquização das diferenças sociais por meio de atitudes violentas e discriminatórias.

O estudo realizado por Azevedo, Amorim e Alberto (2017), que buscou analisar as implicações da violência institucional na subjetividade de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, coloca-se nesta categoria por promover uma reflexão em torno de um tipo de violência produzida por um serviço cuja lógica seria de educação para a não violência, mas que, na prática, funciona sob a orientação de uma educação punitiva.

Os resultados da pesquisa revelam os sentimentos ambivalentes construídos pela lógica de trabalho da instituição onde os adolescentes estão inseridos; na perspectiva dos pesquisados, seus direitos são contrariados, de modo que a única realidade de proteção percebida é o direito a não ter nenhum direito. O dado da realidade socioeducativa vivenciada pelos adolescentes e revelado na pesquisa é de um conjunto de violências circunscritas na dinâmica de vida dentro da instituição, manifestada através das práticas punitivas, controle e assujeitamento social, as quais impactam subjetivamente na autoestima e projetos de vida dos adolescentes, ocasionando processos de resistência e/ou mobilização no atendimento às expectativas produzidas pelo modelo de socioeducação.

Partindo de uma perspectiva que busca entender os novos arranjos contemporâneos dos tipos de violência e suas relações com questões psicossociais que envolvem adolescentes, sob investigação científica na literatura nacional e internacional, destacam-se alguns estudos, por exemplo o estudo de Cecchetto, Oliveira, Njaine e Minayo (2016) que explora as questões de gênero e violência entre namorados adolescentes.

Em outra perspectiva de análise, as configurações da violência intrafamiliar sob a ótica dos adolescentes será tema discutido por Magalhães et al (2017) em estudo na cidade de Salvador (BA); contrariando a lógica de segurança e proteção as condições de desenvolvimento na infância e adolescência, frequentemente resguardadas pela família, o contexto de vida dos adolescentes é tomado neste estudo como espaço de perpetração das mais diversas formas de violência, tais como a negligência, o abandono, a violência moral, psicológica e física, em sua grande maioria tendo como protagonistas os pais e mães.

Utilizando-se do método da história oral, o que as evidências permitem concluir é a existência de uma invisibilidade e concomitante naturalização com relação as diferentes violências presentes no ambiente familiar. Observa-se, além disso, que os contextos violentos, marcados por práticas educativas parentais punitivas e com deficiência de afetividade dificultam o crescimento saudável dos adolescentes promovendo variados riscos e agravos a saúde.

Ferreira, Littig, e Vescovi (2014), em investigação sobre perspectiva de futuro em crianças e adolescentes, entre 10 a 17 anos, moradoras de abrigos no município de Vila Velha-ES apresentam a dificuldade de compreensão da linearidade temporal por parte de crianças e adolescentes com experiências de rua e abrigamento, os quais não conseguem localizar o tempo que estiverem na rua ou quanto tempo estão abrigados, além de fazerem confusão quanto a idade e local de nascimento e até mesmo quanto a definição dos projetos futuros, seja a longo ou curto prazo.

Embora o público-alvo da pesquisa tenha apresentado um perfil sociodemográfico e de vulnerabilidade classicamente comum (poucas referências afetivas e quadro de ruptura familiar, exposição a diversos tipos de violência, abuso de substâncias psicoativas e prostituição), mesmo que de forma ambivalente, os projetos futuros tiveram como núcleo central questões de ordem familiar, especialmente a possibilidade de retorno ao grupo familiar, o que expressa o papel da família enquanto elemento integrador de valores, crenças e projetos de vida de tais indivíduos (Ferreira, Littig & Vescovi,2014).

Assim, esta categoria encontrada na literatura e os achados que a fundamentam permitem diálogos com os pressupostos centrais deste trabalho, visto que as questões subjetivas e psicossociais que integram a dimensão intraindividual dos adolescentes atravessam o conteúdo dos processamentos semióticos realizados por estes, incorporando a construção dos valores, nesta etapa da vida, e assumindo papel importante na virada para a vida adulta.

2.3 Estudos com Ênfase nos Processos Contextuais e Grupais: panorama das relações interpessoais

Os estudos desta categoria fazem referência às vivências, experiências e práticas dos adolescentes em contextos diversos, os quais, direta ou indiretamente, relacionam-se à violência perpetrada ou sofrida; os resultados dos estudos ressaltam condições ambientais e contextuais que vulnerabilizam e, ao mesmo tempo, expõem esses indivíduos a diferentes riscos; aqui estão inclusos o contexto familiar, a escola, o local de residência e os pares, dentre outros.

Experiências negativas associadas a violência são uma marca na dinâmica de vida dos adolescentes nos mais variados contextos (escola, família, amigos, instituição e rua) vulnerabilizando tais sujeitos é o que revela o estudo de Lima et al (2022), destacando como na escola esses sujeitos apresentam experiências de reprovação, desistência, expulsão e suspensão, somado a violência da escola manifesta pelo sucateamento, falta de estrutura física e tecnológica que estimulem a permanência e experiências positivas neste espaço.

Além da violência da escola, tais adolescentes sofrem com a violência no contexto familiar, manifesta através de formas distintas de opressão, violência física, psicológica e sexual; o contexto institucional emerge também como repressor, desumano e rígido que impede a expressão da liberdade e efetivação do direito social a proteção em todas as suas formas (Lima et al, 2022).

O contexto das amizades também é relatado como produtor de vulnerabilidades e risco ao uso de drogas, comportamento sexual de risco e exposição a violência e por fim o próprio contexto da rua é apresentado como um local de contínuas violências, especialmente para as meninas, que mais sofrem com a violência sexual (Lima et al, 2022).

O estudo de Pena et al (2010) com o intuito de compreender a violência vivenciada por adolescentes em situação de rua na perspectiva de cuidadores de abrigo da rede municipal do Rio de Janeiro-RJ demonstrou que a exclusão social, particularmente o abandono do Estado, como um dos principais tipos de violência reconhecidas pelos cuidadores que atingem os adolescentes. Os pesquisadores denominam esse tipo de violência como violência coletiva, que pode ser praticada por grupos maiores ou pelo estado e também pode ser chamada de violência social, política e/ou econômica.

Um estudo com cento e oitenta e nove jovens entre 12 e 25 anos, realizado por Alleyne, Fernandes e Pritchard (2014), no Reino Unido, com um caráter eminentemente social, buscou entender a relação entre o envolvimento com gangues, o comportamento violento e questões morais numa perspectiva da teoria social cognitiva. Os autores relatam que os jovens que integravam gangues tinham maiores chances de se envolver com o comportamento violento do que aqueles que não faziam parte de algum tipo de gangue. Destacam-se, neste estudo, os resultados que mais interessam ao nosso trabalho: o comportamento violento, no primeiro grupo, dos que se associaram a gangues, estava relacionado ao uso de valores que caracterizavam o desengajamento moral, tais como justificção moral, linguagem eufemística, comparação vantajosa, deslocamento de responsabilidade, atribuição de culpa e desumanização.

Vale ressaltar que Zappe e Dell'aglio (2016) e Heerde & Hemphill (2019) vão ratificar nos seus estudos, respectivamente, a ideia de que o envolvimento com grupo de pares de adolescentes com práticas inadequadas moralmente tem uma função promotora de comportamento de risco, tais como o comportamento antissocial durante a adolescência.

Acrescenta-se a isso o fato desta ter sido uma das poucas pesquisas encontradas, no referido período e considerando os critérios de busca, que levou em conta questões relacionadas ao desenvolvimento de valores na adolescência em diálogo com o comportamento violento, o que o aproxima dos interesses do nosso trabalho.

Outro trabalho com características que se aproximam do nosso interesse pela situação de rua é o realizado por Petering, Rice e Rhoades (2016), cuja análise permitiu compreender as redes sociais de 360 jovens desabrigados em Los Angeles e o risco de comportamento violento nesses grupos. Os resultados revelam que a violência praticada e sofrida por jovens sem teto é um fenômeno de rede; em outras palavras, à medida que aumenta a violência interpessoal entre os pares de determinados grupos aumenta também a probabilidade de maior relato de comportamento violento entre os jovens sem teto.

Pesquisadores como Ortega, Aznar, Martínez e Sánchez (2015) corroboram os dados acima, ao destacarem que adolescentes que vivem em abrigos têm mais chances de apresentarem comportamento violento do que aqueles que mantêm os laços familiares, revelando que o local de residência e/ou contexto de vida é condição importante na modulação do comportamento violento.

Sobre esta questão da moradia, também nos interessa o estudo internacional com adolescentes dos EUA, realizado por Cronley et al (2015), na medida em que os autores relatam a falta de moradia como elemento comprometedor para o cometimento de crime; os achados revelaram que a falta de moradia antes dos 26 anos de idade influencia quase duas vezes mais no cometimento de crime na idade adulta. Outro estudo (Heerde & Pallotta-Chiarolli, 2020) demonstrou que o cometimento de atos violentos na rua ocorre muitas vezes como forma de autoproteção.

Para Heerde e Pallotta-Chiarolli (2020) os sentimentos de vulnerabilidade e as experiências de vitimização estão inscritos como normas sociais no contexto da rua, fazendo parte do convívio cotidiano dos adolescentes e estando relacionada ao distanciamento emocional e uso da violência como recurso a autoproteção.

O estudo de Fiorati, Carreta, Kebbe, Cardoso e Xavier (2017) realizado em Ribeirão Preto, SP, com o objetivo de conhecer os fatores geradores das rupturas das redes sociais de suporte e identificar os diferentes contextos nos quais se deu essa ruptura, permite nova compreensão sobre a situação de rua. Os resultados mostraram a existência frequente de experiências educativas de abandono escolar, processos de intensas rupturas familiares, particularmente na infância e adolescência, e aparecimento de rupturas com o mundo do trabalho relacionado a atividades de baixa renda.

As rupturas sociais identificadas foram influenciadas pelo histórico de analfabetismo familiar, encarceramento dos progenitores e/ou construção de novos laços afetivo-amorosos pelos mesmos e a falta de experiências bem-sucedidas de trabalho formal, as quais poderiam funcionar como alternativa social frente aos processos de vulnerabilização que expõe jovens e adolescentes aos contextos de exploração, tráfico de drogas e demais riscos.

Por fim, o estudo longitudinal de Varela, Zimmerman e Ryan (2018), realizado com adolescentes escolares do estado do Michigan, EUA, encaixa-se nesta categoria porque os autores discutem a função do apego ao contexto escolar como elemento cognitivo relacionado ao comportamento violento. A perspectiva adotada é de que adolescente escolares atravessam um processo cognitivo social em que desenvolvem

determinados tipos de vínculos e/ou apego com a escola, e a qualidade desses vínculos influencia nas atitudes violentas e, posteriormente, em comportamentos violentos. Os resultados confirmam as afirmações acima e acrescentam que baixos níveis de apego escolar estão no centro do comportamento violento e na sua perpetuação ao longo do tempo.

Sobre o contexto familiar, a maioria das pesquisas tem revelado que: o comportamento violento dos adolescentes é antecedido de conflitos familiares mais intensos, é influenciado por experiências negativas ao longo da vida familiar ou uma compreensão negativa de tal ambiente, pelo impacto das influências de amigos que usam drogas, forte experiências de institucionalização e pelas práticas parentais caracterizadas por histórico de abandono e desamparo (Choe & Zimmerman, 2013; Zappe & Dell’Aglia, 2016; Tomasi & Macedo, 2015)

Tais estudos com adolescentes vão confirmar que a qualidade da relação e convivência familiar é elemento fundamental do desenvolvimento satisfatório na adolescência, revelando que as práticas parentais de negligência afetiva e descuido e consequente desestruturação familiar contribuem para a fragilização dos vínculos afetivos com os pais contribuindo, desse modo, para leva-los à situação de rua.

Arpini e Gonçalves (2011) em sua pesquisa utilizando técnicas de entrevista não-diretiva e grupos focais, com participantes de idades entre 12 a 18 anos, buscaram compreender a perspectiva dos adolescentes em situação de rua sobre os fatores associados à violência. Para a maioria deles, as drogas e o álcool foram os principais agentes geradores de violência, somados ao núcleo familiar conflituoso, contexto de maior influência e impacto ao longo da trajetória de vida.

Sobre isso o estudo de Chairani, Hamid, Sahar, Nurachmah e Budhi (2019), utilizando uma abordagem fenomenológica e buscando identificar as experiências de fortalecimento da resiliência familiar como forma de estímulo a melhor adaptação e desenvolvimento de adolescentes em situação de rua, detectou que o medo é uma das respostas psicológicas frequentemente indicadas pelas famílias. O medo era caracterizado por uma preocupação excessiva com relação à segurança dos menores de idade, em função dos casos de sequestros e abuso de drogas que atingem esse público.

Frente aos achados, essa mesma investigação ainda revelou que o desenvolvimento de valores espirituais e religiosos apresenta-se como um dos principais suportes às famílias no enfrentamento dos problemas decorrentes da situação de rua, informando que os ensinamentos religiosos auxiliam os adolescentes a entender o que é

permitido e proibido na rua e, ao mesmo tempo, prevenindo o aparecimento de comportamentos recriminados pela sociedade.

Uma das contribuições mais significativas dos estudos alocados nesta categoria é o diálogo que permite ser feito entre a condição de adolescentes em situação de rua e sua relação com a violência, posto que a quebra de vínculos familiares é o que promove, de acordo com grande parte dos estudos (Brasil, 2009; Brasil, 2016; Rizzini, 2003), a saída para a situação de rua.

Esta categoria de estudos reafirma a necessidade de investigações com grupos em condições contextuais diversas no período da adolescência, tais como aqueles abrigados, os institucionalizados, os sem teto e/ou em situação de rua, ou ainda, os que integram gangues e aqueles com variados vínculos com a escola; os quais compartilham da quebra de vínculos familiares e integram diferentes contextos, reclamando a investigação da gênese das novas significações sobre a violência e suas relações com a formação de valores.

2.4 Estudos com Ênfase nos Processos Situacionais: experiências negativas da vida e competências socioemocionais

A categoria aqui referida trata daqueles trabalhos que direcionam um foco para os fatores que predizem e se enquadram, ao mesmo tempo, nos fatores associados ao comportamento violento e cujos impactos atingem os processos de desenvolvimento na adolescência. Na literatura, de modo geral, encontramos pelo menos quatro destes fatores; são eles: questões sociodemográficas, exposição à violência, experiências negativas na infância, uso de substâncias psicoativas. A seguir, são apresentados os principais achados.

Cauffman, Fine, Thomas e Monahan (2017) pareando informações de raça, idade e o fato de cometer ofensa violenta ao longo de sete anos entre 172 mulheres e 172 homens entre 15 a 24 anos, revelou que padrões ofensivos de persistência ou desistência de comportamentos violentos durante a adolescência podem ser influenciados pelo desenvolvimento psicossocial associados ao controle de impulsos entre homens e mulheres; foi indicado que a maior porcentagem das mulheres (74,4%) infratoras desistem de seus comportamentos violentos na transição da adolescência para a vida adulta em função de maior controle dos impulsos; diferentemente dos homens, que em uma menor porcentagem (36%) empreendem a desistência, Soma-se a isso que

aproximadamente (19%) dos homens além de não desistir, empreendem um aumento de comportamentos violentos na transição para a vida adulta.

Os autores acrescentam que os indivíduos do sexo masculino que apresentaram um aumento da violência, reiteradamente proviam de famílias com baixos níveis de escolaridade e integravam baixos níveis socioeconômicos; neste sentido é salientada pelos pesquisadores a necessidade de que as abordagens de pesquisa focalizem a importância das mudanças no desenvolvimento que podem ser compreendidas na adolescência, analisando as trajetórias dos indivíduos e outros fatores contextuais para compreender a persistência ou não do comportamento violento da virada da adolescência para a vida adulta

Zappe e Dell'Aglio (2016) ratifica estudos anteriormente citados nesta revisão, mostrando que os meninos empreendem mais comportamentos violentos do que as meninas e que os fatores contextuais predominaram entre os mais associados com o engajamento em comportamentos antissociais.

Morgado e Dias (2016), em estudo com 489 adolescentes, focalizaram o papel das características individuais na perpetração do comportamento antissocial. Seus achados revelam que a personalidade e as competências sociais desenvolvidas por adolescentes exercem impacto no aparecimento e/ou prevenção do comportamento antissocial; questões relacionadas a baixa empatia nos meninos e baixo autoconceito nas meninas são elementos discutidos pelos autores para explicar o comportamento antissocial.

Galán, Choe, Forbes e Shaw (2017), em estudo que acompanhou 160 homens de baixa renda da infância até o início da idade e/ou fins da adolescência, com origens raciais diversas situados em Pittsburgh, perceberam que menores níveis de empatia no início da adolescência, 12 anos, foram associados com maiores juvenile petitions¹ para ofensas violentas e maior desengajamento moral no final da adolescência, 17 anos.

No que diz respeito a exposição à violência e/ou reincidência de atos violentos, os trabalhos de Stoddard, Heinze, Choe e Zimmerman (2015); Nardi, Filho e Dell'Aglio (2016); Thomas, Caldwell, Assari, Jagers e Flay (2016) são importantes para a compreensão do fenômeno. Os primeiros pesquisadores revelaram, a partir de amostragem de 850 adolescentes do 9º ano, que a exposição à violência na comunidade prediz menores aspirações educacionais futuras e atitudes mais favoráveis à violência e níveis mais altos de comportamento violento (Stoddard et al, 2015). O segundo trabalho

¹ Aptidões juvenis (tradução livre)

revelou que a violência intra e extrafamiliar é fator associado à expressão de comportamentos antissociais na adolescência (Nardi et al, 2016). Por fim, o terceiro estudo, através de pesquisa com 553 adolescentes afroamericanos do sexo masculino, revelou que testemunhar a violência física perpetrada pelos pares estava ligada à expressão futura de comportamento violento (Thomas et al, 2016).

Quanto as relações com o período da infância, adolescentes em situação de rua geralmente carregam, em sua biografia social e de trajetória de vida, um conjunto de experiências adversas na infância (ACEs) tais como pobreza, perturbações e problemas familiares (uso de drogas, divórcio, morte, membro da família preso, abuso sexual e abuso físico) as quais isoladamente e/ou em conjunto produzem impactos no ajuste psicológico e comportamental destes indivíduos (Rafaelli et al, 2018).

As experiências adversas na infância (ACEs) configuram-se como um conjunto de estressores em forma de eventos e experiências que produzem impactos diversos e a longo prazo nos processos de desenvolvimento humano, bem como na saúde física e mental (Rafaelli et al, 2018).

As experiências negativas na infância são demarcadoras do comportamento violento na idade adulta, é o que destaca as pesquisas de McGuigan, Luchette e Atterholt (2018); Petering, Rice e Rhoades (2015); Cronley et al (2015) as quais exploram as associações entre os referidos constructos.

A pesquisa realizada por McGuigan, Luchette e Atterholt (2018) com adolescentes de 12 a 19 anos, em um centro de internação de longa duração no Nordeste dos Estados Unidos, buscou investigar diferentes experiências de negligência física, vivenciada por crianças, e seu impacto no comportamento violento dos adolescente; dados da investigação permitiram concluir que o histórico de negligência física se apresentou enquanto o mais forte preditor de comportamento violento na adolescência; por outro lado, houve uma dificuldade de esclarecimento de qual o fator preditor de maior impacto para o comportamento violento, se a negligência física ou o abuso físico.

Vale destacar que McGuigan et al (2018) consideraram negligência física, no referido estudo, como a falta de atenção dos pais em garantir, para seus filhos, a segurança alimentar, cuidados médicos, supervisão, moradia adequada ou roupas durante a infância.

O trabalho de Petering et al (2015), já citado nesta revisão, interessa-nos também por esclarecer o impasse colocado por McGuigan et al (2018) sobre o fator de maior impacto, se a negligência física ou o abuso físico. De acordo com os resultados da

investigação realizada por estes pesquisadores, a experiência de abuso infantil aumentou as chances de comportamento violento na vida adulta em quase duas vezes.

Concordando com os dados acima, os estudos de Cronley et al (2015) e Heerde & Hemphill (2019) revelam dados alarmantes sobre a prevalência deste comportamento quando associado a abuso físico na infância. A pesquisa de Cronley et al (2015), que emprega dados nacionais de saúde do adolescente no EUA, revelou que vítimas de maus tratos infantis foram 15 vezes mais propensos a cometer crimes violentos e contra a propriedade.

Em outra perspectiva, com relação ao uso de substâncias psicoativas e suas relações com o comportamento violento, as pesquisas de Silva, Soares e Oliveira (2014), de James, Kristjansson e Sigfusdottir (2015) e de Lightowlers (2017) são contundentes na afirmação sobre a prevalência desses fatores.

O estudo de Silva et al (2014), realizado na cidade de Aracaju e região metropolitana, encontrou que o consumo de álcool e cigarro estaria relacionado ao comportamento violento; corroborando tais dados, o estudo de Lightowlers (2017) analisou as práticas de consumo de álcool durante o final da adolescência e início da idade adulta com adolescentes da Inglaterra e País de Gales. Dividindo em três classes de jovens bebedores (bebedores compulsivos regulares de bares, bebedores sociais regulares, bebedores moderados), o estudo verificou que bebedores compulsivos regulares de bares tiveram uma maior probabilidade de comportamento violento quando comparados às demais classes de jovens bebedores; tais dados permitiram a afirmação da associação entre o local de uso, nível de consumo e práticas de agressão.

O estudo de James et al (2015), realizado na Islândia envolvendo 10 alunos de 15 a 16 anos, confirmam os dados já citados sobre a associação entre o consumo de álcool por adolescentes e a violência, bem como dos efeitos do aumento do consumo da cafeína na intensificação dos sentimentos de raiva e do comportamento violento de modo mais significativo nas meninas do que nos meninos.

Chavarrriaga-Rios e Segura-Cardona (2015), em estudo transversal realizado em um município da Colômbia com estudantes entre 11 e 18 anos, com o intuito de determinar a associação entre o consumo de drogas psicoativas e o comportamento violento, pode verificar que o uso de bebidas alcoólicas, maconha, heroína, cocaína ou ecstasy representam um fator de risco para a autoria de comportamentos violentos.

Classicamente, os estudos sobre violência e adolescência buscaram priorizar investigações pautadas principalmente em abordagens quantitativas, mas, o que se tem

observado nos últimos tempos, é um crescente aumento das pesquisas de abordagem qualitativa nessa área, justamente na tentativa de explicar sua complexidade, evidenciando novas explicações teóricas e metodológicas para o fenômeno em estudo.

Por fim, dos quarenta e três artigos selecionados, dois estabeleceram relações da violência com a questão dos valores (Alleyne et al, 2014; Oliveira & Rodrigues, 2017), um estabeleceu relações da situação de rua com a questão dos valores e três destacaram a falta de moradia e/ou fragilidade dos vínculos familiares e/ou local de moradia como condições da vida que permitem associações com formas diversas de violências (Ortega et al 2015; Cronley et al, 2015; Petering et al, 2016). Tais informações revelam a necessidade de maior investimento e desenvolvimento de pesquisas que busquem compreender, de forma interrelacionada, a adolescência, a violência, a situação de rua e os valores.

3 Fundamentação Teórica

3.1 A Psicologia na Cultura ou a Cultura na Psicologia? Introduções à Psicologia Cultural de Base Semiótica

A psicologia e a cultura, enquanto grandes domínios do conhecimento humano, têm uma longa trajetória de teorização nas ciências sociais e humanas. Entretanto, as discussões culturalistas não estiveram, desde sempre, presentes nas produções em psicologia. A partir das perspectivas de autores como Vygotsky, tais preocupações passaram a compor mais enfaticamente os objetos dos estudos psicológicos (Valsiner, 2012b). Assim, considerada como um produto social ou dimensão da vida, a cultura passou a apontar, conceitualmente, caminhos para compreensão dos comportamentos humanos e fenômenos da mente, permitindo diálogos com uma ciência, até então, emergente como a psicologia.

Entretanto, é preciso reconhecer que o vasto campo de entendimento criado pelas ciências e senso comum em torno desse termo, tais como as perspectivas do multiculturalismo, das raízes culturais e das práticas culturais, revelavam uma falta de consenso e desafios para o entendimento do que seria cultura e de qual o seu lugar na psicologia (Valsiner, 2012b).

Embora com todos esses obstáculos teóricos, conceituais e epistemológicos, a entrada das perspectivas culturalistas, na psicologia, tem representado uma abertura para

a inovação. Valsiner (2012b) nos revela que as aproximações com as áreas do conhecimento vizinhas, tais como a Antropologia Cultural e a Sociologia, abriram as possibilidades para que isto ocorresse.

Uma das premissas básicas de Valsiner (2012a) é a de que os indivíduos, por natureza, constituem-se como seres cultivadores. É nesse processo que a cultura se estabelece como uma dimensão na qual os elementos da vida cotidiana são transformados em signos, os quais permeiam as relações humanas e os papéis sociais.

Valsiner (2012a) afirma, ainda, que a cultura possui uma natureza dinâmica e processual, contribuindo para a compreensão dos sistemas psicológicos humanos, sejam eles intrapessoais (que permitem, aos indivíduos, elaborar processamentos cognitivos e comportamentais sobre si mesmos e sobre o mundo) ou interpessoais (que permitem, aos indivíduos regular o tipo de relação que manterão com os outros indivíduos).

Desse modo, a psicologia semiótico cultural entende que o desenvolvimento humano é marcado por um conjunto de fatores históricos, sociais e ambientais que intercruzam o sujeito e a cultura e compreendem processos semióticos que assinalam as relações dos indivíduos ao longo do tempo, com os diferentes contextos e consigo mesmos (Valsiner, 2007, 2012a).

Didaticamente, a compreensão científica das relações que as pessoas estabelecem com a cultura pode ser organizada de três formas: em primeiro lugar, é possível conceber que *a pessoa pertence à cultura*. Assim, considera-se que, no curso da vida, os seres humanos integram comunidades, tribos e/ou grupos que predizem o seu modo de ser em função daquela comunidade. Em outras palavras, o sujeito seria definido pela cultura à qual está integrado, compartilhando modos semelhantes de ser (Valsiner, 2012a).

Em segundo lugar, há a possibilidade de compreender que *a cultura pertence à pessoa*. Assim, admite-se que o indivíduo pode participar de diferentes grupos, integrar diversas comunidades e/ou países, aderir a diversas normas e adentrar múltiplos territórios, sendo a cultura analisada, exclusivamente, como uma dimensão da vida psicológica, dos sistemas internos, singulares e subjetivos de cada sujeito. A cultura, nesse ponto, é tida como pertencente ao sistema psicológico do indivíduo (Valsiner, 2012a).

Por fim e em terceiro lugar, concebe-se que *a cultura pertence à relação da pessoa com o ambiente*. Desse modo, a cultura aparece como um lugar de abrangência no contexto da relação indivíduo-mundo, de forma que é impossível dissociar as relações entre o indivíduo e a cultura. Esta passa, então, a ser considerada não de forma isolada,

mas integrada ao mundo das relações, das significações, dos objetos e das coisas, posto que a cultura também é um conjunto de processos (Valsiner, 2012a).

O que se verifica, a partir de todas essas ideias, é o surgimento de um campo de estudo na psicologia, denominado Psicologia Cultural, que entende a mente e a cultura como processos inseparáveis da vida, reciprocamente constituídos (Jahoda, 2012) e que produzem distintas configurações sobre a atividade da pessoa (Gillespie & Zittoun, 2010), integrando o desenvolvimento humano através da constante elaboração e reelaboração de versões de si (Mattos, 2013).

Em função da necessidade de um alinhamento entre o desenho teórico e metodológico e o caráter histórico e social dos fenômenos em estudo e, considerando-se ainda, o desejo pela compreensão das dimensões subjetivas envolvidas no contexto de vida dos adolescentes em situação de rua, foco deste trabalho, a psicologia cultural de base semiótica será adotada como aporte teórico.

3.1.1 Signos e significações

O mundo das pessoas não é o resultado de um processo objetivo e pragmático, com o qual se aprende a elaborar as relações, o fazer cotidiano das coisas e o operar dos objetos, mas, acima de tudo, um processo de interpretação semiótica. Em outras palavras, compreende-se que a humanidade vive em um mundo cujas relações, mudanças, e processos de transformação de si e do outro são atravessados pelo uso dos signos. É por meio dos signos que se comunicam os afetos e se atribui sentido para a vida futura em um processo de incorporação subjetiva da relação da pessoa com o seu contexto de vida (Valsiner, 2012a, 2013). A cultura, assim, aparece como um conceito que abre as possibilidades para a compreensão dos processos de mediação semiótica através dos quais interpretamos o mundo e somos interpretados por ele, sendo os signos considerados como parte da estrutura psicológica de cada indivíduo.

Desse modo, assumindo-se que o desenvolvimento humano é marcado por processos de significação, a cultura aparece como uma dimensão que estabelece os padrões necessários de adaptação, organização e regulação das demandas da pessoa e/ou de seu ambiente de forma recíproca, contribuindo para a atribuição de sentidos nos mais variados campos semióticos (Mattos, 2013).

Entende-se, portanto, que o universo dos signos permeia as práticas culturais diversas, tendo lugar especial nos grupos, nas instituições, nas relações, nos processos

afetivos e sociais de múltiplas ordens, permitindo uma compreensão significativa das questões que envolvem a espécie humana, atravessam as diferentes sociedades e ganham significado através da história (Valsiner, 2012a; 2013).

Valsiner (2012a, p.39) apresenta os signos enquanto elementos construídos pela mente humana e, como tal, ganham sentido através da representação que a própria pessoa faz dos objetos, “consequentemente, signos são instrumentos cultivados pelas nossas relações interiores, mediante a ligação com os objetos no ambiente externo”.

Silva (2010), por sua vez, esclarece que o signo tem um valor científico e social de grande importância, na medida em que permite considerar a complexidade da experiência humana através da análise dos processos de comunicação e das relações subjetivas.

Trata-se, por assim dizer, de processos psicológicos que são sempre subjetivos, ímpares e particulares de cada pessoa e que permitem compreender a grande diversidade de significações possíveis sobre um mesmo objeto. Uma pessoa no mesmo espaço da rua que outras pessoas, por exemplo, quando interpretada como mendigo, ganha um significado de um papel social pouco valorizado (Valsiner, 2013).

Em termos históricos e desenvolvimentais, a construção de significados, compreendida sob a luz da perspectiva da psicologia semiótico cultural, permite, ao indivíduo, movimentar-se ao longo do tempo, consultando sua história passada, seus momentos presentes e perspectivas futuras.

Conceição (2017) ressalta, também, que a pessoa não apenas pensa, interage e sente o seu ambiente, como também, age sobre ele. Em sentido semelhante, Branco (2006) acrescenta que os processos de significação, enquanto ferramentas semióticas, possibilitam, ao ser humano, a produção de instrumentos para gerir sua experiência no mundo, conduzir seus processos de vida e apontar soluções.

Assim, mesmo as significações de si podem ser entendidas como um processo semiótico contínuo da vida humana, culturalmente construído e que, dadas as experiências do sujeito na relação com a escola, com a família, com o ciclo de amigos e seu entorno produzem e reproduzem sentidos no curso do desenvolvimento humano (Valsiner, 2012a; Gillespie & Zittoun, 2010).

As concepções que o indivíduo tem de si tendem a se constituir e reconstituir ao longo do tempo, não como um processo linear, mas sim como processos que constantemente se transformam em função dos contextos ou situações sociointerativas pelas quais os indivíduos transitam (Freire & Branco, 2016). Desse modo, compreende-

se que as pesquisas com adolescentes em situação de rua podem estabelecer um importante diálogo com os estudos sobre a construção de significados, visto que o ambiente da rua parece promover formas peculiares de experienciar as relações com o mundo e, portanto, um modo singular de construção de valores e de modos de vida coletiva.

3.1.2 Signo Promotor e Signo Inibidor

O indivíduo é, por natureza, codificador, decodificador e produtor de signos; transmitimos e recebemos, a todo instante, mensagens carregadas de significados, de modo que o alicerce da vida em sociedade, o elo das relações humanas e a característica central que une os grupos nas diferentes civilizações é a capacidade de significar o outro e a si mesmo (Valsiner, 2013).

A perspectiva adotada permeia a ideia do signo enquanto emergente dos contextos, de forma que não existe signo sem contexto e ambos mantêm uma relação de orientação para o futuro; considerando o dilema humano do tempo irreversível, a construção de significados se inscreve na história e com propósitos diversos. Assim, variando o signo varia também o contexto, construindo novos significados constroem-se também novos contextos (Valsiner, 2013).

De forma geral, os signos podem ser organizados hierarquicamente e, além disso, um signo pode ter uma maior relevância que outro. Tais processo ganham sentido quando se considera a centralidade do ato dual inerente à construção dos significados: eles visam o futuro, em função da incapacidade de mudar o passado (tempo irreversível) e necessidade de atualizar o presente; mas, ao mesmo tempo, são imediatos, dependem do contexto local em que se encontra o signo (Valsiner, 2013).

Assim, Valsiner (2012a) apresenta o conceito de signo promotor enquanto um tipo de signo com orientação interna e subjetiva para o futuro, correspondendo à forma como as pessoas, através dos valores, respondem às demandas do tempo passado, mas que, no aqui agora do tempo presente, direcionam seus objetivos, metas e experiências do mundo para o futuro.

Em diálogo com a teoria da psicologia cultural e a teoria do self dialógico, Mattos (2016) afirma que a pessoa em desenvolvimento atravessa momentos na vida (trabalho, casamento, formação acadêmica etc) que exigem uma mobilização no sistema do self, em que os signos promotores assumem a função de regular as relações do sujeito em uma

linha que une passado e futuro, encontrando, no tempo, uma instância organizadora para os valores da pessoa.

Nesse sentido, uma importante dimensão dos signos promotores é a formação dos valores da pessoa em desenvolvimento, considerando a forma como esta interpreta os eventos de sua vida presente e age de modo ativo e reflexivo no mundo a sua volta, reconstruindo-se no futuro aparentemente reparador do passado e consolidando-se como uma nova versão de si.

Os signos têm uma função promotora e prospectiva com a qual, através das múltiplas experiências, sejam elas positivas ou negativas, captadas, sentidas e enfrentadas no passado e/ou presente, se dá sentido à vida futura no mundo. É por meio desse caráter singular do tempo, impactado na dimensão humana, que perspectivas diversas de significação adentram o universo subjetivo das pessoas em desenvolvimento (Valsiner, 2012a) e permitem, ao mesmo tempo, compreender os processos complexos, tais como a violência, a quebra de vínculos familiares e a situação de rua de famílias e seus codependentes.

Em outra perspectiva de análise se apresentam também os signos inibidores e/ou inibitórios, os quais, dentro da hierarquia dos signos, têm a função de bloquear um signo anteriormente emergente ou criar uma tensão entre os significados relacionados a um mesmo objeto, os quais podem expressar desejos ambivalentes (desejo, mas não posso, quero, mas não necessito) ou outras construções de significados que apresentem determinados dilemas subjetivos (Valsiner, 2013).

O exemplo dado por Valsiner (2013), para esclarecer tal conceito, é de um cartão postal onde a pessoa tem um sentimento que a impulsiona a aceitá-lo enquanto objeto, mas concomitantemente aos processos semióticos que constituem o seu desejo surge um outro signo que bloqueia ou dificulta o processo de posse do objeto e revela as razões pelas quais o sujeito não poderá tomar posse do cartão postal. É desse conjunto de significados ambivalentes relacionados a um mesmo objeto que surge o signo inibidor.

A partir disso, compreende-se que o estudo tanto dos signos promotores quanto dos signos inibidores em adolescentes e/ou jovens associado aos dilemas e/ou conflitos inerentes a esta fase do desenvolvimento, caracterizada pela transição para a vida adulta, assume uma importância singular na discussão sobre as especificidades das significações relacionadas à trajetória de vida de cada um desses indivíduos.

Mattos e Chaves (2012) destacam, sobre isso, que o significado das ações de uma pessoa pode variar em função dos seus novos contextos de vida, exemplificando com o

caso da entrada de um jovem no contexto do trabalho. Os autores revelam que a entrada em novas esferas da vida associada a novos vínculos e novas perspectivas de futuro e de si mesmo promovem descontinuidade, mas, ao mesmo tempo, necessidade de auto-organização.

Baseado nas ideias destes autores, pode-se indagar sobre como os adolescentes significam suas ações no contexto da situação de rua. As significações decorrem não apenas dos seus processos intrapsicológicos, mas também daqueles interpessoais, sendo imprescindível, nesse ponto, as considerações sobre a cultura pessoal e coletiva. Nesse sentido, pensar os conflitos familiares como fenômeno promotor de comportamentos violentos pode ser um importante desafio para esta pesquisa.

No artigo 1, deste trabalho, as ideias de signo de promoção e signos de proteção são baseados nos conceitos trabalhados nesta seção.

3.1.3 Cultura Pessoal e Cultura Coletiva

A perspectiva desenvolvimental da psicologia cultural considera os seres humanos formados ontogeneticamente, a partir de diversos elementos, tais como a construção de significados sobre um tempo irreversível, as relações com o ambiente em que o ser humano produz internamente significados sobre os objetos e fenômenos psicológicos emergentes (cultura pessoal) e, ao mesmo tempo, as influências das comunicações intersubjetivas ou papéis sociais com os quais estabelece relações mediadas por signos ao longo de sua vida (Kharlamov, 2012; Valsiner, 2012a).

Dentro desses aspectos, cultura pessoal e cultura coletiva se vinculam por uma relação mútua de comunicação mediada por signos, utilizando-se de figuras de representação social significativa, concernentes aos grupos aos quais a pessoa pertence, que estabelece e reestabelece diálogos com a construção do seu self imediato operando a nível dos processos afetivos e até mesmo fisiológicos (Valsiner, 2012a).

Frente essa relação, Valsiner (2013) destaca que ambas as culturas possuem uma “noção gêmea” de interpretação atrelada aos processos de internalização e externalização, porquanto o convívio social das pessoas no mundo é pautado numa co-construção; a cultura pessoal, por outro lado, possui uma certa independência em relação à cultura coletiva, mesmo que a primeira se utilize da segunda para reconstruir os sistemas pessoais e intrasubjetivos de sentido.

Assim, enquanto a cultura coletiva se apresenta como criação produzida nas interações da pessoa com outras pessoas, das comunicações, da dimensão intersubjetiva e daquilo que é compartilhado socialmente, a cultura pessoal se materializa no conjunto de signos integrantes da dimensão intrapsicológica da pessoa no mundo e que produz sentido para sua vida coletiva e social (Valsiner, 2013).

Para Valsiner (2013), a riqueza da cultura coletiva, quando se consideram as práticas sociais, as diversas construções dos grupos em que as pessoas estão inseridas e/ou se inserem, os valores, os fenômenos da história dentre outros, só faz sentido tendo a pessoa como centro regulador de toda uma heterogeneidade cultural, a qual se encontra circunscrita em um processo contínuo e indeterminado de construção e reconstrução no mundo do qual faz parte.

A condição de vulnerabilidade e risco, vivenciada por adolescentes em situação de rua, nesse sentido, é um importante e desafiador campo que permite compreender tanto as idiosincrasias que formam e legitimam a cultura pessoal nesses ambientes, como, também, permite mapear o universo de significações que orientam os valores de grupo, trajetórias de vida e laços interpessoais que caracterizam a cultura coletiva nesse contexto.

A ideia de Conceição (2017, p.25) é de que “a pessoa atua como agente ativo na construção de um conjunto de significações pessoais” entendidas, nesse processo, como a cultura pessoal, de tal forma que os processos internos reguladores da conduta, em cada contexto, passam a ser instrumentos tanto da produção de novos signos como também da construção da experiência subjetiva em dado ambiente.

Para Mattos (2013), de acordo com a psicologia semiótico cultural, a cultura coletiva envolve as estruturas de crenças e valores, adquiridos pelas pessoas no meio social, que se alinham às trajetórias de vida dos indivíduos e autorizam a criação de uma cultura pessoal; tal fenômeno permite maior expressividade das dimensões da subjetividade bem como novas significações e ressignificações da relação dos sujeitos consigo mesmo e com o mundo (Mattos, 2013).

3.2 Compreendendo os Valores Morais: das abordagens tradicionais aos novos modelos

3.2.1 Perspectiva Histórica e Filosófica dos Valores

Conquanto os desafios éticos e morais atravessam a vida humana, independentemente do contexto onde os indivíduos estejam inseridos, na escola, na rua, no trabalho, na família, todos, em algum momento da vida, irão se deparar com algum dilema na esfera moral que demandará uma posição baseada em princípios, valores, normas ou costumes apreendidos ao longo do tempo, os quais subscreverão suas ações.

Neste tópico apresenta-se uma compreensão histórica, filosófica e psicológica de dois conceitos básicos, valores e moralidade, para se compreender a amplitude, dimensões teóricas e significações de um constructo central na psicologia e tão importante na vida humana: os valores morais. Para isso assume-se, como ponto central, que os valores e a moral possuem dimensões múltiplas de compreensão.

Há um reconhecimento, por variados autores, de que a moral possui um caráter histórico (Vazquez, 2002; La Taille, 1992; Nunes e Branco, 2007; Montanha, Lepre, Silva, Costa, 2016;), de modo que a moral tem sido construída e transformada desde os primórdios; à medida que a sociedade muda, a moral se transforma e, por essa razão, para Vazquez (2002), existe a moral da antiguidade, a moral feudal própria da idade média e a moral burguesa da sociedade moderna, sendo, assim, um fato histórico que capta o modo do homem ser homem, tornar-se homem, se fazer sujeito e produzir sua existência, seja ela material, prática ou espiritual, por diferentes momentos históricos.

Por outro lado, existem perspectivas que ignoram o caráter histórico da moral e tentam compreendê-la a partir de uma visão a-histórica; pelo menos três perspectivas têm sido apresentadas (Vazquez, 2002): a primeira coloca Deus como origem ou fonte da moral, relacionada à necessidade humana de transcender, uma espécie de moral centrada em e proveniente de um poder supremo acima do homem; na segunda, a origem da moral, posta em diálogo com uma perspectiva Darwinista, estaria centrada na natureza instintiva, natural e biológica inerente não só aos homens, como aos animais de todas as espécies, de forma que alguns valores morais, como lealdade, seria elemento compartilhado entre todas as espécies animais. Por fim, na terceira, a moral teria uma origem no homem geral, abstrato e irreal e distante da história social, alguém que possui capacidades e virtudes que perduram além da história, inata e intransferível, inerente a todos os indivíduos.

De modo geral e concordando com as ideias de Vazquez (2002), estudos teóricos como o de Montanha e Colaboradores (2016) destacam, o que se observa das sociedades primitivas às modernas é que mudanças histórico-sociais envolvem mudanças morais; por esta razão, conforme já dito, é possível fazer uma leitura da moral em diferentes períodos históricos, uma vez que a moral também possui uma datação histórica.

Nas sociedades primitivas o homem, para poder sobreviver e assegurar a manutenção da existência de sua prole, teve que buscar a dominação de elementos da natureza, no que diz respeito ao uso e à fabricação de instrumentos. Assim, face à fragilidade de suas forças através do trabalho puramente individual, o homem teve que lançar mão do trabalho em conjunto, na coletividade, para aumentar suas forças, multiplicar seu poder sobre a natureza e reafirmar a vida social das tribos como um todo. Dessa vinculação social foram produzidas as primeiras prescrições normativas, orientações tribais, elucidação das principais competências e qualidades de cada grupo, surgindo, então, a moral, com a finalidade de “assegurar a concordância do comportamento de cada um com os interesses coletivos” (Vazquez, 2002, p. 40).

Montanha *et al* (2016) ressaltam que tais regulamentos seriam estendidos, de modo geral, a todos os membros das comunidades tribais de modo indistinto, de forma que questões de foro íntimo e/ou individual não poderiam se sobrepor ou entrar em conflito com as demandas e entendimentos emanados no âmbito coletivo.

No período greco-romano, com o aparecimento da mão de obra escrava, prisioneiros de guerra, aumento da produtividade econômica, novas construções de obras arquitetônicas e o desenvolvimento da mineração, surgem, nos contextos político e econômico, dois grandes fenômenos que reorganizariam toda a vida social e a moral nas principais cidades e estados: a desigualdade de bens e, com ela, a divisão de classes sociais (Vazquez, 2002).

Tais fenômenos vão contribuir para a definição de novos princípios doutrinadores das relações entre os indivíduos e seus semelhantes, de modo a promover a disciplina social vigente a ser seguida por todos, embora causasse desconforto para os que estivessem numa escala social inferior. A partir dessa incoerência, Vazquez (2002) destaca a existência de duas morais: a dos homens livres, com maior influência e dominância em função de sua influente base teórica alicerçada nas ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles, e a moral dos escravos, desenvolvida pelos mesmos e que satisfazia os interesses de liberdade deste grupo e, por isso, só conseguia ter visibilidade no interior do próprio grupo.

Seguindo a trajetória histórica, na sociedade medieval o pensamento moral vigente era proveniente da estrutura hierárquica e centralizadora de poder da época, que fundamentava a interpretação da vida social de todos os indivíduos. Neste sentido, a igreja, instituição com maior concentração de poder nesse período, assume um papel

central, revelando ao povo uma moral puramente religiosa, com ênfase nos elementos espirituais (Vazquez, 2002).

De acordo com o autor supracitado, o sangue (no sentido da linhagem familiar) exercia uma função demarcadora das qualidades e valores morais que distinguia nobres de plebeus e servos. Paralelamente a estas ideias, com o acentuado destaque das condições desiguais de vida, a consideração da caridade como valor divino e o desenvolvimento de uma moral cristã, surge a burguesia, trazendo consigo não apenas uma nova forma de fazer comércio e gerar lucro, como também um novo modo de se pensar as relações entre senhores feudais e escravos, nobres e plebeus, promovendo questionamentos sobre o valor da força de trabalho, concomitante com a necessidade de relações mais justas entre os indivíduos.

Importa, ainda, ressaltar que, ao logo do tempo, a cultura judaico-cristã promoveu um imenso diálogo e consolidação dos valores, a partir da criação e propagação de costumes religiosos, considerados fundamentais à vida cotidiana, os quais organizavam a vida em sociedade e promoviam novas perspectivas de entendimento da realidade social (Pedro, 2014).

Por fim, na modernidade e na sociedade contemporânea, o que se tem observado é que a moral rompeu com as tradicionais normas e costumes característicos do mundo grego e medieval para dar lugar à razão; a moral deste novo mundo é mais relativa e menos absoluta, uma moral voltada para o homem indivíduo, titular de direitos e desejos e cuja realidade de vida é pautada em uma pluralidade de hábitos e valores individualistas (Cremonese, 2018).

Na perspectiva de Reale (1991), das sociedades antigas às modernas, o tema dos valores foi objeto de investigação, interesse e disputas teóricas no entendimento das raízes da conduta humana; a palavra *valor*, nesse sentido, se apresenta como invariante axiológica dos múltiplos sentidos da conduta humana em determinada sociedade, ou como fenômeno histórico e cultural que permite entender as intenções e/ou distintas naturezas das experiências valorativas.

Na Grécia, costumeiramente, duas palavras estavam associadas aos valores; primeiramente, o substantivo *áxia*, raiz do termo axiologia, utilizada para caracterizar o preço/valor de um objeto ou para descrever uma situação que solicitava uma atribuição de valor de estima ou de dignidade ou grau de pena a ser aplicada. Em segundo lugar, diferentemente, os gregos utilizavam o adjetivo *áxio*, com maior expressividade que quer

dizer *digno de estima*, como forma de reconhecer as qualidades e virtudes dos artistas e a valentia dos heróis de guerra (Reale, 1991).

No plano filosófico, é possível afirmar que, embora axiologia e valores sejam comumente utilizados em contextos semelhantes e mantenham uma relação de sentido muito próxima, ambos são conceitos distintos. Em outras palavras, a axiologia se preocupa com o estudo ou tratado dos valores, sendo, assim, uma reflexão filosófica sobre este último, considerando suas funções e as raízes conceituais, estruturais e teóricas; por outro lado, os valores se enquadram como o objeto de estudo da axiologia (Pedro, 2014).

O termo valor, no entanto, aparece, pela primeira vez, entre os séculos XVIII e XIX, nas ciências econômicas, surgindo da necessidade de se apreender um dos produtos essenciais da atividade humana, o bem econômico e seu *valor* de troca e/ou negociação. A partir dos séculos XIX e XX, com Nietzsche, a palavra irá assumir um sentido de objeto de investigação axiológica enquanto ramo da filosofia (Reale, 1991; Pedro, 2014).

Destaca-se que, antes desse período, tal conceito já era objeto de reflexão filosófica, em Sócrates (470 a.C.-399 a.C.), que debatia o relativismo moral dos sofistas, em Platão (427 a.C.-347 a.C.), despertando e reafirmando a existência de um mundo metafísico, das ideias, o intelecto, a verdade (teoria das ideias), de onde surge a ideia de bem, e, por fim, em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), considerado pioneiro por desenvolver uma teoria dos valores denominada teoria das virtudes, na qual aborda a existência de dois tipos de virtude: as morais e as intelectuais, as quais seriam a base que conduziria a um estado de espírito de felicidade (Pedro, 2014; Montanha et al, 2016).

Nesse contexto é válido introduzir o conceito de ética, em virtude de seu caráter funcional para entender as relações humanas, além deste assumir lugar de debate nos estudos históricos, filosóficos e sociológicos sobre moral, valores e costumes.

Costumeiramente, os conceitos de ética e moral são confundidos e/ou considerados como semelhantes, muito embora ambos possuam distinções e se apresentem de modo independente mas, ao mesmo tempo, se complementando; por essa razão considera-se que ética e moral são conceitos bidireccionalmente complementares, sendo que a ética aponta para os caminhos da reflexão e interrogação e a moral aponta para o caminhos dos costumes e normas mas, acima de tudo, para sua recriação condicionada à reflexão ética (Pedro, 2014).

3.2.2 Perspectivas Psicológicas Tradicionais sobre a Moral

Na psicologia o campo de estudos sobre a moral possui uma base muito profícua, tendo por eixo uma discussão que envolve diferentes escolas de pensamento, pesquisadores clássicos, modernos e contemporâneos e um campo vasto de aplicação teórico-prática.

Nesse sentido Yves de la Taille tem sido considerado um dos pesquisadores contemporâneos importantes quando se deseja entender a influência de questões morais nos comportamentos sociais e, ao mesmo tempo, traçar uma linha de estudos que tem, seja do ponto de vista central ou periférico, uma busca pelas dimensões psicológicas da moralidade.

A moral não é um simples conjunto de costumes, uma mera visão de mundo sobre a realidade ou um composto de crenças que afetam a conduta humana, “a moral é sempre uma determinada moral” e, acima de tudo, um fato psicológico certificado por um sentimento de obrigatoriedade constituidor de um possível plano moral na psiquê humana, associado a determinados valores, princípios e regras (La Taille, p.106, 2010).

Nesse sentido, discutir as condutas dos indivíduos e seus postulados morais implica, antes de tudo, a necessidade de um esclarecimento sobre três conceitos centrais na compreensão da dimensão intelectual e/ou da razão que orientam o comportamento humano e a vida em sociedade: os conceitos de regra, princípio e valor (La Taille, 2010).

Para La Taille (2006), a regra é tudo aquilo “que permite dar corpo à moral, situá-la no tempo e no espaço”, corresponde às formulações escritas, ditadas e direcionadas de forma objetiva pelos manuais. Exemplo disso são os dez mandamentos do Antigo Testamento Bíblico, que formulam diversas orientações para a vida em sociedade como “não matar”, “não roubar”, dentre outros.

Os princípios constituem a gênese das regras, ou o espírito destas; enquanto a regra expressa a ideia “não matar”, o princípio testemunha o sentimento do “devemos amar-nos uns aos outros”. Por fim, os valores são o campo da ética que dá sentido à vida humana; eles são afetivos, mas, ao mesmo tempo, apresentam e denotam conteúdo da consciência intelectual (La Taille, 2006, p.74, 75), poderíamos citar como exemplo a solidariedade enquanto um valor que sinaliza a disposição dos indivíduos para ser solidário e compassivo em relação ao sofrimento e/ou necessidade do outro.

A questão dos valores, na psicologia, tem sido historicamente explicada a partir de abordagens psicológicas da moral, as quais contribuíram para a construção de um campo de investigação denominado psicologia moral, apresentando múltiplas

interpretações psicológicas associadas a diferentes escolas de pensamento, como forma de compreender os laços da conduta humana com processos afetivos, cognitivos e sociais.

La Taille (2006) apresenta quatro abordagens que melhor fundamentam uma compreensão da diversidade teórica da psicologia moral: a de Émile Durkheim (1902/1974) e a da Psicanálise de Freud (1929/1971), que buscam caracterizar os processos afetivos inerentes à conduta moral humana sem, contudo, apresentar uma estrutura de conceitos claros e articulados sobre a moral; e a perspectiva construtivista de Jean Piaget (1932) e a de Lawrence Kohlberg (1981) que demonstram e dão ênfase aos aspectos racionais e intelectivos, promotores de uma reflexão sobre os valores e normas de convívio em sociedade.

A princípio, o pressuposto psicológico de Durkheim é de uma moral pautada em um valor absoluto, supremo e sagrado de sociedade e de grupo, o qual se sobrepõe aos interesses e propósitos individuais, submetendo cada pessoa às ordens do coletivo, de modo a regular, não apenas suas condutas no presente momento, quem a pessoa é, como também o ideal de si, quem ela deseja ser. Assim, o desafio do trabalho pedagógico sobre a moral é transformá-la em sentimento sagrado para os indivíduos em sociedade (Vares, 2019; La Taille, 2006).

A ideias difundidas por Durkheim é de uma moral supra-individual, incompreensível e incomensurável pela intelectualidade humana sob o ponto de vista de promover alterações ou mudanças, pois a mesma é um processo dado pela ordem coletiva da sociedade, sendo apenas concebível e passível de entendimento como forma de aplicação para a vida pessoal e transformação das ideias humanas (La Taille, 2006).

A perspectiva moral de Freud, embora com pontos semelhantes à de Durkheim, apresenta a figura dos processos mentais inconscientes que, face à necessidade de controle de suas condutas, produzem conflitos no indivíduo, especialmente entre as condutas determinadas pelos ditames da sociedade e a natureza de seus desejos pulsionais (La Taille, 2006).

A concepção psicanalista da moral aqui é de um valor interno dado não apenas pela instância psíquica do sujeito, mas, ao mesmo tempo, atravessada por uma lei externa formatada pela experiência do complexo de Édipo, através da qual a humanidade se desenvolveu filo e ontogeneticamente (Barreta, 2012).

O ponto que liga as ideias de Freud às de Durkheim está na concordância da moral enquanto fenômeno apreendido na relação do indivíduo com o ambiente externo, seja uma relação de conflito ou puramente de obediência, em que os processos de

interiorização dos valores acontecem através das constantes pressões sociais, ou da incompatibilidade de aceitá-las, que buscam adequar as atitudes e comportamentos dos indivíduos em dado contexto, afetando-os subjetivamente (Barreta, 2012; La Taille, 2010).

Essas duas perspectivas, quando consideradas no campo da psicologia moral, propõem ideias distantes de um modelo aprioristicamente sistemático, pautado numa ética do desenvolvimento humano que tem como centro fatores causais de ordens estritamente biológicas ou ahistóricas, mas considera-se uma integração das dimensões psíquicas e sociais ordenadoras dos valores produzidos pela sociedade e em sociedade.

Sob uma divergente perspectiva de análise da psicologia moral, os escritos de Kolberg e Piaget vão transitar entre as esferas do conteúdo da razão humana e o papel da autonomia enquanto mecanismo que dialoga com o desenvolvimento moral dos indivíduos.

O que torna Piaget diferente dos demais autores, citados até o presente momento, é sua capacidade de explicar a moralidade sob um viés puramente individual, o qual é elucidado através das fases do desenvolvimento, cuja superação dos desafios impostos a cada etapa significam a elaboração de novas capacidades intelectuais necessárias à interação humana com o ambiente (La Taille, 2010).

De acordo com La Taille (2010), Piaget trata do chamado desenvolvimento moral em termos de processo construído, auto-organizado, decorrente da razão e inteligência, e comum aos indivíduos na sua relação com o ambiente. Esclarece que tal processo é marcado por três fases específicas: a anomia (pré-moral), em que se observa um processo de inexpressão da moral mas, antes de tudo, o predomínio do hábito e das ideias associadas ao dever; a heteronomia, que corresponde a um tipo de obediência cega e submissão a figuras representativas de autoridade na vida da criança; e, por fim, a autonomia, caracterizada por uma necessidade de reciprocidade e de não somente obedecer as regras, mas questioná-las, redefini-las e entender o seu processo de construção.

A partir do momento em que a criança alcança essa fase do desenvolvimento denominada de autonomia moral, as regras dos jogos, as normas de convivência e as leis da vida ganham um sentido que articula as ideias de igualdade e reciprocidade na compreensão das configurações morais da dinâmica social, passando a compreender as regras como objeto de construção mútua e passível de constante mudança (Fini, 1991).

Em diálogo com a obra de Piaget, Lawrence Kohlberg discute a moral em termos da sua relação com o desenvolvimento da razão e com o chamado juízo moral; aplicando ideias semelhantes às de Piaget, tais como a aplicação de sua teoria do juízo moral em forma de estágios, bem como a universalização dos processos de desenvolvimento moral para diferentes indivíduos de diferentes culturas (La Taille, 2010).

As pesquisas de Kohlberg, feitas no processo de elaboração de sua teoria do desenvolvimento moral, abrangeu diferentes países (Estados Unidos, México, China, Turquia e Malásia) e um público diverso de 75 meninos de 10, 13 e 16 anos de idade e utilizou, como técnica de coleta de dados, a apresentação, aos sujeitos participantes, de dilemas morais hipotéticos (Fini, 1991; Papalia & Feldman, 2013).

Kohlberg analisou as respostas aos questionamentos e comparou o raciocínio moral dos entrevistados e, assim, o processo de definição dos estágios foi estabelecido com base nos posicionamentos apresentados pelos entrevistados e nos processos de pensamento demonstrados e seus dilemas em consonância com os aspectos do juízo moral (Fini, 1991; La Taille, 2010; Papalia & Feldman, 2013).

O autor elaborou três estágios (níveis pré-convencional, convencional e pós-convencional) inserindo, para cada qual, mais dois subestágios, totalizando-se seis etapas (La Taille, 2010; Fini, 1991).

As conclusões de Kohlberg postulam uma relativa diferenciação na idade dos meninos para cada estágio, mas mantém a centralidade na universalidade da sequência dos estágios; além disso, revelam uma uniformidade do raciocínio moral, independente da orientação religiosa, ou mesmo dos aspectos culturais, dialogando, assim, com muitas das conclusões de Piaget (Fini, 1991).

3.2.3 A Psicologia Cultural e uma nova forma de compreensão dos valores

Para Nunes e Branco (2007) os valores morais estão inseridos nos diferentes grupos e são compartilhados nas práticas sociais. Existe uma bidirecionalidade em sua transmissão e eles são centrados e/ou repassados por uma figura significativa, que pode ser o responsável pela criança, ou outra pessoa de representatividade singular no seio social. À medida que a sociedade se transforma e se desenvolve, os valores e as crenças passam por este mesmo processo e assumem perspectivas diversas no sistema social ao longo da história.

Em revisão de literatura sobre a temática do desenvolvimento da moralidade na sua relação com a formação dos valores e crenças de cada indivíduo, Martins e Branco (2001) discutem como as perspectivas teóricas tradicionais alicerçaram um conhecimento amplamente diverso nessa área, desde Freud, sob uma perspectiva edipiana da consciência moral, passando por Bandura e sua compreensão sobre o processo de aprendizagem social somado às condutas morais, até os trabalhos de Piaget e Kohlberg, com destaque especial para o conteúdo cognitivo do desenvolvimento moral dos indivíduos.

Percebe-se que existiu uma tradição na psicologia que, por longo tempo, perdurou, associando os valores a questões estritamente cognitivas; tais ideias piagetianas e Kohlbergianas restringiam e reduziam o desenvolvimento infantil à definição de fases e estágios relativos a demandas, dilemas e conflitos de cada fase do desenvolvimento infantil (Branco & Valsiner, 2012).

Sobre isso, Herreira (2014) apresenta os valores enquanto fenômeno cujas características são dinâmicas e possuem um caráter desenvolvimental. Com uma visão crítica, comenta que, ao longo da construção da psicologia enquanto ciência, a mesma deixou de lado uma compreensão sistemática e integral das inúmeras dimensões que compõem os valores, tendo, assim, se apropriado de concepções teóricas restritas a determinadas dimensões e ignorado a multicausalidade do conceito, a totalidade de seus elementos, suas qualidades subjetivas e o processo de transformação mútua ao longo da trajetória de vida de cada pessoa.

Ampliando o conceito de valores para outras dimensões, tais como as culturais e intrasubjetivas, Valsiner (2012a) afirma que o valor é algo inerente à cultura, perpassando desde os conflitos das tribos primitivas, das ideias europeias até a construção moderna das normas sociais pelas quais os indivíduos orientam suas ações; de modo geral, os valores são ontogeneticamente internalizados sendo, por outro lado, externalizados por meio dos variados comportamentos humanos, possuindo, em si mesmo, uma carga afetiva.

O estudo sobre os valores importa, nesse sentido, desde uma perspectiva da sociogênese, da ontogênese até a microgênese, visto que o desvendamento de suas características e aspectos gerais permite compreender os sentidos das práticas sociais realizadas pelos indivíduos nos contextos diversos, sejam eles de vulnerabilidade e risco ou mesmo de potencialidades e bem estar (Moreira, 2016).

Em diálogo com as ideias de Valsiner (2012a), Nunes e Branco (2007) referem que o conceito de valor traz consigo uma carga afetiva associada à ideia de dois outros conceitos semelhantes, meta e objetivo. Por outro lado, na formação da identidade dos indivíduos os valores apresentam sentidos semelhantes às crenças e se apresentam de modo singular nos contextos culturais.

Nessa perspectiva os valores são mecanismos importantes que integram a relação dos indivíduos com a sociedade, por meio dos quais são desenvolvidas funções psicológicas específicas cujo objetivo auxilia na transformação das relações e dinâmica social, processo pelo qual se envolve a história de vida, experiências emocionais e interações físicas, sociais e simbólicas da pessoa com o mundo (Nunes & Branco, 2007).

Assim, os valores são elementos estruturantes da vida humana pelos quais os indivíduos concebem seus relacionamentos, atribuem sentidos a suas interações sociais e assumem posições no mundo; tais valores possuem uma estrutura de macro determinantes que inter-relacionam esferas significativas da história de cada indivíduo, dos processos subjetivos e da vida coletiva, que constituem as ações dos indivíduos ao longo do tempo (Valsiner, 2007b; Branco & Valsiner, 2012a).

Valsiner (2007) compreende que o desenvolvimento dos valores ao longo da vida envolve diferentes realidades de vida e, em certo sentido, é questão estritamente relacionada e/ou influenciadora dos comportamentos pró-sociais e antissociais; um exemplo claro para apresentar como funcionam tais comportamentos seria: se um grupo de adolescentes estiver envolvido numa discussão pacífica sobre os males do mundo, pode ser compreendido sob o rótulo de "conduta pró-social", enquanto se o mesmo grupo fosse levar suas discussões para as ruas e torná-las em uma atividade de atirar pedras nos policiais locais, tal atitude será automaticamente compreendida como um ato "antissocial".

A psicologia cultural entende que a dinâmica da interação social possibilita processos de constante significação e ressignificação de si na relação com o outro, se alinhando aos fenômenos de internalização e externalização e, ao mesmo tempo, permite entender as trajetórias dialógicas relacionadas aos seus comportamentos, projetos de vida, visão de mundo e construção dos valores (Gillespie & Zittoun, 2010; Rodrigues & Oliveira, 2016; Mattos, 2013).

Um estudo longitudinal qualitativo, realizado durante três anos na academia militar das Agulhas Negras por Schmitz Wortmeyer e Branco (2019), ganha destaque especial neste trabalho por analisar a dinâmica semiótica de desenvolvimento dos valores

por policiais militares. O estudo possibilitou concluir que existem contextos específicos, tais como os vinculados à instituição militar, onde há processos intersubjetivos de socialização e internalizam de valores vinculados a construção de uma identidade militar.

O estudo de Herreira (2014), apoiado na proposta da psicologia cultural, é também de grande interesse, uma vez que o autor buscou investigar a construção de valores por meninos que vivem contextos de violência na Colômbia e no Brasil. Os dados possibilitaram compreender tanto o papel ontogênico dos valores humanos como também contribuíram para o entendimento do universo semiótico enquanto campo da vida de meninos colombianos e brasileiros carregado de afetos, sentidos, significados, relações e processos de internalização que orientam as relações sociais desses indivíduos.

Um outro estudo que destacou o papel dos valores na vida humana à luz da psicologia cultural foi o de Pinto e Branco (2009), que buscou analisar as concepções, crenças e valores de professores sobre a temática das relações entre socialização, desenvolvimento e educação infantil.

A pesquisa, que foi realizada com 16 professores, contribuiu para o entendimento das lacunas das ações pedagógicas nas instituições de educação, ao desconsiderar os aspectos do desenvolvimento humano que são importantes para a construção de valores sociais e a dinâmica interacional de crianças em processo de ensino-aprendizagem.

Tais discussões epistemológicas relacionadas às culturas pessoal e coletiva e aos processos intersubjetivos e semióticos têm acompanhado a ciência psicológica numa tentativa de compreender como funcionam e se instituem as trajetórias ontogenéticas dos indivíduos. Surge, então, a importância de uma abordagem semiótico-cultural que possa tratar de forma específica os valores e permita sua compreensão associada a elementos da vida intrapsicológica e interpessoal de cada pessoa em dado contexto (Herreira, 2014).

4 Justificativa e Delimitação do Problema

De forma geral, as justificativas para este trabalho podem ser compreendidas sob diferentes perspectivas; em primeiro lugar o que se tem verificado é uma quantidade significativa de investigações científicas que revelam as relações entre comportamento violento e a falta de moradia, moradia irregular e/ou situação de rua (Cronley, Jeong, Davis & Madden, 2015; Ortega, Aznar, Martínez & Sánchez, 2015; Zappe & Dell'aglio, 2016) Contudo, com os estudos encontrados na literatura, até o momento, a partir dos descritores selecionados, são poucas as investigações sobre significações da violência por

adolescentes em situação de rua e sua relação com questões de valores morais nesta etapa do desenvolvimento.

O Brasil é o país com maior número absoluto de homicídios do planeta e está entre os dez países mais violento do mundo, de acordo com ranking da UNODC, o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (2020), sendo a violência apontada como um fenômeno com múltiplas determinações e que exige um conjunto de abordagens compreensivas e investigativas para melhor compreensão.

Violência, suicídio, uso de drogas e acidentes estão entre as principais causas de mortes de adolescentes no mundo todo (Organização Mundial da Saúde, 2021; Malta et al, 2021). O estudo de Malta et al (2021) que buscou analisar, em uma série histórica, as taxas de mortalidade, entre os anos de 1990 e 2019, em adolescentes e adultos jovens com idades entre 10 e 24 anos no Brasil, demonstrou que entre os homens a violência chega a 90% dos óbitos.

Pelo conjunto de implicações e danos psicológicos, sociais e políticos que historicamente produz, a violência tem sido considerada um problema de saúde pública (Dahlberg & Krug, 2006); só em 2022 o Brasil registrou 47.503 homicídios ao longo do ano, o equivalente a 130 mortes por dia, de acordo com o 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022).

Considera-se que os custos da violência para o mundo são inúmeros, incalculáveis e invisíveis. Seus impactos não se restringem a apenas uma esfera da vida social, mas atingem comunidades e nações, além de impactar todo o ciclo de crescimento e desenvolvimento de crianças, adolescentes e adultos (Dahlberg & Krug, 2006).

Entende-se que as questões relativas à violência possuem múltiplos impactos e provém de origens diversas (comportamentais, sociais e subjetivas), tendo assim uma relação dialógica com o desenvolvimento humano, as diferentes dinâmicas familiares e o contexto cultural (Szelbracikowski & Dessen, 2007; Herreira, 2014; Moreira, 2016).

Schenker e Minayo (2005) afirmam que o debate coletivo sobre a adolescência, comportamentos de vulnerabilidade e risco, aspectos psicossociais e violência implica levar em conta uma série de fatores que incluem, simultaneamente, elementos da transição desenvolvimental infanto-juvenil, ou seja, sua trajetória de vida e a exposição aos diversos perigos associados às áreas de entorno, aos vínculos parentais e comunitários e ao contexto de vida de cada criança ou adolescente.

Além da violência, em segundo lugar observa-se que há uma necessidade, na literatura científica, de reconstrução teórica dos temas relacionados ao desenvolvimento

moral, de modo a considerar o universo amplo de sentidos que formam os valores dos sujeitos, considerando os aspectos socioculturais, cognitivos e afetivos não de forma isolada, mas, dentro do contexto de relação de cada sujeito (Martins & Branco, 2001).

Sobre isso, destaca-se que um dos processos mais escassos na literatura, e de importante contribuição para a academia, é o estudo dos valores no período da juventude (Mattos, 2016), considerando que, durante esta fase da vida, diversos elementos transitórios ou que promovem rupturas compõem a trajetória de vida dos indivíduos e estimulam as significações da vida cotidiana.

Essas informações sugerem a importância do campo de significações produzidas pelos adolescentes como aspecto necessário para a compreensão de suas ações e trajetórias de vida. No caso da presente pesquisa, interessa particularmente investigar: quais as significações de adolescentes em situação de rua com relação às violências sofrida e perpetrada e como tais significações orientam as ações e trajetória de vida desses indivíduos e se relacionam com os valores morais.

4.1 Objetivos

Objetivo geral: compreender os processos de significação de adolescentes em situação de rua sobre a violência.

Objetivos específicos

Pretende-se com adolescentes em situação de rua, analisar:

- (1) Os processos semióticos que atravessam a construção de significados sobre a violência, particularmente os signos relacionados à promoção e proteção da violência.
- (2) As significações sobre a escola, trabalho e família por parte de adolescentes em situação de rua e as relações com os valores morais.
- (3) As construções semióticas de adolescentes em situação de rua sobre riscos e formas de proteção social frente à violência.

5 Método

Um dos desafios na pesquisa com adolescentes é a superação dos ditames deterministas e acrílicos vinculados aos fenômenos investigados, os quais expressam

visões tradicionalistas e redundantes sobre temas polêmicos, tais como violência, uso de drogas e condições de risco e vulnerabilidade, condicionando tais estudos a instrumentos de pesquisa e coleta de dados pouco inovadores (Nery, 2018).

Araújo, Oliveira e Rossato (2018) revelam em seu estudo, como um alinhamento entre teoria e uma metodologia não-instrumentalista, ou seja, uma investigação metodológica sensível às características do objeto de pesquisa, às demandas impostas pela realidade e/ou contexto pesquisado e aos diferentes processos de desenvolvimento humano são importantes na implementação de todo e qualquer estudo envolvendo populações de difícil acesso, e neste ponto as pesquisas qualitativas tem um papel fundamental.

A abordagem qualitativa de pesquisa busca apreender os sentidos e, ao mesmo tempo, captar as diferentes experiências dos sujeitos no seu contexto de vida, em dado campo ou local de pesquisa e em relação a determinado problema ou fenômeno em estudo (Creswell, 2010). Neste estudo, é utilizado uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo interpretativa.

Parte-se do pressuposto, ao se fazer pesquisa qualitativa, que o saber produzido pela sociedade possui uma delimitação histórica, grupal, dada pelas relações sociais e contextos de vida, sobrepondo-se a explicações categóricas e rígidas, posto que os fenômenos são fluidos e estão em constante transformação, têm uma complexidade díspar e mutável e requerem perspectivas diversas de apreensão teórica e metodológica pelas ciências (Mansano, 2012; Valsiner, 2013).

Quanto a pesquisa interpretativa compreende-se que esta capta os significados atribuídos pelos sujeitos a suas ações em determinado contexto, de forma autônoma (Moreira, 2002). A terminologia “interpretativa” tem sido associada aos estudos de base qualitativa que busca uma análise cognitiva e/ou intrapsicológica inerentes à vida social (Cassiani et al, 1996)

5.1 Contexto da pesquisa e participantes

Este estudo foi realizado com cinco adolescentes em situação de rua, com idade entre 16 a 19 anos, que se encontravam morando ou trabalhando de modo irregular nas ruas de Feira de Santana-Ba.

Para isto, junto à Secretaria de Desenvolvimento Social do município, foi realizado um mapeamento das instituições que trabalham com a referida população, bem

como, dos territórios de maior concentração de adolescentes em situação de rua, estabelecendo-se assim contato/parceria para conduzir o processo de conhecimento do território e aproximação dos participantes.

A perspectiva apresentada por Santana, Raffaelli, Koller e Morais (2018) é de uma necessidade de aproximação dos pesquisadores com a rede de apoio e referência da população em situação de rua estudada, visto o perfil rotativo, a instabilidade de contatos e a dificuldade de acompanhamento sistemático. Por essa razão, foram empreendidas ações, como exemplo reuniões com o movimento de população em situação de rua, visitas técnicas e entrevistas com às equipes de referência como forma de facilitação da inserção no território da pesquisa e melhor compreensão dos limites e possibilidades da coleta dos dados.

Considera-se, baseado nessas informações, que a pesquisa com população em situação de rua, especificamente adolescentes, representa um estímulo à construção e implementação de ferramentas de pesquisa alinhadas ao contexto geográfico, cultural e social em que os sujeitos se encontram, permitindo, ao pesquisador, visualizar como os participantes da pesquisa funcionam socialmente no espaço onde estão inseridos.

5.2 Instrumentos e Técnicas de coleta dos dados

Inicialmente, foi estabelecido contato junto às principais equipes municipais e de referência, que atendiam ou respondiam às necessidades de adolescentes no contexto de vulnerabilidade e risco na cidade, a fim de melhor descrever e entender as características da população em estudo.

(1) Questionário sociodemográfico

O uso deste instrumento permitiu a descrição das condições sociodemográficas de vida dos participantes e que interessavam aos objetivos da pesquisa, tais como sexo e idade, e outras condições econômicas e sociais pelas quais foi possível levantar aspectos da dinâmica familiar e das relações sociais, tais como, há quanto tempo vive na rua, se possui moradia própria, se mantém os vínculos com a família ou não dentre outros.

(2) Entrevista Semiestruturada

Minayo (2010) entende que a entrevista é uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores com a finalidade de aprofundar conteúdos, formar dados e elaborar informações alinhadas a objetivos pertinentes a determinadas temáticas.

Considera-se que a entrevista semiestruturada é o tipo de entrevista mais frequentemente usada nas pesquisas qualitativas, em função de sua diretividade e capacidade de alinhar foco, profundidade e qualidade das informações aos objetivos estabelecidos na investigação (Fraser, Gondim & Bahia, 2004).

Na pesquisa com adolescentes em situação de rua a entrevista semiestruturada tem uma importância singular em função de sua natureza procedimental, visto que conforme Minayo (2010) tal instrumento de coleta de dados privilegia a interação social, o que facilita a abordagem e ao mesmo tempo, por usa estrutura, garante que os seus objetivos serão abrangidos.

Assim, esse tipo de entrevista é um importante recurso na compreensão de variados aspectos sociodemográficos e da história de vida, bem como possibilita a reconstrução de memórias afetivas e de acontecimentos marcantes da vida dos participantes através de uma relatoria pessoal.

(3) Técnica de Vinhetas explorando questões de valores Morais

Posto que a moral é o conjunto de normas sociais enquanto os valores morais seriam as formas de avaliação ou atribuição de valor que construímos com relação ao mundo (Souza, 2011), a técnica de vinhetas tem um papel singular na construção de dados importantes que procuram entender como as pessoas reagem frente a determinada situação e os processos psicológicos, sociais e intersubjetivos que melhor compreendem suas atitudes (Alexander & Becker, 1978).

Esta técnica contribui para o conhecimento e avaliação das razões que circundam as ações, decisões e condutas humanas nos diferentes contextos através da interpretação das percepções, crenças e atitudes manifestas pelos participantes, que são convidados a apresentar seu posicionamento reflexivo e/ou postura moral frente a uma dada situação hipotética (Price et al, 2014).

As vinhetas são descrições curtas e precisas fornecidas por uma pessoa diante de uma experiência individual ou coletiva e/ou através da criação de uma situação hipotética ou ilustrativa. As vinhetas frequentemente permitem a elaboração de perguntas diretas, abstratas e reflexivas sobre a pessoa, situação ou experiência vivida e a obtenção de

respostas objetivas e claras sobre a tomada de decisão (Alexander & Becker, 1978; Wright, Heathcote & Wibberley, 2014).

Neste estudo foram empregados três casos hipotéticos e com implicações morais, envolvendo adolescentes em situação de rua, e foram descritas as respostas dos participantes em termos de pensamentos, atitudes e sentimentos quanto a tomada de decisão moral frente a cada situação hipotética exposta.

O instrumento foi aplicado através de um caso escrito no papel que ilustra um conflito interpessoal, desempenhado por um agressor e uma vítima, abordando aspectos morais que estimulam posicionamentos e julgamentos frente à compreensão, resolução e esclarecimento da cena vivenciada. Diante dos participantes que não sabiam ler foi feita a leitura por parte do pesquisador.

- (4) Diário de Campo: foi utilizado com o objetivo de registrar impressões relacionadas ao conjunto de atividades realizadas na pré-entrada ao campo e durante toda aproximação teórico-prática, no diálogo com as instituições parceiras (Centro Pop-Rua, Consultório de Rua, Centro Social Monsenhor Jessé – esta última, instituição religiosa que presta assistência a população em situação de rua oferecendo almoço, roupas, cobertores dentre outros benefícios) e com os profissionais que trabalham com a população em situação de rua (Psicólogos e Assistentes Sociais).

5.3 Procedimentos de Análise e Construção dos Dados

A análise dos dados foi realizada com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Semiótico Cultural e nos dados da literatura. Através de uma análise interpretativa, os dados foram transcritos, organizados e analisados por meio de uma ampla leitura com o intuito de buscar sentidos e afim definir formas de categorização e/ou subcategorização das informações.

Primeiramente, após a transcrição literalmente e completa de cada entrevista realizada, foi feita a leitura exaustiva, flutuante e detalhista do conteúdo, assinalando trechos mais importantes das narrativas dos participantes que dialogavam com os objetivos da pesquisa.

Em segundo lugar, em processo de releitura, após realização de grifos e marcações nos principais trechos das narrativas, situando eventos, episódios e palavras dos

participantes, foi realizada a categorização e a subcategorização do conteúdo apresentado de acordo com as perguntas, cenas analisadas e experiências da vida na rua.

Em terceiro lugar, pós realização de leitura, releitura e categorização, o material foi submetido à análise e interpretação, à luz dos pressupostos teóricos e conceituais da Psicologia Semiótico- Cultural, em diálogo com a literatura.

Quanto a construção dos dados, a pesquisa foi realizada com o acompanhamento de atores sociais conhecidos pelos participantes e que direta ou indiretamente já realizavam trabalhos no contexto da rua, como o Consultório na Rua. Previamente foi feito esclarecimento do tempo médio de realização das entrevistas para os participantes, entre 50min a uma hora, e foi escolhido estrategicamente dias e horários da semana de menor fluxo de pessoas na rua e já no final da tarde (fim do expediente) para promover maior adesão.

Embora a entrevista foi realizada nos contextos onde os adolescentes foram encontrados trabalhando (dois participantes nos semáforos, dois nas imediações do centro da cidade e praças públicas e um na feira – livre), os cinco adolescentes entrevistados mencionaram diferentes contextos de trabalho ao longo da semana.

5.4 Considerações Éticas

Pesquisadores do campo de estudos da população em situação de rua (Morais, Lima, Vezedek, Santana e Koller, 2017) descrevem sobre os dilemas éticos frequentes vivenciados ao realizar pesquisas com crianças e adolescentes em situação de rua, alertando para a necessidade de um manejo das relações entre pesquisadores e participantes em investigações científicas no espaço da rua, considerando sempre o bem-estar dos participantes, o papel protetivo da equipe de pesquisadores, a necessidade de adequação metodológica do estudo, o cuidado com a relativização do que é considerado típico a cada etapa do desenvolvimento e a segurança da equipe.

O projeto foi enviado ao Juiz da Vara da Infância e Juventude para concessão de autorização para a realização de pesquisa em campo com adolescentes em situação de rua, em função da impossibilidade de obtenção de autorização junto aos responsáveis legais.

Este foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal da Bahia, conforme regulamentação da Resolução 466/12 seguindo

os protocolos necessários de submissão via Plataforma Brasil e envio dos Termos de Autorização e Consentimento, bem como o Termo de Assentimento do adolescente.

O projeto mais amplo foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal da Bahia sob nº. 4.384.616

6 Resultados e Discussão

Para alcançar os objetivos enumerados e discutidos é apresentado nesta seção três artigos que analisam e debatem os principais achados deste estudo. No primeiro artigo, intitulado “As Significações sobre Violência Construídas por Adolescentes em Situação de Rua: signos relacionados à promoção e proteção” pretende-se investigar quais os signos relacionados à promoção e proteção da violência no contexto da rua; no segundo artigo intitulado “Adolescentes em Situação de Rua: Significações sobre a Escola, Trabalho e Família” investiga-se quais as significações de adolescentes em situação de rua sobre a escola, trabalho e família e como as significações sobre trabalho e família se relacionam com os valores morais.

No terceiro artigo intitulado “Construções Semióticas de Adolescentes em Situação de Rua sobre Riscos e formas de Proteção Social frente à violência” é investigado as significações de adolescentes sobre os riscos e proteção social no contexto da rua.

6.1 Artigo 1

As Significações sobre Violência Construídas por Adolescentes em Situação de Rua: signos relacionados à promoção e proteção

Resumo: Neste trabalho objetiva-se analisar os processos semióticos que atravessam a construção de significados sobre a violência, particularmente os signos relacionados à promoção e proteção da violência no contexto da rua. É uma pesquisa qualitativa, do tipo interpretativa, realizada com dois adolescentes em situação de rua com dados coletados através do questionário sociodemográfico e a técnica de vinhetas. A análise foi realizada

tendo como marco teórico a Psicologia Semiótico Cultural e através de processos de categorização e subcategorização das informações. Os participantes identificaram e atribuíram os signos “confiança em mulher”, “Devolver/Bater também” e “o cara lá tem o que pagar”, a expressão e promoção de práticas violentas no contexto da rua e os signos “Apoio dos Pares”, “Deus” e “Conselho”, como relacionados à proteção quanto a manifestação de comportamentos violentos. A orientação, seja pelos signos de promoção e/ou de proteção da violência, depende do nível de identificação pessoal com a situação, da profundidade da ofensa em termos de gravidade e suas consequências e, por fim, do grau de suporte dos participantes, em termos de valores religiosos, crenças socialmente construídas e orientações familiares.

Palavras-Chave: Adolescentes em Situação de Rua, Violência, Situação de Rua, Signo, Significação

The Meanings about Violence Constructed by Adolescents in a Street Situation: signs related to promotion and avoidance

Abstract: This work aims to analyze the semiotic processes that permeate the construction of meanings about violence, particularly the signs related to the promotion and protection of violence in the context of the street. It is a qualitative, interpretative research, carried out with two adolescents living on the streets with data collected through a sociodemographic questionnaire and the vignettes technique. The analysis was carried out using Cultural Semiotic Psychology as a theoretical framework and through processes of categorization and subcategorization of information. The participants identified and attributed the signs “trust in a woman”, “Give back/Beat too” and “the guy there has what to pay”, the expression and promotion of violent practices in the context of the street and the signs “Peer Support”, “God” and “Council”, as related to protection regarding the manifestation of violent behavior. The orientation, either by the signs of promotion and/or protection of violence, depends on the level of personal identification with the situation, the depth of the offense in terms of gravity and its consequences and, finally, the degree of support from the participants, in terms of religious values, socially constructed beliefs and family orientations.

Keywords: Violence, Homelessness, Sign, Meaning

A conjuntura contemporânea de estudos sobre a violência é bastante ampla e envolve diferentes segmentos sociais, tipicamente em condição de fragilidade, como crianças, adolescentes, mulheres, idosos e pessoas com deficiência (Organização das Nações Unidas [ONU], 1989; Organização Mundial da Saúde [OMS], 2002).

Os contextos de risco e vulnerabilidade cujas características são expressas por meio de padrões estereotipados de interação familiar, insegurança alimentar e de moradia, estruturas precárias de abrigo, acolhimento e institucionalização e pela desproteção no trabalho e segregação socioespacial, como é o caso de pessoas em situação de rua (Maia et al, 2017; Carinhanha & Penna, 2012; Rizzini & Couto, 2019), são dimensões atravessadoras da violência enquanto um fenômeno sociopolítico.

Na psicologia, os estudos sobre a população em situação de rua têm explorado aspectos do desenvolvimento psicossocial (Santana et al, 2004), dimensões dos valores e habilidades sociais (Campos et al, 2000), processos de saúde-doença-cuidado (Morais et al, 2010) e o papel do estado e/ou das instituições na construção e efetivação de políticas públicas no acolhimento, suporte e prevenção de riscos (Santana et al, 2004; Rizzini & Couto, 2019).

O Levantamento nacional sobre a população em situação de rua, realizado no ano de 2009, com 31.922 pessoas em 71 cidades, revelou os aspectos de ordem familiar, histórica, política e de saúde relacionados às condições de vida na rua, apontando percentuais de risco preocupantes que caracterizam essa população, sendo o uso abusivo de álcool e outras drogas (35,5%), o desemprego (29,8%) e conflitos familiares (29,1%) os fatores problemáticos que circundam a dinâmica de vida na rua (Brasil, 2009).

De acordo com dados recentes, divulgados em 2021 pelo observatório brasileiro de políticas públicas com a População em Situação de Rua, da Universidade Federal de Minas Gerais, no Brasil, o total da população em situação de rua, chega a 158.191

pessoas. Desse total, 68% são pessoas negras, 31% brancas, 1% indígenas e amarelas, 87% do sexo masculino e 13%, feminino (Dias, 2021).

Grande parte deste universo populacional vive sob condições de extrema pobreza e pobreza (93%), 84% recebem Auxílio Brasil (antigo Bolsa Família), 87% possuem idade entre 18 e 59 anos, 3% são crianças/adolescentes (0 a 17 anos) e 10% têm acima de 60 anos (Dias, 2021).

Observa-se que nos últimos anos, muitos pesquisadores (Noto et al., 2004; Carinhanha & Penna, 2012; Arpini et al, 2010; Nunes & Andrade, 2009; Demenech, 2021) do campo de estudos sobre a população em situação de rua têm se dedicado a investigar temas relacionadas a violência, criminalidade, uso de drogas, prostituição, exploração sexual e trabalho infanto-juvenil enquanto condições essencialmente estruturantes dos problemas que envolvem a população, nos seus mais diversos recortes etários, em situação de rua.

Neste mesmo contexto das investigações científicas, há um esvaziamento e deslegitimação das qualidades inerentes às pessoas que ocupam o espaço da rua, refletindo nas tendências de pesquisa que, por vezes, seguem a mesma lógica do imaginário social, ao maximizar, estereotipar e naturalizar as fragilidades e vulnerabilidades enfrentadas por essas populações, caracterizando-as como vulneráveis ao invés de vulnerabilizadas.

É a partir dessa problemática que surge o interesse em investigar a significação da violência em contextos marcadamente estudados, descritos e visualizados como essencialmente ofertadores e/ou promotores de violência, estabelecendo relações com dimensões culturais, microgenéticas e semióticas da vida.

Buscando distanciar a ciência psicológica contemporânea dos enquadres ortodoxos e rígidos, Valsiner (2012) discute que há uma variação no modo como os

fenômenos psicológicos humanos se apresentam, uma vez que as pessoas, o tempo e os contextos passam por processos de mudança, o modo como os fenômenos psicológicos se organizam e manifestam-se através de pensamento, sentimento e comportamento também serão alterados ao longo do tempo dos processos culturais que estão imersos.

A cultura é um processo associado a condição humana de cultivo, relacionamento e interpretação das pessoas com o universo social, mediada por processos psicológicos intrapessoais e interpessoais que permitem o desenvolvimento e constituição de mútuas relações dos sujeitos com mundo (Silva, 2017; Valsiner, 2007a).

O estudo de Mortimer e Colaboradores (2014) realizado com duas professoras do ensino superior sobre construção de significados no espaço acadêmico de aprendizagem, corrobora com a ideia que a natureza humana, de interação e desenvolvimento, é permissiva e produtora através da história de vida e dos contextos sociais, de vários modos de representação da vida, utilizando-se do corpo, da fala, dos gestos e do olhar como recursos semióticos, além da própria cultura que possui um valor para a psicologia.

Existem duas perspectivas direcionadoras do conhecimento em psicologia cultural, uma primeira chamada de perspectiva teórica da atividade (focada nas práticas socioculturais, de valores e crenças dos indivíduos em seus respectivos contextos sociais) e uma segunda chamada de perspectiva semiótico-cultural (focada nos mecanismos da vida psíquica humana produtores e reprodutores de cultura por meio de diferentes e diversos instrumentos semióticos, como a significação) (Valsiner, 2007a; Silva, 2017).

Aplicando tais ideias aos adolescentes, compreende-se que estes integram processos desenvolvimentais que estão diretamente conectados com processos culturais, seja pelas vias subjetivas de negociação, interpretação e modificação de papéis sociais construção de signos e significados, também chamado de cultura pessoal, ou mesmo por processos de socialização e trocas interpessoais e coletiva, também chamado de cultura

coletiva, que permite a significação da vida passada, presente e futura (Valsiner, 2012; Mattos, 2013).

A significação é um processo semiótico inerente à condição humana de representação, fabricação e localização de informações, responsável por explicar e dar sentido à experiência e existência no mundo, considerando processos históricos, sociais, subjetivos e psicológicos (Valsiner, 2012).

Compreende-se, além disso, que a regulação da experiência humana é condicionada por diferentes níveis de construção de significados e generalização: nível microgenético, que compõe o conjunto de experiências do aqui-agora integrante da sequência infinita do tempo, nível mesogenético, que compõe o conjunto de práticas coletivas, socialmente desenvolvidas e repetidas, rezar, ir à escola e ir ao bar, e por fim o nível ontogenético que integra o conjunto de significados estáveis ao longo do ciclo de vida da pessoa (Valsiner, 2012).

Assim, a elaboração de investigações sobre a configuração de significados sobre a violência por parte de adolescentes, a partir do aporte teórico-metodológico da psicologia semiótico-cultural (Valsiner, 2012), pode representar um novo horizonte de compreensão dos fatores de risco e vulnerabilidades que permeiam o contexto da rua, bem como a quebra de compreensões unívocas, tradicionais e hegemônicas no campo de estudos psicológicos, sociais e políticos sobre a população em situação de rua.

Por fim, tendo como objetivo geral a análise dos processos semióticos que atravessam a construção de significados sobre a violência, e como objetivo específico a identificação e análise de signos relacionados à promoção e proteção da violência no contexto da rua, este trabalho investiga a seguinte questão: na perspectiva de adolescentes em situação de rua, quais os signos relacionados à promoção e proteção da violência no contexto da rua?

Método:

Delineamento:

A psicologia semiótico cultural postula a importância da centralidade da análise nos casos particulares e/ou únicos, considerando os processos idiossincráticos, microgenéticos, mesogenéticos, ontogenéticos e semióticos constituidores da trajetória de vida do sujeito e da experiência humana no mundo (Branco & Rocha, 1998; Valsiner, 2012). No presente trabalho é feito um recorte de uma pesquisa mais ampla, do tipo qualitativa e interpretativa que permite uma compreensão dos signos produzidos por adolescentes em situação de rua.

Contexto da Pesquisa e Participantes

A cidade de Feira de Santana possui 620 mil habitantes, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2020). Nery (2019) revela em seu estudo que a maior parte dos adolescentes, em situação de rua, em Feira de Santana, costuma ter uma maior concentração em territórios/regiões geográficas específicas que facilitam e potencializam maiores ganhos financeiros para o autossustento.

A investigação teve como participantes dois adolescentes em situação de rua, com faixa etária de idade entre 16 a 19 anos, critério etário da Organização Mundial da Saúde (OMS), que se encontravam morando e/ou trabalhando, de modo irregular, nas ruas do município de Feira de Santana, segunda maior cidade da Bahia.

Os adolescentes em situação de rua, no contexto investigado, estavam distribuídos por territórios geográficos e sociais (semáforos, rodoviária, feira livre e praças públicas), e se ocupavam de atividades de pouco prestígio social e sob condições vulneráveis, como vendedores ambulantes e de gêneros alimentícios, guardadores de carros, pedintes, limpadores de parabrisas, dentre outras.

Barros (2021), ratifica no seu trabalho as informações já destacadas por Nery et al (2021) do papel do território na distribuição da população de rua em Feira de Santana, afirmando que esses espaços funcionam como circuitos geográficos já que possuem dinâmicas singulares, modalidades de uso específico e formas de sociabilidade muito distintas.

Em diálogo com definições e perspectivas teórico-conceituais sobre adolescente em situação de rua, encontradas na literatura, como as colocadas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF] (2009), como também, por Martins (1996), Neiva-Silva e Koller (2002), Neiva-Silva (2008), Nascimento (2009), assim como Nery (2018), foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão:

1. Passar a maior parte dos dias e/ou noites nas ruas e com fragilização do vínculo familiar ou passar a maior parte do dia nas ruas e retornar à noite para a casa com algum tipo de apoio familiar.

2. Ser criança ou adolescente e não estar acompanhado por um responsável legal no espaço da rua

Como critério de exclusão, foram considerados o comprometimento cognitivo, auditivo ou qualquer outra incapacidade de responder às questões, bem como o não atendimento aos critérios de inclusão.

O processo de construção dos dados foi realizado obedecendo aos seguintes procedimentos:

1. Estabelecimento de parcerias entre as equipes/instituições que trabalham com a referida população (Consultório de Rua, Centro-Pop e Centros de Convivência e Passagem).

2. Envio de projeto de pesquisa à Vara da Infância e Juventude para concessão de autorização de realização de pesquisa em campo com adolescentes em

situação de rua, tendo em vista a dificuldade de acesso e/ou ausência dos responsáveis legais.

3. Acesso ao campo e aplicação dos instrumentos de pesquisa, tendo como base o conhecimento prévio - mapeamento territorial e relacional anteriormente realizado por Nery *et al* (2021) - da geografia do espaço de trabalho de adolescentes situados no contexto da rua (semáforos, rodoviária, feiras-livres dentre outros).

Cada adolescente entrevistado estava trabalhando durante a coleta de dados em frente ao semáforo de uma avenida de grande circulação de pessoas e a entrevista foi realizada no final da tarde para promover maior adesão dos participantes.

Instrumentos:

Na pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Entrevista sociodemográfica: foi utilizada com o objetivo de realizar a caracterização de diferentes dimensões da vida dos adolescentes (Dun & Laranjeira, 2000) contendo, especificamente, 10 itens sociodemográficos que dialogam com a dinâmica de trabalho e vida nas ruas, envolvendo - sexo, faixa etária, estado civil, se tem filhos, escolaridade, condição socioeconômica, raça/cor, renda semanal, idade com que começou ir para as ruas, episódio(s) de violência ao longo da vida.

A entrevista sociodemográfica foi realizada de forma individual, tendo como ponto inicial a identificação do pesquisador, a apresentação do trabalho, dos objetivos da pesquisa e solicitação de concordância do participante em responder as questões, sequencialmente foi apresentada cada uma das questões em forma de entrevista ao participante, o registro das respostas foi feito através de gravação, previamente autorizada pelos participantes e diário de campo e o tempo médio das entrevistas foi de cinquenta e cinco minutos.

As entrevistas foram realizadas nos territórios geográficos e sociais (semáforos, rodoviária, feira livre e praças públicas) de maior concentração de adolescentes em situação de rua, já descritos e mapeados por estudos realizados no mesmo contexto (Nery, 2018; Nery & colaboradores, 2021; Barros, 2021).

2. Técnica de Vinhetas: instrumento que permite registrar, de forma objetiva e direta, percepções, crenças e atitudes de uma pessoa sobre determinado fenômeno, situação e/ou caso hipotético, através de perguntas estimuladoras que provocavam um posicionamento crítico-reflexivo e uma tomada de decisão (Price et al., 2014).

A técnica foi aplicada através de três casos impressos no papel, lidos pelo entrevistador, que ilustravam uma cena de violência no contexto da rua. Tal situação hipotética estimulava posicionamentos e julgamentos frente a compreensão, resolução e esclarecimento da cena vivenciada.

Na primeira cena, o participante foi estimulado a assumir um papel de investigador (que explicaria as razões éticas e/ou morais associadas à ocorrência do fato); na segunda e terceira cenas, o participante era colocado na posição de agente vitimado, que sofreu uma ofensa e necessita reagir ética/moralmente perante o fato ocorrido.

A intenção de localizar os participantes enquanto investigador ou vítima seria para estimular atitudes perante a cena carregadas de valores morais e éticos e promover melhor avaliação das narrativas.

Cena 1

Pedro e João eram muito amigos e sempre estiveram juntos, trabalhando na rua, desde pequenos. Agora, Pedro já estava com 17 anos e João com 16 anos e continuam trabalhando juntos. Um dia Pedro e João resolveram sair para curtir a noite e encontrar com a “galera” deles lá. Pedro sempre foi “bom de papo” com as meninas e naquela noite não foi diferente. Logo se encostou em uma “gatinha” e “ficou” com ela. João continuou com os outros colegas curtindo a noite. João percebeu que já era tarde e que Pedro estava

muito envolvido com a menina e logo foi embora com os seus colegas e deixou seu amigo curtindo a gatinha. No dia seguinte, ao chegar para trabalhar na rua, vê seus colegas comentando “mataram Pedro ontem”. E agora? O que fazer? Por que será que isso aconteceu? Qual explicação você daria para essa situação? Acha que aconteceu o que com Pedro para ter esse fim? O que você decidiria fazer no lugar do personagem João? O que você acha que os outros esperariam que você fizesse?

Cena 2

Carlos tem 14 anos e trabalhava na rua há dois anos. Ele sempre gostou de ficar na rua até tarde e às vezes até dormia com os amigos na rua. Carlos trabalhava como carregador de compras no centro de abastecimento, mas sempre gostou de andar por diferentes ruas e fazer novas amizades. Nessa semana, ele resolveu ir circular pela feirinha da cidade nova. Entre a passagem de uma pessoa e outra, um homem parou Carlos, segurou no seu braço e começou a insistentemente exigir que o adolescente o acompanhasse, Carlos tentou resistir, mas o homem começou a dar murros na sua cara. E agora? O que fazer? O que acha que o personagem Carlos deveria fazer? O que você decidiria fazer no lugar do personagem Carlos? Baseado em que você acha que tomaria essa decisão? Por que essa situação aconteceu com Carlos? O que você acha que os outros esperariam que você fizesse nesta situação?

Cena 3

Maicon trabalhava vendendo flanelas no semáforo da Avenida Getúlio Vargas. A rua estava lotada de pessoas. A todo momento, tinha confusão e briga. Maicon acende um cigarro e, sem querer, deixa cair na camisa de outro pivete que passava pela rua. Maicon tentou explicar, disse a ele que “foi mal”, porém o pivete nem quis ouvir, se “plantou” para bater e começou a dar muita “porrada” “murros” e vários chutes em Maicon, chamando-o de viado, vagabundo e maconheiro que não gosta de trabalhar e queria lhe

roubar. Logo se abriu uma roda de gente, mas o pivete continuou batendo muito, na frente de todo mundo. A polícia chega e a briga para. Maicon ficou bastante machucado e não teve como reagir. Algum tempo depois, Maicon encontra o mesmo pivete que lhe bateu no Micareta da cidade. E agora? O que fazer? O que acha que o personagem Maicon deveria fazer? Por que essa situação aconteceu? O que você decidiria fazer no lugar do personagem Maicon? Baseado em que você acha que tomaria essa decisão? O que você acha que os outros esperariam que você fizesse nesta situação?

A análise dos dados foi realizada com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Semiótico Cultural. Os dados foram transcritos, organizados e analisados, por meio de uma ampla leitura, com o intuito de buscar sentidos e visando definir formas de categorização e/ou subcategorização das informações que melhor dialogassem com o objetivo geral e específico da pesquisa.

Sob uma perspectiva microgenética, as análises aqui conduzidas foram realizadas através do estudo de dois casos de adolescentes em situação de rua, descrevendo as narrativas e criando categorias de sentido que melhor compreendessem as visões desses sujeitos.

A partir da organização das respostas transcritas, buscou-se identificar as percepções, posicionamentos e reflexões críticas dos participantes com relação à violência, explorando as intersecções entre tais ideias e os processos semióticos, especificamente os signos relacionados a promoção e proteção da violência.

Procedimentos Éticos:

O presente estudo foi realizado seguindo os padrões estipulados pela resolução 466/2012 (Brasil, 2012) e 510/16 (Brasil, 2016). O projeto mais amplo foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal da Bahia sob nº. 4.384.616.

Resultados e Discussão

Para melhor discussão dos resultados estruturamos em categorias a apresentação dos dados, estabelecendo conexões entre as ideias apresentadas pelos participantes ao longo do processo do trabalho de investigação. A categorização foi realizada após transcrição e leitura de todas as entrevistas, explorando as relações entre as respostas dos participantes e os objetivos deste trabalho e em articulação com o referencial teórico utilizado.

A descrição e a análise teórica dos dados foram organizadas do seguinte modo: primeira seção (aplicação da entrevista sociodemográfica) – reunindo dados sobre aspectos da vida pessoal, familiar e na rua dos adolescentes - segunda seção (aplicação da técnica de vinhetas morais) – onde obteve-se dados relacionados à forma como percebiam e explicavam a origem e fatores associados à violência na rua, e informações sobre as formas de reação perante esse fenômeno e como definiriam a violência.

Abaixo consta uma figura contendo os dados sociodemográficos (sexo, raça/cor, escolaridade, tempo na rua e motivo de ida para as ruas).

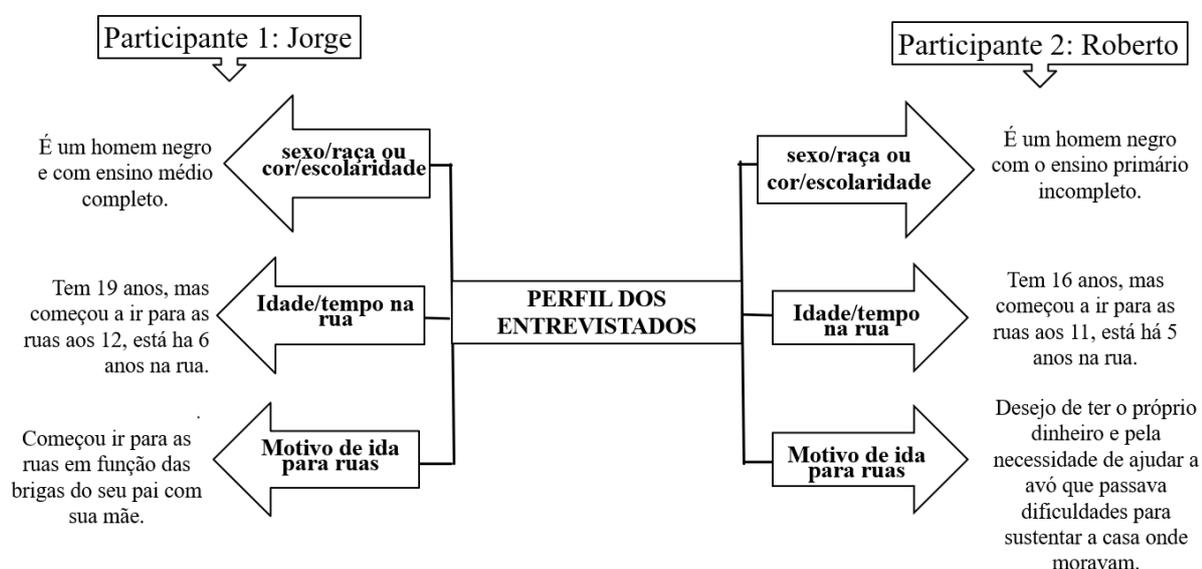


Figura 1: Dados Sociodemográfico dos Entrevistados

Fonte: o autor

1. A Concepção de Violência

O universo de conceituação da violência é abrangente e polissêmico, estruturado por diversas classificações que, por vezes, confundem pesquisadores (Ristum, 2004), sendo que o desenvolvimento teórico sobre essa grande área de estudos tem atravessado para além das questões biomédicas, de fenômenos relacionados ao contexto sociocultural, dinâmico e de significados construídos pelas vítimas e agressores (Minayo, 2006).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a 'violência trata-se do uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio ou contra outra pessoa, grupo ou comunidade, resultando ou que tenha a possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (OMS, 2002).

Dentro deste enquadramento abordado pela OMS verifica-se uma concepção de violência que envolve quatro processos: intencionalidade, discrepância de poder e força, direcionamento para si mesmo/outra pessoa e/ou determinado grupo e perturbações nas mais diversas áreas de desenvolvimento da pessoa.

Jorge, quando questionado sobre “o que seria a violência e se já sofreu algum tipo de violência na rua”, afirma que:

“Violência é de um beliscão a uma bala, violência é qualquer coisa, até se tiver passando a mão ali na pessoa, nas partes íntimas dela, pra mim já é uma violência. [...] Na rua todo dia é violência, o povo já desceu pra mim, já puxou arma, já me xingou, já me bateu, mas eu vou levando na esportiva, vou levando na brincadeira (Jorge).”

Roberto, por outro lado, afirma que: *“Rapaz, violência assim, pra mim mesmo, é os povo querendo matar um ao outro aí, fazendo isso e aquilo aí com os outros.[..] já*

sofri violência já mas é pedir a Deus, entrega na mão de Deus e se sai, pra evitar (Roberto).”

Na narrativa de Jorge, observa-se uma definição generalista/abrangente de violência, a qual no contexto da rua assume várias e diversas formas, correlacionando-a à “brincadeira” como importante fonte de normalização, naturalização e significação da violência na dinâmica de vida na rua.

Na segunda narrativa, de Roberto, também se observa uma definição generalista de violência, manifesta pela expressão “isso e aquilo aí com os outros”, mediada pela gravidade do dano cometido e associado à tentativa e/ou provocação da morte, possuindo na esfera da divindade (Deus) um signo de proteção/prevenção da violência.

Processos de significação como estes (“brincadeira” e “Deus”) atravessam a constituição do sujeito e a transformação do pensamento em linguagem, estas últimas carregadas de símbolos que, para seu entendimento, necessitam da identificação dos processos de mediação, dos recursos semióticos, das atividades internas e externas do sujeito e das condições materiais e dialéticas que configuram a realidade social, histórica e cultural dos indivíduos (Vygotski, 2008; Aguiar & Ozella, 2006).

É possível afirmar, por exemplo, que o signo “Deus” assume no processo de definição e estruturação de conceitos na mente dos adolescentes, uma função estruturadora da relação consigo mesmo, com as pessoas e com o mundo da rua (Vygotsky, 2001; Valsiner, 2007b).

Os signos, na perspectiva da psicologia semiótico cultural, são artefatos culturais que podem assumir formas diversas (objetos, palavras, imagens, coisas), são concebidos pela mente humana e orientam os pensamentos, as ações, os sentimentos e relacionamentos das pessoas (Valsiner, 2012, 2013; Pierce, 2005).

2. Signos relacionados à promoção da violência no contexto de rua

Os signos integram a construção ontogenética e microgenética humana, eles são produzidos intrapsicologicamente, apresentam uma síntese dinâmica dos eventos no mundo, nomeiam estruturas, são operacionais, orientam as ações e são promotores do desenvolvimento da pessoa (Mattos & Chaves, 2012; Pierce, 2005; Valsiner, 2012;).

É apresentado, abaixo, um quadro com um conjunto de signos identificado nas interpretações dos entrevistados sobre as cenas. Tais signos estão relacionados à origem e/ou promoção da violência no contexto da rua e são discutidos a partir das unidades de construção semiótica relatadas pelos mesmos.

Quadro 1: Signos relacionados à promoção da Violência

| CENA | SIGNO DE PROMOÇÃO | UNIDADES DE CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA |
|--------|-----------------------------|--|
| CENA 1 | “Confiar em Mulher” | <p>“A nega deve ter armado pra ele, ele achava que, como ele era bom de papo, ele chegou na nega e conquistou a nega, só que a nega pode ter chegado pra armar pra ele, aí ele deve ter caído na conversa, chegou lá, armou pra ele e matou ele [...] Senti que ela é descarada, o amigo dele não tem nada a ver, o amigo dele só viu que ele tava com a nega, pra não atrapalhar, foi pra casa (Jorge).”</p> <p>“Rapaz, eu ia fazer tipo nada, por causa que mulher enganou até o diabo, entendeu? Mulher pode enganar o homem também, mas como enganou ele, podia enganar eu e enganar outras pessoas, vai confiar? [...] podia ser eu também, não vou mentir não, por mulher todo mundo vai assim, só não vai quando Deus toca no coração mesmo (Roberto).”</p> |
| CENA 2 | “Devolver/Bater também” | <p>“Se eu ver a pessoa agarrando meu brother e começar a me bater, eu vou devolver, véi, não vou mentir, eu vou bater também, eu vou devolver o murro, e depois eu vou tentar segurar a pessoa e perguntar o porquê que queria me levar e o porquê me bateu [...]ninguém vai ficar apanhado, se você não bate também, você só apanha e ai dar ruim [...]se ficasse só parado não ia aguentar e ia sair como culpado também porque não fez nada, todo mundo ia achar quem tava errado era o pivete (Jorge).”</p> <p>“Rapaz, tem hora que bate atitude, entendeu? Não é todas as horas, tem hora que bate atitude de ficar assim: “poxa, véi, o que aconteceu com o cara?”, isso e aquilo, tem hora que nós cria atitude de nós ir pra ação também [...] Do mesmo jeito que ele agrediu lá, nós podia também agredir ele, não vou mentir (Roberto).”</p> |
| Cena 3 | “O cara lá tem o que pagar” | <p>“E agora que eu ia devolver o pau, ia chamar ele e falar: “venha cá, e agora? Lembra que você me bateu naquele dia? Venha cá”, e ia grubar com ele no meio da Micareta, ia brigar eu e ele, ia se resolver na hora e fica tudo igual [...] Porque eu apanhei, ainda veio a polícia num levou o pivete e não teve nem como eu revidar , nem nada, fiquei lá parado (Jorge).”</p> <p>“do mesmo jeito que ele machucou meu colega aí, ele também tinha que ser machucado, é o que passa na mente do ser humano de da nossas justiça também, o cara lá tem o que pagar (Roberto).”</p> |

Fonte: elaboração própria (2022)

Quando questionados, na cena 1, sobre qual explicação dariam para a situação relatada, as expressões de Jorge são “*a nega pode ter armado pra ele*” “*o amigo dele não tem nada a ver*” Roberto destaca “*mulher pode enganar o homem também*” “*vai confiar?*” apontando para uma visão unilateral e socialmente construída sobre situação.

O signo “confiar na mulher” aparece nos relatos dos participantes como fenômeno produtor da violência sofrida, associando-a à relação de confiança do homem para com uma mulher. Este, posteriormente enganado, é traído e morto.

Tal signo correlaciona-se com estudos sobre a produção cultural de estereótipos de gênero e a forma de sua significação nos mais variados contextos sociais (Mesquita filho et al, 2011; Bonetti et al, 2016; Beiras & Nascimento, 2017) seja através da reprodução histórica da desqualificação e culpabilização do feminino e de seu papel social, ou mesmo por meio de processos enaltecidos do masculino e de sua virilidade, que não pode se render aos encantos do feminino para não sofrer como aconteceu com Adão na narrativa cristã ocidental.

Compreende-se que as condições histórico-culturais e políticas, nível mesogenético (Valsiner, 2007b, 2012), influenciam na construção de significados negativos com relação à figura feminina, seja através da produção de estereótipos da mulher sedutora, enganadora e traiçoeira ou mesmo pela estruturação de ações e práticas culturais sexistas, machistas e patriarcais culpabilizadoras da mulher pela violência, bem como pela hipergeneralização de tal signo (Morais, 2012; Nothaft & Beiras, 2019; Valsiner, 2004; 2019).

No que diz respeito à posição de agente vitimado/observador, na cena 2, quando os participantes foram provocados a pensar sobre o que deveria ser feito e o que fariam caso sofressem uma violência semelhante, o signo do “devolver/bater também” emergiu nas narrativas como uma forma útil, automática, necessária e socialmente aceita de lidar

com a violência sofrida, promovendo assim, conforme se percebe, práticas contrárias as normas de boa conduta, tais como o respeito, a paz e a reconciliação.

As afirmações de Jorge: “*eu vou devolver*” “*se você não bate também, você só apanha*” “*se ficasse parado[...] ia sair como culpado*”, e de Roberto: “*do mesmo jeito que ele agrediu lá, nós podia também agredir ele*” ratificam a força com a qual tais ideias circulam no imaginário social dos adolescentes em situação de rua e revelam conexões entre presente (*quem não bate apanha*), passado (*se ficasse parado*) e futuro (*ia sair como culpado*).

Nesta cena, observa-se um comportamento reativo/impulsivo característico das dimensões emocionais e subjetivas dos participantes, como elemento que contribui para o rompimento das agências de controle pessoal (equilíbrio das emoções), sinalizando para o papel da cultura pessoal na regulação das ações dos adolescentes frente as experiências microgenéticas (Valsiner, 2012). Tal dado revela que o nível de identificação pessoal com a situação, em termos intersubjetivos e intrapsicológicos, pode contribuir tanto para promoção da violência quanto para sua evitação.

Em estudo realizado com jovens do Ensino Médio, na cidade de Salvador-BA, sobre a dimensão moral da violência, Souza (2011) já havia destacado que o “revide”, descontar e/ou o ato de ação/reação possui uma legitimidade social como mecanismo de enfrentamento da violência e/ou de defesa pessoal.

Embora não se tenha consenso na literatura, trabalhos internacionais têm ressaltado que a própria condição de insegurança de moradia, a luta pela sobrevivência em um contexto ambiental ameaçador, as normas sociais e as circunstâncias da vida (revitimização e polivitimização) são fatores relacionados à promoção da violência entre adolescentes no contexto da rua (Crawford et al, 2011; Dominguez, 2017; Heerde & Hemphill 2019).

A violência, nesse sentido, pode ser resultado de múltiplos fatores, desde aqueles de ordem intrapessoal, interpessoal, contextuais, históricos e culturais (Grósz & Rodriguez, 2021), relacionados a questões emocionais, de controle dos impulsos e do desenvolvimento de habilidades relacionadas à regulação da raiva que influenciam no “desejo de revidar a violência com mais violência” (Antoni & Koller, 2010, p.25); decorrente de processos de internalização e prospecção para vida futura (Valsiner, 2012) e/ou fruto da estrutura de significados e apropriação de normas sociais da cultura coletiva (Mattos & Chaves, 2012).

O signo “o cara lá tem o que pagar” é destacado pelos participantes como um aspecto mobilizador do comportamento violento no futuro, associado a um sentimento de vingança, pagamento de uma dívida e/ou fazer justiça com as próprias mãos em função da profundidade da ofensa em termos de gravidade e suas consequências. As expressões de João: “*Porque eu apanhei, ainda veio a polícia num levou o pivete*” “*ia se resolver na hora e fica tudo igual*”, e de Roberto: “*de da nossas justiça também*” “*o cara lá tem o que pagar*” revelam tais processos.

A percepção e o sentimento de não ter acontecido nada com o agressor da cena 3, caracterizando a injustiça, emergem como aspecto integrante da estrutura semiótica dos participantes, que estimula e promove o comportamento violento, enquanto atitude esperada inclusive pelo imaginário social em situações como essas, característico dos valores da cultura coletiva (Valsiner, 2012) mas que não necessariamente representa a forma de ser no cotidiano da rua.

Nesse ponto, a ruptura com as agências de controle social (leis, regras e normas de boa conduta aprendidas socialmente) e o engajamento em comportamentos violentos muitas vezes não refletem o caráter identitário, ontológicos e/ou da trajetória de vida dos adolescentes, mas sim os recursos individuais e coletivos de enfrentamento as situações

decorrentes do processo de exposição a vulnerabilidade, exclusão social e marginalização (Heerde et al, 2014; Heerde & Pallotta-Chiarolli, 2020).

Na literatura, encontra-se que as injustiças, sob o ponto de vista das interações sociais e intergrupais, podem ser percebidas de diferentes modos, tendo os indivíduos expressões emocionais e reações comportamentais distintas. Em variados contextos, como trabalho, família e escola (Assmar, 1997), elas produzem angústias, conflitos internos e um estado de estresse interior (Botler, 2016) e contribuem para disposição e maior exercício de comportamentos violentos individuais e grupais como um mecanismo de minimização dos sentimentos ambivalentes e dissonantes, relacionados aos impactos e consequências de sua vivência (Charkawi & Bliuc, 2020).

Valsiner (2012), em diálogo com as ideias Charles Peirce, considerado o pai da semiótica, tem apresentado que os signos são transformadores e transformáveis, ou seja, eles possuem uma natureza dinâmica podendo criar novos signos ou remeter a outros anteriormente vivenciados; essa relação fica clara nas conexões ofertadas pelos signos de promoção da violência na mente dos entrevistados em interlocução com cada cena analisada.

3. Signos de proteção frente à violência no contexto da rua

Em diferentes contextos, encontram-se normas generalizadas, padrões estereotipados, e processos mentais de entender o mundo que integram a cultura pessoal dos indivíduos e restringem outros campos de ação e orientação frente às mais diversas situações cotidianas, em função de todo um processo de significação e canalização cultural, constituidor das pessoas no mundo (Backstead et al, 2009).

No contexto da situação de rua, adolescentes estão produzindo, reproduzindo, elaborando, reestruturando e transformando sentidos e significados provenientes da sua história de vida, das relações interpessoais e intergrupais, dos processos ontogenéticos e

microgenéticos e, especialmente, do conjunto de experiências do tempo passado e do presente, correlacionando-as com o futuro (Valsiner 2007b, 2012, 2014).

Relações intrapessoais, com as pessoas e o ambiente externo, são construídas a partir de signos. O pensamento, a ação, a linguagem e todos os demais atos que são partilhados no mundo são atravessados pela criação e desenvolvimento de signos (Branco & Valsiner, 2010; Mortimer et al, 2014; Valsiner, 2012). Assim, tanto a promoção, desenvolvimento e perpetração de comportamentos violentos no contexto da rua quanto a evitação, prevenção e proteção (não se envolver e evitar) possuem uma natureza semiótica.

Em situação de rua, existe um conjunto de signos aprendidos e compartilhados entre os pares que funciona como mecanismo de sobrevivência e tem o potencial de evitar sofrimento e prever os riscos nas situações cotidianas que exigem uma reação imediata. É apresentado, abaixo, um quadro com o conjunto de signos que assumem a função de evitadores da violência e as unidades de construção semiótica a eles correlacionadas.

Quadro 2: Signos Protetores frente à Violência

| CENA | SIGNO DE PROTEÇÃO | UNIDADES DE CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA |
|--------|-------------------|---|
| CENA 1 | Apoio dos Pares | <i>“Rapaz, foi por causa que ele tava comigo, né? Ele saiu, não voltou comigo pra casa, porque sempre quando sai assim, tem que voltar com o colega pra casa, né? Mas sabe lá o que deu na cabeça [...]Se saiu e sua mãe viu que você saiu mais eu, o que aconteceu lá mais ele, sua mãe sempre vai ficar como? Vai ficar pensando no outro que foi, porque o outro foi e não voltou? Tem que saber agir e andar direito. (Roberto).”</i> |
| CENA 2 | Deus | <i>“Eu tenho minha visão, tipo, eu tenho 19 anos, Deus ensina a gente a se virar no tempo da vida conhecendo as pessoas e aprendendo a lidar com cada tipo de pessoa, então, em cada carro que você chega, no olhar você já percebe quando a pessoa quer deixar lavar (parabrisa) quando não quer, quando vai bater, quando tá estressado e quando não tá, então, com o tempo, você vai aprendendo (Jorge).”</i> <i>“Rapaz, o povo parava pra olhar assim, queria que nós até matasse, né? Matasse, mas nem tudo vai nessa violência de matar, porque quem vai tirar a vida do próximo na Terra? só quem pode tirar é Deus, a vida. Nós, ser humano, é tudo irmão, nós não pode tirar a vida de ninguém, não (Roberto).”</i> |
| Cena 3 | | <i>“O povo fala que é melhor um covarde vivo do que um herói morto, então poderia caçar briga com o cara de novo e acontecer uma coisa pior, ter morrido ou apanhado</i> |

| | |
|-----------------|--|
| Conselho | <p><i>de novo[...]meus pais reprovariam, porque eles falam que eu sou muito estressado, que meu temperamento é muito alto, então eles falariam que eu devia ser mais calmo, deveria conversar, relevar pra viver mais tempo na rua (Jorge)."</i></p> <p><i>"Tipo, minha mãe sempre me deu os conselhos, entendeu? Ela sempre bebia, sempre isso e aquilo, aí eu chegava na minha mãe, conversava, falava do mesmo jeito que ela me falava, aí falava com minha avó também, minha avó me dava um conselho, aí tinha os colega, que era mais velho do que eu, chegava em mim também, me dava um conselho, aí, tipo, eles tava me dando um conselho aqui, eu sempre abraçava, não entrava no ouvido e saía no outro, não, sempre abraçava o conselho que ele me dava eles me dava, porque, daqui pra lá, com o conselho que ele me dava, eu podia chegar e dar um conselho ao filho da senhora, um filho dele também, um colega, sempre nós aconselhando pra não fazer isso e isso, porque isso não é pra nós (Roberto)."</i></p> |
|-----------------|--|

Na cena 1, quando questionados sobre o que achavam que aconteceu para o personagem "Pedro" ter um fim tão fatal, apenas Roberto respondeu associado a produção de um signo, demonstrando o valor das redes de apoio e o valor do companheirismo na evitação da violência.

O signo "Apoio dos pares" emerge nas trajetórias discursivas de Roberto frente às cenas de violência como um regulador semiótico (Cabell, 2010), que demonstra o papel dos vínculos de coleguismo e/ou estar junto como elemento que protege frente a violência.

O "apoio dos pares" contribui para a alteração das relações interpessoais, influencia a forma de viver em determinado contexto e explica as direções e tomadas de decisão humanas ao longo da trajetória de vida (Valsiner, 2012; Mattos, 2016), como abordado por Roberto: "não voltou comigo pra casa" "*sabe lá o que deu na cabeça*" "*Se saiu e sua mãe viu que você saiu mais eu, o que aconteceu lá mais ele, sua mãe sempre vai ficar como?*".

Cerqueira-Santos (2004) revela em seu estudo com crianças em situação de rua que os grupos conhecidos e coesos e as relações com os pares e companhias na rua promove o conhecimento dos riscos na rua e auxiliam na superação das fragilidades e enfrentamento dos riscos.

Na cena 2, quando interrogados sobre o que fariam, caso sofressem uma violência semelhante, Jorge, apresenta “Deus” como signo de proteção da violência, pois possibilita uma proteção no mundo, estabelecendo uma relação de sentido com sua história na rua, os cuidados que vai tendo e os aspectos relacionados à prevenção da violência no contexto da rua.

Na mesma cena, Roberto, ao deparar-se com a pressão social sobre a vingança e violência com mais violência, expõe o signo “Deus” como elemento representativo de um pensamento dogmático e generalizante de ser no mundo que reflete os valores e crenças cristãs, ao proporcionar uma atitude pessoal diferente da esperada pelo imaginário social (Antoni & Koller, 2010).

As expressões “*Nós, ser humano, é tudo irmão” e “quem vai tirar a vida do próximo na Terra? só quem pode tirar é Deus”* com destaque para a ideia de que todos são irmãos e vida do “próximo” concretizam o pensamento dogmático e generalizante de ser no mundo.

“Deus” emerge como signo inscrito no nível ontogenético (Valsiner, 2012) tanto nas expressões de Jorge, ao se autoafirmar como possuidor de uma visão de mundo dada por Deus “*Eu tenho minha visão, tipo, eu tenho 19 anos, Deus ensina a gente a se virar no tempo da vida*” quanto de Roberto, ao relatar que só “Deus” pode tirar a vida das pessoas. Especialmente o relato de Roberto revela um movimento de bloqueio de um signo inscrito no nível ontogenético para o nível mesogenético (Valsiner, 2012).

Ao afirmar que “*o povo parava pra olhar assim, queria que nós até matasse [...] revela-se um signo do nível mesogenético (práticas sociais), ao continuar que “mas nem tudo vai nessa violência de matar, porque quem vai tirar a vida do próximo na Terra? só quem pode tirar é Deus, a vida”* revela-se um signo inscrito no nível ontogenético que bloqueia o anterior.

As concepções apresentadas, tanto as de Jorge quanto as Roberto, colocam Deus como ponto central no curso de vida, ao apresentá-lo como recurso regulador das ações em situações adversas e como signo de proteção de comportamentos violentos no contexto da rua.

Observa-se que a significação da figura divina, “Deus”, como fonte de prevenção e redução das condutas violentas, estaria associado à influência da cultura cristã e formação social religiosa no Brasil (Truong, 2022), como fonte de orientação ontogenética. Assim, a força da crença em um ser divino pode apresentar relação com a redução e/ou bloqueio no exercício do comportamento violento, bem como com a construção de ações morais e legalmente adequadas no contexto da rua.

A literatura tem abordado que as crenças e valores religiosos influenciam nas atitudes, experiências e respostas frente à violência (Truong, 2022), são gerenciadoras do controle psicológico e comportamental dos sujeitos (Ribeiro & Minayo, 2014) e podem ser associadas ao aumento da civilidade e diminuição dos conflitos interpessoais, em função de processos de internalização de uma moralidade cristã (Andrade, 2015).

Na cena 3, quando questionados sobre o que seus pais, amigos e/ou os outros esperavam que fizessem caso sofresse uma violência semelhante, o participante Jorge se ampara no signo do “conselho” que caracteriza o nível mesogenético, através da expressão “o povo fala” dentro do diálogo: “o povo fala que é melhor um covarde vivo do que um herói morto”.

Propõe, assim, como organizador da experiência de violência na rua, um movimento de acesso aos símbolos socioculturais, como o provérbio popular do covarde versus herói (símbolos característicos do nível mesogenético) (Valsiner, 2012), enquanto dispositivo que produz um sentido de adaptação e enfrentamento positivo ou negativo diante da violência sofrida.

Os dispositivos do contexto sociocultural, como os provérbios populares, podem integrar a estrutura ontogenética dos adolescentes em seu processo de desenvolvimento (Valsiner, 2012), cristalizando as ações, interpretações e vivências microgenéticas numa hierarquia de signos (Valsiner, 2007b) e promovendo uma direcionalidade na vida frente às relações com a família, com o ambiente da rua, com os amigos e com o trabalho.

Roberto, na Cena 3, ratifica, em suas respostas, o papel do signo de proteção “conselho” como importante ferramenta de orientação sobre o que deve ou não fazer diante da situação ilustrada, demonstrando como tal signo corresponde a uma forte influência das vozes dos outros sociais, representados pela figura da mãe, da avó e do colega mais velho do participante, que impede a construção de significados alternativos (bater, revidar, matar) em função da proximidade afetiva e do papel direcionador que este signo assume no processo de viver e trabalhar nas ruas.

As expressões de Roberto materializam a importância do conselho ao longo da vida do entrevistado.

“eu chegava na minha mãe, conversava, falava do mesmo jeito que ela me falava [...]minha avó me dava um conselho, aí tinha os colega, que era mais velho do que eu, me dava um conselho [...] porque, daqui pra lá, com o conselho que ele me dava, eu podia chegar e dar um conselho ao filho da senhora, um filho dele também[...].”

Observa-se, a partir disso, que o signo “Conselho” é expresso pelos participantes, através de um processo de internalização da preocupação dos outros sociais (Valsiner, 2012) com relação ao que garante vida ou morte no ambiente da rua, bem como pela necessidade de transmissão de valores entre uma geração e outra.

De modo geral, as vozes dos outros sociais figuram com forte poder de impedir a quebra das normas sociais de boas condutas, a emergência de uma nova forma de

funcionar nas relações, que direcionaria para o reconhecimento das condutas adequadas a serem realizadas diante do processo de significação no contexto aqui-e-agora vivenciado pelo sujeito (Valsiner, 2012, 2014).

Considerando tais argumentos, signos de proteção como estes reforçam os modos de pensar e agir dos indivíduos através da manutenção da vida no contexto vivido, do estímulo a uma forma positiva e generalizante de viver a vida em grupo pela regulação da conduta nas relações intersubjetivas e por meio da evitação de significações promotoras da violência (Valsiner, 2007b; Mattos, 2016). Vale destacar que, na perspectiva dos participantes, a crença, em termos de valores religiosos, ideias socialmente construídas sobre “Deus” e orientações familiares são aspectos relevantes na proteção frente às situações de violência na rua.

Considerações Finais

Dado que os estudos sobre significação da violência em grupos de adolescentes em situação de rua possuem ainda pouca representação na literatura científica, este estudo buscou analisar os processos semióticos que atravessam a construção de significados sobre a violência por parte desses indivíduos.

O contexto semiótico da vida é entrelaçado por pessoas, grupos, relações, eventos e ambientes oportunistas da criação, construção e transformação de inúmeros signos (Vygotsky, 2001; Valsiner, 2007b, 2014), os quais fomentam novos modos de ser e de se fazer pessoa, homem, mulher e sujeito no campo social.

A teorização e descrição sobre a violência têm um grande desafio, de reconduzir e requalificar as ideias sobre violência, a partir das narrativas pessoais, trajetórias singulares e experiência dos mais variados grupos inseridos em contextos provedores de riscos e vulnerabilidades.

Ao discutir os signos emergentes em tais contextos, este trabalho revelou as implicações de determinadas produções semióticas na condução de comportamentos violentos e/ou na sua evitação por meio de signos de proteção frente à violência.

Pode se revelar, através das descrições dos participantes, que os signos de promoção “confiar em mulher”, “Devolver/Bater também” e “o cara lá tem o que pagar”, colaboram para a manutenção de práticas violentas no contexto da rua e impedem construções semióticas relacionadas ao exercício da ética e do respeito na relação com o outro.

A rua é um contexto socialmente e historicamente tipificado como tendo alta prevalência de diferentes formas de violência (Cirino & Alberto, 2009; Arpini et al, 2010). A flexibilidade no sistema semiótico que permite a perpetração da violência, os entraves relacionados à transformação das práticas de violência e o baixo nível de comportamentos social e moralmente contrários à violência, pode ser uma resultante do estímulo à insensibilização social e a inúmeras situações de violência vivenciadas cotidianamente.

Por outro lado, as falas dos participantes revelaram signos de proteção que, de certa forma, rompem com a tipificação de contexto violento ao promover formas moralmente corretas e/ou socialmente aceitas de lidar com a violência, mostrando um sentimento voltado à retração de comportamentos violentos, que sugere novidade diante das vivências no espaço da rua.

Os signos “Apoio dos Pares”, “Deus” e “Conselho”, identificados como signos de proteção da violência, parecem ocupar um papel importante na vida dos adolescentes entrevistados, estruturando e organizando, pelo menos em parte, suas relações socioafetivas no contexto da rua.

A orientação, seja pelos signos de promoção e/ou de proteção frente às situações de violência, irá depender do nível de identificação pessoal com a situação, da profundidade da ofensa em termos de gravidade e suas consequências e, por fim, do grau de suporte dos participantes, em termos de valores religiosos, crenças socialmente construídas e orientações familiares.

A identificação de signos de promoção e de proteção, a partir nas narrativas dos participantes, enseja a realização de aprofundamentos teóricos, a qualificação das intervenções práticas e educativas e a superação de saberes engessados sobre os adolescentes em situação de rua e sua relação com a violência.

Tais achados contribuem para que pesquisadores de diferentes campos entendam o processo de significação da violência no contexto da rua sob uma perspectiva singular e de questionamento dos estereótipos sociais e das tendências de pesquisa neste âmbito. Uma limitação deste trabalho diz respeito ao maior tempo de acompanhamento dos participantes, conhecendo suas dinâmicas territoriais e relacionais no contexto da rua.

Destaca-se, por fim, a necessidade de investigações que aprofundem a construção de signos de promoção e proteção da violência ao longo do curso da vida, dando maior dimensionalidade ao período da infância, a contextos sociais distintos, bem como a maior ou menor disponibilização de recursos educativos, institucionais e políticos.

Referências

Andrade, E.L. (2015). "Sem derramamento de sangue": Religião e violência na prisão.

Cadernos De Campo (Unesp), vol. 19, pp. 155-175.

Antoni, C.; & Koller, S.H. (2010). Uma família fisicamente violenta: uma visão pela teoria bioecológica do desenvolvimento humano. *Temas em Psicologia*, vol. 18, n. 1, pp. 17-30. Recuperado em 22 de junho de 2022, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100003&lng=pt&tln=pt acessado em 23/02/2023

- Arpini, D.; Quintana, A.; Gonçalves, C.; (2010). Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. *Psicologia Argumento*, v. 28, n. 63, pp. 325-336.
- Assis, S.G., & Avanci, J.Q. (2004). A visão que os adolescentes têm de si: imagens nos espelhos. In: *Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Criança, Mulher e Saúde collection, pp. 49-80. ISBN 978-85-7541-333-3.
- Assmar, E.M.L. (1997). A experiência de injustiça na vida diária: uma análise preliminar em três grupos sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. v. 10, n. 2, pp. 335-350. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200011>
- Backstead, Z., Cabell, K., & Valsiner, J. (2009). Generalizing through condition analysis: systemic causality in the world of eternal becoming. *Humana. Mente*, vol.11, pp. 65–80.
- Barros, Matheus de Oliveira. (2021). *Retratos em papelão: circuitos, classificações e vivências nas ruas de Feira de Santana-BA*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
- Bassi, I.G. (2019). Propostas de emancipação cidadã nas autobiografias de Gandhi, Luther King Jr. e Mandela. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* [online]. v. 42, n. 1 [Acessado 9 Julho 2022], pp. 153-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-5844201918>

- Beiras, A., & Nascimento, M. (2017). *Homens e violência contra mulheres: pesquisas e intervenções no contexto brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Bonetti, A. L., & Pinheiro, L. S. ; Ferreira, P. C. (2016) . A segurança pública no atendimento às mulheres - uma análise a partir do Ligue 180. In: Cecília Sardenberg; Márcia Tavares. (Org.). *Violência de Gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. 1a.ed.Salvador: EDUFBA, v. 19, p. 145-186.
- Botler, A.M.H.; (2016). Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. *Cadernos de Pesquisa* [online]. v. 46, n. 161, pp. 716-732. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143676>
- Branco, A. U. (2006). Crenças e Práticas Culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. *Revista Pro-Posicoes* v. 17, n.1, pp. 139-155.
- Branco, A., & Valsiner, J. (2010). Towards cultural psychology of affective processes: Semiotic regulation of dynamic fields. *Estudios de Psicología*, 31(3), 243-251. <https://doi.org/10.1174/021093910793154411>
- Branco, A.U. & Valsiner, J. (2012). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, NC: Information Age Publishers Inc.
- Branco, A., & Ferraz da Rocha, R. (2012). A Questão da Metodologia na Investigação Científica do Desenvolvimento Humano. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, vol. 14, n. 3, pp. 251–258. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/revistatpt/article/view/17331>
- Brasil. (2009). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua Brasília, DF.

- Cabell, K. R (2010). Mediators, Regulators, and Catalyzers: A Context Inclusive Model of Trajectory Development. *Psychology & Society*, v. 3, n. 1, pp. 26-34.
- Campos, T. N.; Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). (Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.13 no.3. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300019>
- Carinhanha, J.I.; & Penna, L.H.G. (2012). Violência vivenciada pelas adolescentes acolhidas em instituição de abrigo. *Texto & Contexto - Enfermagem* [online]. v. 21, n. 1 [Acessado 29 Junho 2022] , pp. 68-76. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000100008>>. Epub 26 Mar 2012. ISSN 1980-265X. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072012000100008>.
- Charkawi, W., Dunn, K., & Bliuc, A.-M. (2020). The influences of social identity and perceptions of Injustice on support to violent extremism. *Behavioral Sciences of Terrorism and Political Aggression*, vol. 13, n.3, pp. 177–196. <https://doi.org/10.1080/19434472.2020.1734046>
- Cirino, D.; & Alberto, M.F.; (2009). Uso de drogas entre trabalhadores precoces na atividade de malabares. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 3, pp. 547-555. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/H4487TW6fkfZ3s9bJzRx3Gq/abstract/?lang=pt#> acessado dia 15/01/2023
- Crawford, D. M., Whitbeck, L. B., & Hoyt, D. R. (2011). Propensity for violence among homeless and runaway adolescents: An event history analysis. *Crime & Delinquency*, 57(6), 950–968. <https://doi.org/10.1177/0011128709335100>
- Demenech, L.M., Paludo, S.S.; Silva, P.S.; Paiva, A.M.N.; Fontes, F.; Neiva-Silva, L.; (2021). Exploração sexual de crianças e adolescentes em situação de rua no Sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 26, n. 11 [Acessado 12 Julho

2022] , pp. 5701-5710. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.31052020>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.31052020>.

Dias, A.L.F.(org). (2021). *Dados referentes ao fenômeno da população em situação de rua no Brasil* - Relatório técnico-científico – Plataforma de Atenção em Direitos Humanos, Programa Polos de Cidadania, Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: Marginália Comunicação, 2021.

Dominguez, M. L. (2017). Lgbtqia people of color: Utilizing the cultural psychology model as a guide for the mental health assessment and treatment of patients with diverse identities. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 21(3), 203–220. <https://doi.org/10.1080/19359705.2017.1320755>

Dunn, J.; & Laranjeira, R.R. Desenvolvimento de entrevista estruturada para avaliar consumo de cocaína e comportamentos de risco. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. 2000, v. 22, n. 1, pp. 11-16. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000100004>>. Epub 17 Out 2000. ISSN 1809-452X. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000100004>

Fundo das Nações Unidas para a Infância, Unicef. (2009). Situação da infância e da adolescência brasileira: o direito de aprender potencializar avanços e reduzir desigualdades. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/siab_capitulos.pdf>. Acesso em: 21 outubro de 2022.

Grösz, J.; & Rodriguez, S.Y.S. (2021). Relação entre violência interpessoal e discriminação: retrato de uma cultura de ódio. *Aletheia*, vol 54, n. 2, pp. 112-122. <http://dx.doi.org/DOI10.29327/226091.54.2-11>

- Heerde, J. A., Hemphill, S. A., & Scholes-Balog, K. E. (2014). 'Fighting' for survival: A systematic review of physically violent behavior perpetrated and experienced by homeless young people. *Aggression and Violent Behavior, 19*(1), 50–66. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2013.12.002>
- Heerde, J. A., & Hemphill, S. A. (2019). Exploration of associations between family and peer risk and protective factors and exposure to physically violent behavior among homeless youth: A meta-analysis. *Psychology of Violence, 9*(5), 491–503. <https://doi.org/10.1037/vio0000181>
- Heerde, J. A., & Pallotta-Chiarolli, M. (2020). "I'd rather injure somebody else than get injured": An introduction to the study of exposure to physical violence among young people experiencing homelessness. *Journal of Youth Studies, 23*(4), 406–429. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1610558>
- Machado, A. P., & Macedo, M. M. K. (2016). A interligação entre o intersubjetivo e o intrapsíquico: (im)possibilidades na travessia da adolescência. *Avances en Psicología Latinoamericana, 34*(3), 505-515. doi: <http://dx.doi.org/10.12804/apl34.3.2016.05>
- Martins, R. A.(1996). A Criança e o Adolescente em Situação de Rua: Definições, Evolução e Políticas de Atendimento. *Coletâneas da Anpepp*, v. 1, n.12, p. 35-44.
- Maia, R.C.; Nunes, T. G. R., da Conceição Silva, L. I., & da Silva, K. M. (2017). Da Proteção ao Risco: Configurações da Violência Intrafamiliar na Juventude Paraense. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. v. 33. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33312>

- Mattos, E., & Chaves, A. M. (2012). Semiotic regulations through inhibitor signs: Creating a cycle of rigid meanings. *Integrative Psychological Behavioral Science*, vol. 47, n.1, pp. 95-122.
- Mattos, E. (2013). *Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos*. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Mattos, E. (2016). A mediação semiótica da "responsabilidade": um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Psicologia USP*, vol. 27, n., pp. 178-188. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20160002>
- Mattos, E. (2019). Desenvolvimento do self e os processos imaginativos na transição para a adolescência: um estudo de caso. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(3), 421-434. Epub January 20, 2021. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8181>
- Mesquita, Filho M., & Eufrásio, C., & Batista MA. (2011). Estereótipos de gênero e sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde Soc.* 2011; 20(3):554-67. <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/29741/0>
- Minayo, M.C.S. (2006). *Violência e Saúde*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 132p.
- Moraes, E. (2012). Ser mulher na atualidade: a representação discursiva da identidade feminina em quadros humorísticos de maitena. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, . pp. 259-285. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books.
- Morais, N.; & Moraes, C.; Reis, S.; Koller, S. (2010). Promoção de saúde e adolescência: um exemplo de intervenção com adolescentes em situação de rua. *Psicologia &*

Sociedade, v. 22, n. 3, p. 507-518, <10.1590/S0102-71822010000300011>.»

<https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300011>

- Mortimer, E. F., Quadros, A. L., Silva, A. C. A., Sá, E. F., Moro, L., Silva, P. S., Martins, R. F., & Pereira, R. R. (2014) Interações entre modos semióticos e a construção de significados em aulas de ensino superior. *Revista Ensaio*, 16(3), 121-145. <https://doi.org/10.1590/1983-21172014160306>.
- Nascimento, A. (2009). *Uso de solventes por crianças e adolescentes em situação de rua no Distrito Federal*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde)- Universidade de Brasília.
- Neiva-Silva L. & Koller, S. H. (2002). A rua como contexto de desenvolvimento. Em E. R. Lordelo, A. M. A. Carvalho & S. H. Koller (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp. 205-230
- Neiva-Silva L.(2008). *Uso de drogas ente crianças e adolescentes em situação de rua: um estudo longitudinal*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Nery, G.S. (2018). *Fatores de Risco ao Uso e Abuso de Substâncias Psicoativas em Adolescentes em Situação de Rua na Cidade de Feira de Santana-Bahia*. Dissertação (mestrado em saúde coletiva). Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia, 2018.
- Nery, G.S., Carvalho,R.C;LI; Souza, S.L;Melo , L. G.; & Santos, J. E.F; (2021). Aplicación de muestra dirigida por el entrevistado (dem) a los adolescentes en la situación de la calle. *Revista Latina de Sociología*, 9(2), 59-76. <https://doi.org/10.17979/relaso.2019.9.2.6827>
- Nothaft, R.J.; & Beiras, A. (2019). O que sabemos sobre intervenções com autores de violência doméstica e familiar?. *Revista Estudos Feministas* [online]. v. 27, n. 3

[Acessado 9 Julho 2022] , e56070. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n356070>>.

Noto, A. R., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., Fonseca, A. M., Carlini, C. M. A., Moura, Y. G., & Carlini, E. A. (2004). Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais Brasileiras - CEBRID; UNIFESP.

Nunes, E.L.G.; Andrade, A.G. (2009). Adolescentes em Situação de Rua: prostituição, drogas e HIV/AIDS em Santo André, Brasil. *Psicologia & Sociedade*: Florianópolis, vol. 21, pp. 45-54.

Organização das Nações Unidas, ONU. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Recuperado de http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Organização Mundial de Saúde – OMS (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.

Pierce, C. S. (2005). *Semiótica*. 4º ed. São Paulo: Perspectiva.

Pihkala, Suvi; Huuki, Tuija; Heikkinen, Mervi; Sunnari, Vappu (2018).

Reconfigurings of Non-violence as a Matter of Sustainability and Response-ability.

NORA - Nordic Journal of Feminist and Gender Research, pp. 1–15.

doi:10.1080/08038740.2018.1461130

Price, D. et al (2014). A Qualitative Exploration of Cyber-Bystanders and Moral Engagement. *Aust. J. Guid. Couns.*, vol. 24, no. 1, pp. 1–17.

Ribeiro, F.M.L.; & Minayo, M.C.S. (2014). O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 06, pp. 1773-1789. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413->

81232014196.13112013>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.13112013>

Ristum, M.; & Bastos, A.C.S. (2004). Violência urbana: uma análise dos conceitos de professores do ensino fundamental. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 9, n. 1 [Acessado 18 Junho 2022] , pp. 225-239. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000100022>>. Epub 05 Jun 2007. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000100022>

Rizzini, I.; & Couto, R.M.B. (2019). População infantil e adolescente nas ruas:

Principais temas de pesquisa no Brasil. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, v. 19, n. 1 [Acessado 29 Junho 2022] , pp. 105-122. Disponível em:

<<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30867>>. Epub 08 Abr 2019. ISSN 1984-7289. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30867>.

Santana, J. P., Doninelli, T. M., Frosi, R. V., & Koller, S. H. (2004). Instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia &*

Sociedade, 16(2), p. 59-70. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000200008>

Schuch, P. (2009). Tecnologias da não-violência e modernização da justiça no Brasil: o caso da justiça restaurativa. *Civitas - Revista De Ciências Sociais*, vol. 8, n. 3, pp. 498-520. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2008.3.4872>

Silva, Marcio Santana da. (2017). Processos afetivo-semióticos na integração da perda de um filho por morte violenta à identidade pessoal materna. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia.

Souza, M.V. O. (2011). *Produção de sentidos quanto à dimensão moral da violência em jovens*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia.

Truong, M., Sharif, M., Olsen, A., Pasalich, D., Calabria, B. & Priest, N., 2022.

Attitudes and beliefs about family and domestic violence in faith-based communities:

An exploratory qualitative study. In: *Australian Journal of Social Issues*. p. 18

<https://doi.org/10.1002/ajs4.210>

Valsiner, J. (2007a). *Culture in Minds and Societies*. New Delhi, SAGE Publications.

Valsiner, J. (2007b). Personal culture and conduct value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, vol. 1, n. 2, pp. 59-65.

Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida* (A. C. S. Bastos, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 2007)

Valsiner, J. (2014). *Invitation to culture psychology*. London, UK: Sage

Valsiner, J. (2019). Cultural psychology as a theoretical project. *Estudios de Psicología*, vol. 40, n. 1, pp. 10-27.

Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes

Vygotsky, L. S. (2008). *Pensamento e linguagem*. Tradução Jefferson Luis Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

6.2 Artigo 2

Adolescentes em Situação de Rua: Significações sobre a Escola, Trabalho e Família

Resumo: Neste trabalho, buscou-se analisar as significações sobre a escola, trabalho e família por parte de adolescentes em situação de rua e as relações com os valores morais. É uma pesquisa de natureza qualitativa, com características do tipo interpretativa, realizada com três adolescentes em situação de rua utilizando do questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. Verificou-se que as motivações para ir ou não à escola, perpassam a produção de um conjunto de signos, a violência paterna e os conflitos familiares estiverem relacionados aos processos semióticos de ida para as ruas e cometimento de atos infracionais. Por fim, o trabalho realizado na rua expõe processos de internalização e externalização de valores relacionados a responsabilidade, independência financeira e comportamentos morais, sendo visto como distanciador de atos infracionais.

Palavras-Chave: Adolescentes em Situação de Rua, Significação, Trabalho, Família, Escola

Street Adolescents: Meanings about School, Work and Family

Abstract: In this work, we sought to analyze the meanings about school, work and family by teenagers living on the street and the relationships with moral values. It is a qualitative research, with characteristics of the interpretative type, carried out with three adolescents living on the street using a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. It was verified that the motivations for going to school or not go through the production of a set of signs, paternal violence and family conflicts are related to the semiotic processes of going to the streets and committing infractions. Finally, the work carried out on the street exposes processes of internalization and externalization of values related to responsibility, financial independence and moral behavior, being seen as distancing from infractions.

Keywords: Street Adolescents, Meaning, Work, Family, School

A situação de rua tem sido caracterizada pela quebra de vínculos familiares, rupturas com instituições e processos de exclusão social (Brasil, 2012). Legalmente, essa situação está associada a um grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular (Brasil, 2009).

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) define crianças e adolescentes em situação de rua como pessoas em condição de desenvolvimento, com direitos violados, rompimento ou fragilidade dos vínculos familiares e que utilizam os espaços públicos (praças, ruas etc.) e áreas degradadas como espaço de moradia e/ou trabalho de forma permanente ou intermitente (Brasil, 2016).

Com relação aos fatores associados à situação de rua, estudos como o de Alles (2010) tem apontado as situações de pobreza, desemprego e violência intrafamiliar; Alcantara et al (2015) revela que processos progressivos e acumulativos de ruptura dos vínculos socioafetivos, familiares e comunitários também são fortes influenciadores.

O processo de rualização tem crescido no Brasil e demandado avanços na compreensão dos fatores associados a tal situação sob uma perspectiva singular e não generalizante, contextualizada e humana, uma vez que a situação de rua é uma questão política e social e que exige um olhar multifacetado (Sicari & Zanella, 2018)

O olhar multifacetado sobre esta população tem sido produzido mediante o aumento dos estudos e contribuições teóricas da psicologia, das ciências sociais e ciências da saúde de modo geral, utilizando-se de abordagens psicossociais, epidemiológicas, sistêmicas e médicas (Rizzini & Couto, 2019; Morais, 2005).

Por outro lado, um desafio tem sido posto: contribuir para a desmistificação de visões homogêneas, estigmatizantes e demasiadamente negativas sobre esta população, por meio de investigações que aprofundem as dimensões históricas e culturais

relacionadas à vivência cotidiana e singular de adolescentes em situação de rua (Rizzini & Couto, 2019).

Particularmente no que diz respeito à cultura, na psicologia a abordagem semiótica e cultural tem como um dos maiores representantes Jaan Valsiner. A abordagem que representa uma virada linguística nas ciências humanas e sociais e um avanço nos estudos da Psicologia Histórico-cultural (Mattos, 2013), tem sido promissora na análise da relação do sujeito com a cultura nos mais diversos contextos sociais.

Para Valsiner (2007) construímos significação em relação a tudo no mundo. A cultura atua no indivíduo e o indivíduo atua na cultura por meio de processos de significação da vida passada, presente (no aqui-e-agora) e futura, sendo que a cultura não é estática, mas sim um processo.

Nesse sentido a psicologia semiótico-cultural busca compreender os processos humanos de significação, adotando uma visão na qual toda existência é permeada por uma construção contínua e dialógica de signos, que permite a orientação de comportamentos, sentimentos, pensamentos e relacionamentos no mundo, com as pessoas e consigo mesmo (Abbey & Valsiner, 2005; Valsiner, 2012).

Seres humanos são naturalmente produtores e reprodutores de signos. Um signo é alguma coisa para alguém (significado), uma representação alternativa de determinado objeto. Os signos são elaborados pela mente humana e possuem uma natureza dinâmica em função de sua produção ocorrer na relação com os mais variados contextos da experiência humana (Valsiner, 2012; 2014; Pierce, 2005). Tais contextos representam diferentes níveis, interrelacionados, de construção semiótica. Valsiner (2007; 2012) apresenta três como centrais: microgênese, mesogênese e ontogênese. O contexto microgenético refere-se as situações e experiências pontuais, do aqui-e-agora, fruto das relações interpessoais face a face.

O contexto mesogenético refere-se ao conjunto de práticas sociais compartilhadas e repetidas ao longo do tempo na vida cotidiana e o contexto ontogenético representa a performance estável de significados produzidos no cenário micro e mesogenético que acompanha o desenvolvimento da pessoa ao longo da vida (Valsiner, 2007;2012; Cunha 2022).

Compreende-se, neste estudo, que os adolescentes em situação de rua possuem um funcionamento cultural específico e se utilizam de ferramentas semióticas (signos) para a organização de seus processos de viver, sobreviver e se relacionar no contexto da rua, com níveis microgenéticos, mesogenéticos e ontogenéticos (Valsiner, 2007;2012; Cunha 2022).

As produções semióticas nos níveis microgenéticos, mesogenéticos e ontogenéticos estão diretamente relacionadas a formação de valores que orientam as condutas dos indivíduos nos contextos sociais diversos (família, escola, trabalho) nos quais participam pais, professores e amigos (Herreira, 2014).

A contribuição da família e escola para o desenvolvimento humano é fundamental, seja na transmissão do conhecimento culturalmente organizado ou mesmo na promoção da formação identitária e processos de aprendizagem (Dessen & Polonia, 2007). O trabalho precoce, por outro lado, tem sido visto como produtor de impactos negativos no desenvolvimento (Campos & Francischini, 2003), sendo necessária a compreensão dos significados atribuídos a este por sujeitos em diferentes etapas do desenvolvimento.

Assim, deve-se investigar: quais as significações de adolescentes em situação de rua sobre a escola, trabalho e família? Como as significações sobre trabalho e família se relacionam com os valores morais?

Neste estudo, busca-se como objetivo geral analisar as significações sobre a escola, trabalho e família por parte de adolescentes em situação de rua e como objetivo específico analisar os valores morais que estão presentes nas significações sobre trabalho e família.

Método

Delineamento:

O presente estudo é um recorte de uma pesquisa mais ampla, de natureza qualitativa, baseada nos pressupostos da psicologia semiótico-cultural. Trabalhos idiográficos tem sido muito utilizado nesta abordagem teórica, fundamentando-se em comparações e análises intra-sujeito (Tavares, 2003), considerando os processos idiossincráticos, microgenéticos e semióticos (Valsiner, 2012) os quais permite uma maior exploração dos aspectos subjetivos, sociais e culturais da realidade de vida dos sujeitos.

Contexto da Pesquisa e Participantes

A pesquisa foi realizada em uma cidade do interior da Bahia, com população estimada em mais de 620 mil habitantes e que está localizada no território identitário intitulado Portal do Sertão (Barros, 2021; IBGE, 2020).

Os adolescentes em situação de rua, no contexto investigado, estavam distribuídos por territórios geográficos e sociais (semáforos, rodoviária, feira livre e praças públicas), já mapeados em estudos anteriores desenvolvidos por Nery (2018) e Barros (2021).

Neste estudo, a investigação teve como participantes três adolescentes (Organização Mundial da Saúde, OMS, 1965) em situação de rua, dois com 19 anos de idade, de raça/cor preta e do sexo masculino e um com 16 anos, de raça/cor preta e do sexo feminino, que se encontravam morando e/ou trabalhando, de modo irregular, nas ruas do município de Feira de Santana-Ba. No acesso aos participantes observou-se que

dois dos entrevistados estavam trabalhando nos semáforos e um nas imediações do centro da cidade.

Construção dos dados

O processo de construção dos dados foi realizado com os seguintes procedimentos: diálogos e estabelecimento de parcerias com o Consultório de Rua, Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua - Centro-Pop e outros pesquisadores do campo; envio de projeto de pesquisa à Vara da Infância e Juventude para concessão de autorização de realização de pesquisa em campo com adolescentes em situação de rua, tendo em vista a dificuldade de acesso e/ou ausência dos responsáveis legais; acesso ao campo e aplicação dos instrumentos de pesquisa, tendo como base o conhecimento prévio - mapeamento territorial e relacional anteriormente realizado por Nery *et al.* (2021) - da geografia do espaço de trabalho de adolescentes situados no contexto da rua (semáforos, rodoviária, feiras-livres, dentre outros).

Instrumentos e procedimentos

Na pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1. Questionário sociodemográfico: foi utilizada com o objetivo de realizar a caracterização de diferentes dimensões da vida dos adolescentes (Dun & Laranjeira, 2000) contendo, especificamente, 10 itens sociodemográficos que dialogam com a dinâmica de trabalho e vida nas ruas, envolvendo sexo, faixa etária, estado civil, se tem filhos, escolaridade, condição socioeconômica, raça/cor, renda semanal, idade com que começou a ir para as ruas e episódio(s) de violência ao longo da vida.

A aplicação do questionário sociodemográfica foi realizada de forma individual, tendo sido precedida da identificação do pesquisador, da apresentação do trabalho e da solicitação de concordância do participante para responder as questões e para sua

gravação em áudio. Sequencialmente, foi apresentada cada questão em forma de entrevista ao participante. O tempo médio das entrevistas foi de cinquenta e cinco minutos.

2. Entrevista Semiestruturada: objetivando uma conversação continuada entre entrevistado e entrevistador, dirigida por objetivos claros, com diretividade e seguindo um roteiro previamente elaborado (Minayo, 2010; Frase, Gondim & Bahia, 2004).

Esta entrevista foi aplicada também de forma individual, e continha seis categorias temáticas (história familiar, histórico educacional, vida na rua, processos de saúde e doença na rua, rede de apoio e violência), com três a quatro questões por categoria, e teve uma duração média de 45 minutos.

A análise dos dados foi realizada com base nos pressupostos teóricos da Psicologia Cultural de orientação semiótica. Foi organizada em duas etapas: pré-análise, a partir de transcrição, leitura flutuante de todo o material e organização em categorias temáticas; e análise, em que foi realizada a interpretação dos dados, estabelecendo um diálogo entre os objetivos da pesquisa, a literatura sobre o tema e os pressupostos teóricos adotados. Nas entrevistas dos participantes, os nomes das escolas e bairros foram substituídos por nomes de flores afim de atender aos procedimentos éticos.

Procedimentos Éticos

O presente estudo foi realizado seguindo os padrões estipulados pelas resoluções 466/2012 (Brasil, 2012) e 510/16 (Brasil, 2016). O projeto mais amplo foi aprovado pelo comitê de ética e pesquisa da Universidade Federal da Bahia, sob nº. 4.384.616.

Resultados e Discussão

No quadro 1, são apresentados os dados sociodemográficos dos adolescentes entrevistados, revelando que os participantes possuem como características a raça/cor

(preto), a baixa formação escolar, a insegurança financeira e alimentar, os conflitos familiares e necessidades de sustento pessoal e familiar.

Quadro 1: Dados sociodemográfico dos adolescentes em termos de sexo, raça/cor, idade, escolaridade, tempo/vida na rua e motivo de ida para ruas

| PARTICIPANTES | SEXO | RAÇA/COR | IDADE | ESCOLARIDADE | TEMPO/VIDA NA RUA | MOTIVO DE IDA PARA AS RUAS |
|---------------|-----------|----------|-------|-------------------------------|-------------------|---|
| Jennifer | Feminino | Preta | 19 | Ensino Fundamental | 8 anos | Insegurança financeira, alimentar |
| Jorge | Masculino | Preta | 19 | Ensino Médio completo | 6 anos | Conflitos Familiares e para parar de fazer coisas erradas |
| Roberto | Masculino | Preta | 16 | Ensino Fundamental Incompleto | 5 anos | Necessidades de sustento pessoal e familiar |

Estudos anteriores (Brasil, 2009; Penna *et al.*, 2017; Silva *et al.*, 2021) indicam um conjunto de características frequentemente encontradas na população em situação de rua: raça/cor preta racial, pobreza, baixo nível de escolaridade e desemprego.

Tais características possuem raízes nos processos políticos, sociais e históricos de desigualdade e vulnerabilidade, que impactam na saúde física e mental e apontam para as lacunas na assistência, invisibilização social e pouco interesse do poder público na resolução de tais problemáticas.

1. Significações sobre a escola

A escola exerce um papel mediador no desenvolvimento das funções psíquicas, intelectuais, emocionais e sociais (Dessen & Polonia, 2007), nesta seção são abordadas as significações dos adolescentes sobre suas experiências no contexto escolar, cumprindo com o objetivo de esclarecer como a escola é representada semioticamente.

Há um dilema no imaginário social com relação ao papel das instituições e atores sociais na formação identitária de crianças e adolescentes, se seria a escola espaço para isso, sozinha ou com a família e a sociedade; qual seria o papel de pais, professores e outras instituições? (Pradel & Dáu, 2009).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) destacam a formação de valores no contexto escolar como dimensão essencial para exercício da cidadania e convivência numa sociedade democrática, informando a necessidade do trabalho educativo em várias disciplinas sobre os temas éticos, comportamentos morais, convívio social e regras (Brasil, 2000; Pradel & Daú, 2009).

No contexto das entrevistas realizadas, o papel da escola e/ou o processo de escolarização não foi apresentado pelos participantes de uma forma direta em função da pouca participação dos adolescentes na vida escolar. Sendo assim, os dados sobre valores na relação com a escola não apareceram nas entrevistas, apenas as motivações associadas a ida e permanência neste contexto, revelando a inadequação e distanciamento da proposta pedagógica de formação cidadã da escola com o estilo de vida dos adolescentes em situação de rua.

Sobre as motivações para ir ou não à escola e o sentimento que tem em relação a essa instituição, o participante Jorge afirma:

Eu já passei por tudo que é lugar. Minhas escolas foram ruins. A única que foi boa foi no tulipa, que minha história lá foi me divertir, brinquei lá, conheço todo mundo de lá [...]. A pessoa vai pra escola, quer até conversar um pouquinho, brincar um pouquinho com o professor. O professor vai já na ignorância, na agressividade. Então a pessoa fica até sem querer ir pra escola, fica com raiva.

A narrativa do participante Jorge traz a brincadeira e a relação com o professor como elementos estruturadores da qualidade da escola “*Minhas escolas foram ruins. A única que foi boa foi no tulipa*”, e das motivações afetivas associadas à ida para a escola “*A pessoa vai pra escola, quer até conversar um pouquinho, brincar um pouquinho [...] O professor vai já na ignorância [...]Então a pessoa fica até sem querer ir pra escola*”

Santos (2004), em um estudo sobre as brincadeiras de crianças que viviam nas ruas de uma capital brasileira, revelou como a rua foi um local preferido para brincar em detrimento do ambiente escolar e/ou contexto familiar, destacando as limitações e impedimentos da estrutura escolar, a expressão espontânea da brincadeira e, ao mesmo tempo, a não atratividade por ser um local exclusivamente de estudo e que não aceita formas alternativas de ser aluno e vivenciar a aprendizagem.

Estudos nacionais (Barbosa *et al.*, 2011; Valle & Williams, 2021) têm apontado como o ambiente escolar e a relação professor-aluno positiva promovem maior engajamento escolar, uma vez que o professor é a ponte entre o aluno e a educação. Quando essa relação é negativa e/ou conflituosa, aumenta-se a probabilidade de fracasso escolar e comportamentos agressivos.

Quando questionado sobre como desejava que fosse a escola, o participante Jorge expressou:

“Eu acho que deveria tentar entender mais os alunos, transformar a aula básica, que é só o professor escrevendo no quadro e acabou. Professor explica e acabou. Em um bagulho mais alegre, poder conversar um pouquinho, rolar entretenimento do professor com os alunos, todo mundo junto”.

Na primeira narrativa de Jorge, verifica-se que a única experiência positiva com a escola estava associada à brincadeira e à diversão “*A única que foi boa foi no tulipa, que minha história lá foi me divertir, brinquei*”. Agora, nessa segunda narrativa, o

participante sugeriu que a escola fosse “*mais alegre*” e de “*rolar entretenimento*”, propondo um currículo que atendesse as necessidades afetivas.

Estudos internacionais (Gallagher, 2015; Wanders *et al.*, 2019) têm revelado que o relacionamento positivo entre professor-aluno produz diminuição da evasão escolar, melhora no rendimento acadêmico e formação de valores de boa convivência entre os colegas, dialogando com as necessidades afetivas e lúdicas expostas pelo participante Jorge.

Sobre a relação com a escola, a participante Jennifer destaca:

Ah, eu gostava muito, entendeu? No tempo em que eu estudava, era colégio municipal ainda, muito bom a educação de lá, era ótima pra quem queria aprender também, né? No meu caso, eu não gostava, praticamente nem ia pro colégio. Eu parei de estudar, eu tinha no máximo uns 12 ou 13 anos, muito nova, por isso que eu parei na quarta série, porque, eu não vou mentir, eu nunca gostei de estudar não, meu negócio sempre foi mais foco pra trabalhar, entendeu?

A narrativa da participante Jennifer não destaca elementos da relação com o professor e o papel das brincadeiras, mas informa, do mesmo modo que Jorge, aspectos qualitativos e motivacionais da escola “*muito bom a educação de lá, era ótima pra quem queria aprender também, né?” destacando aspectos associados à fragilidade do vínculo com a instituição, “*No meu caso, eu não gostava, praticamente nem ia para a escola*”, e reiterando o caráter motivacional “*eu nunca gostei de estudar*”.*

Roberto, outro participante, expõe:

Eu já estudei no tulipa, no hortênsia e no cravo também [...]. A escola é boa, por causa que na hora que nós tá estudando, nós tem que aprender muito, mas era nós que deixava de aprender, porque elas tão ali no colégio fazendo o

trabalho delas pra nós aprender, e a gente num querendo, num pode querê uma coisa e a escola outra.

A narrativa de Roberto ratifica, como antes feito por Jorge e Jennifer, os aspectos qualitativos “A escola é boa”, e acrescenta questões coletivas, de regramento escolar e autorresponsabilização, “na hora que nós tá estudando, nós tem que aprender muito, mas era nós que deixava de aprender”, e conflitos de interesses, “num pode querê uma coisa e a escola outra”, como estruturadores dos vínculos à escola.

O participante encerra sua fala abordando também os aspectos de motivação pessoal e, ao mesmo tempo, culpabilização coletiva “*porque elas tão ali no colégio fazendo o trabalho delas pra nós aprender, e a gente num querendo*” (Roberto).

Ao comparar as falas de Jennifer, “*eu nunca gostei de estudar*”, e de Roberto, “*na hora que nós tá estudando, nós tem que aprender muito*”, verifica-se uma visão tradicional da escola como espaço apenas para estudar e/ou como se o processo educativo tivesse essa única finalidade. Sendo assim, as crianças e os adolescentes que não se adaptam a esse modelo de “só estudar” se sentem excluídas e acabam evadindo do espaço escolar.

O dilema apontado pelo participante Roberto: “não pode querê uma coisa e a escola outra”, se dá, inclusive, quando os valores da escola tradicional (conteudistas e cognitivistas) não acolhem e/ou dialogam com os valores apresentados pelos adolescentes em situação de rua, associados a necessidades afetivas e de diversão/ludicidade.

Cabral et al (2004) abordam que é um desafio superar o modelo tradicional, no qual “o professor na sala de aula ensina e dá ordens e os alunos aprendem e obedecem” (p.328), um modelo que valoriza estritamente a dimensão cognitiva e desconsidera que aprendizagem também envolve afetividade, signo produzido pelos participantes na relação com a escola.

Considerando que os signos operam intraindividualmente e que os contextos permitem a produção de variados signos (Valsiner, 2012), afeto, brincadeiras/ludicidade, motivação pessoal, autorresponsabilização e culpabilização coletiva são signos que compõem o universo semiótico de Jorge, Jennifer e Roberto e regulam a experiência no contexto escolar.

A relação que as pessoas mantêm com as situações da vida cotidiana e com os contextos sociais permitem a emergência de signos que dão sentido ao desenvolvimento humano (Abbey & Valsiner, 2005). Logo, compreende-se nesta seção de análise que as experiências dos participantes com os professores, com a instituição escolar e com o processo de aprender se tornam campos de significação da vida presente e futura.

Os campos de significação são compreendidos como espaços afetivos e semioticamente abrangentes de produção de significados e interpretação sobre as variadas dimensões da vida (social, familiar, escolar etc) e que integram o processo de desenvolvimento (Moreno & Branco, 2014; Valsiner, 2012).

Assim, as significações apresentadas (afeto, brincadeiras/ludicidade, motivação pessoal, autorresponsabilização e culpabilização coletiva) estão relacionadas com a evasão e/ou permanência no contexto escolar. Nesse sentido, estudos sobre as relações entre evasão escolar e situação de rua são promissores, observa-se uma necessidade de maiores investigações que possam compreender inclusive se a evasão escolar é anterior e/ou posterior a situação de rua.

2. Significações do trabalho na rua e suas implicações morais

Conforme já apontado nos dados sociodemográficos, a insegurança financeira e alimentar e a necessidade de sustento pessoal e da família são elementos que os adolescentes elegem como motivos para a ida para as ruas. Dados já relatados por outros estudos têm confirmado esses achados (Gomez & Meirelles, 1997; Cruz & Assunção,

2008; Rizzini & Couto, 2019) e revelado como, historicamente, crianças e adolescentes têm encontrado, no trabalho precoce, informal e desprotegido, a única saída para sobreviver à fome e à pobreza (Dias, 2021; Santana & Ristum, 2022).

Assim, muitos adolescentes em situação de rua têm evadido do espaço escolar para adentrar no contexto do trabalho precário e vulnerabilizado, tendo implicações no desenvolvimento, crescimento e processos de saúde-doença e cuidado (Minayo-Gomez & Meirelles, 1997), não por uma escolha livre, mas pelas circunstâncias políticas e socioeconômicas da vida.

Nesta seção, discute-se como, em um contexto social específico (rua), o trabalho dos adolescentes que possuem, conforme os dados sociodemográficos, insegurança de vínculos com a escola, é significado e funciona na relação com os valores morais.

Sobre como o trabalho adentrou em sua vida, Jennifer afirma:

Eu comecei, como eu falei, tinha 11/12 anos de idade por aí, porque eu não queria logo trabalhar. Aí eu via minha mãe no aperto, porque antigamente ela morava de aluguel. Aí a gente não tinha muito de onde tirar, entendeu? Minha mãe também, com sete cabeças dentro de casa e num conseguia comida. Aí eu via uma mulher muito antiga, acho que já até faleceu, que começou a vender frutas e verduras no sinal. Aí eu peguei e pedi a ela pra me trazer. Ela me trouxe. Eu comecei vendendo água e, nisso aí, eu tô até hoje. Trabalho no rodinho, vendo doce, trabalho de qualquer coisa, o que tiver pra mim, eu tô dentro e ajudando no que dê em casa.

Jorge relata como o trabalho na rua chegou em sua vida:

Foi porque antigamente eu fazia umas coisas meio erradas, que eu não me orgulho muito, já roubei, essas coisas, já fui preso. Aí, um dia, eu conheci o sinal. Comecei ganhar minhas coisas no corre, aí preferi o sinal, melhor do que ficar

fazendo coisa errada” [...]. Já roubei... é, roubava. Nunca gostei de traficar, essas coisas, só roubava mesmo, ia pra rua só pra roubar e depois ia pra casa. Aí fui preso, teve uma vez que eu fui roubar e fui preso. Quando eu saí, acho que no final de 2019, uma amiga me mostrou o sinal. Aí eu não parei mais, gostei, preferi mil vez. É pouco, mas é um pouco que dá.

Roberto expõe as seguintes razões para o trabalho nas ruas:

Porque eu ajudava minha avó também [...]. Não era obrigado, ela não chegava e mandava eu ir pra rua, é porque eu gostava de sempre ter meu dinheirinho no sábado, cortar meu cabelo, de eu mesmo só depender de mim, entendeu? Que eu sou homem, aí nós tem que depender de nós mesmos [...]. Vem na mente que se ir pra vida errada, morre, né? Mas tá aqui, Deus ajuda, quem trabalha, Deus ajuda. Eu penso isso.

No nível pessoal e intersubjetivo, observa-se que o trabalho assume diferentes significações na vida dos participantes (sustento familiar e independência financeira), com distintas implicações morais (produção de autonomia e adequação/ressocialização moral).

Jennifer, por exemplo, significa o trabalho como um instrumento necessário para suprir as necessidades financeiras e alimentares de sua família “*eu via minha mãe no aperto[..] com sete cabeças dentro de casa e num conseguia comida* (Jennifer).

Em outro trecho, Jennifer informa que:

[...] tipo assim, minha mãe, foi ela que me criou desde pequena. Meu pai, eu não vivia muito presente com ele e até hoje. Minha mãe é uma ótima pessoa, cuida até da minha filha, que não tem nem o que fazer. Eu largo ela lá pra vir pro corre, porque, senão, a gente não trabalha e não consegue o que a gente quer, né?

Observa-se que as dificuldades financeiras e alimentares “*eu via minha mãe no aperto[...] com sete cabeças dentro de casa e num conseguia comida*”, bem como a ausência paterna “*minha mãe, foi ela que me criou desde pequena*”, influenciam para que a participante desenvolva tão cedo autonomia de ir para as ruas “*Aí eu via uma mulher muito antiga [...]que começou a vender frutas e verduras no sinal. Aí eu peguei e pedi a ela pra me trazer*” (Jennifer).

A partir disso a participante começa a assumir posições morais relacionadas à responsabilidade, manifesta pela autoresponsabilização em relação a colaboração financeira no contexto familiar em função que sua mãe não podia trabalhar, tinha sete cabeça para alimentar e ainda morava de aluguel.

A responsabilidade, enquanto valor moral, tem sido entendida como uma dimensão significativa de expressão de comportamentos pró-sociais no mundo, sendo desenvolvida desde a infância, mas que, na adolescência, tem se manifestado pela capacidade de iniciativa, autonomia e resolução de problemas sociais e familiares (Wray-Lake, Syvertsen & Flanagan, 2016).

Pesquisadores do campo da psicologia semiótico-cultural (Valsiner, 2007; Mattos, 2016; Diamantino, 2021) têm apresentado a responsabilidade como um valor fundamental desenvolvido por adolescentes para lidar com situações da vida, realizar escolhas, regular as relações com o outro e entender seus direitos e obrigações.

Nas suas narrativas, o participante Jorge significa o trabalho como uma atividade que produz uma reforma moral e educativa na sua vida “*Foi porque antigamente eu fazia umas coisas meio erradas, que eu não me orgulho muito, já roubei, essas coisas, já fui preso. Aí, um dia, eu conheci o sinal. Comecei ganhar minhas coisas no corre, aí preferi o sinal, melhor do que ficar fazendo coisa errada*” (Jorge).

Verifica-se que conhecer o sinal (semáforo), enquanto contexto de trabalho, promove um modo de viver distanciador dos atos infracionais e realiza alterações diretas na trajetória de Jorge no mundo: *“uma amiga me mostrou o sinal. Ai eu não parei mais, gostei, preferi mil vez. É pouco, mas é um pouco que dá”* (Jorge).

Pode se afirmar, que “conhecer o sinal” (semáforo) é signo produzido no nível microgenético (experiências únicas e inéditas da sequência do tempo) que se estabelece a partir das relações intersubjetivas e interpessoais de Jorge com sua amiga e promove uma reelaboração da expressão de seus valores morais no mundo (Valsiner, 2007; Mattos, 2012).

Sobre isso, deve-se considerar que os valores possuem uma estrutura dinâmica (facilita processos de mudança ao longo do tempo), intersubjetiva (envolve processos de internalização e externalização), cultural (pode ser produzido em diferentes contextos sociais) e afetiva (envolve pensamento, sentimento e ação no curso da vida) ((Nunes & Branco, 2007; Valsiner, 2012).

Quando o participante foi questionado sobre o que mudou na sua vida após começar a trabalhar, ele afirmou que:

“Mudou tudo, porque antigamente, como eu lhe disse, minha vida não era muito boa. E no sinal não, no sinal eu me divirto, brinco com meus amigos, trabalho ao mesmo tempo, levo meu pão pra casa e vou feliz, vou de boa, na paz, com minha mente tranquila” (Jorge).

A expressão do participante *“mudou tudo”* revela o nível de influência do signo no curso da vida e, ao mesmo tempo, como o trabalho na rua comporta valores de aprendizagem e formação moral que promove mudanças de forma dinâmica, intersubjetiva, cultural e afetiva *“no sinal não, no sinal eu me divirto, brinco com meus amigos, trabalho ao mesmo tempo, levo meu pão pra casa e vou feliz”*.

Valsiner (2012) aborda que a vida humana, nos mais variados contextos, fases, processos e dimensões, é culturalmente orientada. Sendo assim, considera-se que, a rua e o sinal (semáforo) são signos culturalmente e moralmente orientadores na trajetória de vida do participante.

Quando Jorge expõe que na rua se diverte, brinca, trabalha e que o trabalho lhe permitiu escolher entre o que é certo ou errado (dimensão moral), verifica-se que, no contexto em que o participante poderia “brincar”, aprendeu uma dimensão moral (regras, valores, normas) que frequentemente é associada à escola (Dessen & Polonia, 2007).

Logo, a brincadeira/ludicidade no contexto da rua é instrumento cultural para produção de novas significações sobre a vida, bem como para formação de valores morais no espaço da rua.

Os valores, sob o ponto de vista semiótico e afetivo, são formados nas relações com a família, os pares, as instituições, bem como através das experiências cotidianas e outras formas de socialização, sendo ontogeneticamente internalizado (Branco, 2006; Herreira, 2014; Branco & Valsiner, 2012). Essa internalização de valores conduz o processo de significação a direções específicas. Um exemplo disso é a busca por brincadeira/ludicidade, um valor que norteia Jorge nos processos de significação sobre sua vida em vários âmbitos, como na escola e no trabalho.

Em outra análise, o participante Roberto traz significações sobre o trabalho na rua associadas a questões financeiras, “*Porque eu ajudava minha avó também*”, mas também a questões morais ligadas ao papel social de homem provedor “*Que eu sou homem [...] aí nós tem que depender de nós mesmos [...]*”, à independência financeira “*“é porque eu gostava de sempre ter meu dinheirinho no sábado, cortar meu cabelo, de eu mesmo só depender de mim, entendeu?”*” e à vida eticamente correta “*Vem na mente que se ir pra vida errada, morre, né?”*”

Tal aspecto moral do trabalho é significado em outro momento da entrevista com Roberto, quando fala de um período de sua vida: *“Minha infância foi assim, jogando bola, brincando com meus colegas. Depois, quase a maioria dos colegas começou a se envolver. Aí eu não quis isso pra mim, saí, vim trabalhar, porque quem trabalha Deus ajuda”*.

Novamente, verifica-se uma lógica moral do trabalho na alteração da trajetória de vida dos adolescentes expresso nas significações de Jorge mas que aparecem também nas falas de Roberto, promovendo a escolha entre o certo e o errado e auxiliando para que tais indivíduos signifiquem sua vida de uma forma positiva no mundo e distanciadora dos atos infracionais.

Koller e Hutz (1996) têm destacado a necessidade de se considerar as crianças e adolescentes em situação de rua como sujeitos, em processo de desenvolvimento, manifestando a necessidade de superarmos os estereótipos negativos associados a elas e demonstrando com base em dados empíricos que a vida na rua não é um fio condutor de imoralidade, violência e dimensões essencialmente negativas, mas um contexto potente para o desenvolvimento moral e ético de forma positiva.

Percebe-se que o campo de significação sobre o trabalho intercruza as perspectivas futuras dos participantes como signo de saída da rua e mudança da realidade. Quando questionado sobre o que espera que aconteça de bom na sua vida, Jorge afirma: *“Sei lá, arranjar um trabalho, um trabalho de carteira assinada já ajudaria”*. Roberto faz o seguinte comentário: *“Rapaz, eu queria mesmo assim é ser um advogado, alguma coisa assim, um trabalho bom, um trabalho fixo, ter como todo mundo tem seu trabalho fixo. Um dia nós vai conseguir, nós não vai ficar aqui pra sempre [...]”*.

Considerando as características principais dos valores na perspectiva semiótico-cultural (Valsiner, 2007; Valsiner, 2012), nesta seção, observa-se, que nas narrativas dos

participantes elas aparecem como recursos emergentes da relação de Jennifer com o seu contexto de vida (processo microgenético), na conduta de Roberto, em busca de independência e quando percebe que seus amigos começaram a se envolver (processo intersubjetivo e interpessoal), e nas experiências ontogenéticas de Jorge e processo de ressocialização moral por meio das significações associadas ao trabalho na rua.

Desse modo, estar na rua, autorresponsabilizar-se, conhecer o sinal (semáforo), ter o próprio dinheiro, depender de si mesmo, arranjar um trabalho de carteira assinada, ser um advogado são signos mediadores das relações de Jennifer, Jorge e Roberto com a rua, sendo que para Jorge e Roberto tais signos podem funcionar também como distanciadores dos atos infracionais e promotores de valores morais.

3. Significações sobre a família e suas relações com os valores

As características das famílias dos adolescentes em situação de rua entrevistados expressaram algumas marcas: nenhum dos entrevistados estava desfamiliarizado (quebra total dos vínculos com a família); havia insegurança de moradia, mas residiam em casa própria ou de aluguel; a mãe ou a avó era a principal figura de referência e as práticas educativas nas famílias de Jorge e Roberto caracterizavam-se como punitivas, atravessadas por conflitos familiares e violência paterna. Nesta seção aprofunda-se as produções semióticas sobre a família na relação com os valores morais.

O participante Jorge reside atualmente com a mãe, o padrasto e uma irmã, e relata que tem nove anos que sua mãe se separou de seu pai por conta de conflitos familiares. Roberto relata que sempre morou com sua avó, porque seu pai morreu e sua mãe fazia muito uso de bebida alcoólica. Não teve muito tempo de convivência com o pai, mas sua mãe se encontra viva.

Jennifer relata que foi criada desde pequena por sua mãe e que seu pai nunca esteve presente. Reside numa casa juntamente com oito pessoas; a participante não mencionou situação de violência e/ou conflito familiar.

Sobre a violência no contexto familiar, Jorge expressa que:

Já, porque antigamente meu pai bebia muito e batia na minha mãe, quando eu era menor [...]. Tinha vezes que vinha, me agredia. No tempo que minha mãe e meu pai era junto, ele vinha pra me agredir, só que minha mãe pegava e entrava na frente, tomava os pau por mim, apanhava por mim. Aí nós se separou. Aí teve um tempo que eu morei com ele, ele ainda me batia, tenho até uma cicatriz na cabeça por causa dele, mas, hoje em dia, não.

Sobre se já sofreu violência no contexto familiar Roberto destaca:

Pequeno, sim, porque nós bagunçava, entendeu? Nós fazia altas coisa também, aí nós também já sofreu isso. Mas, hoje em dia, graças a Deus, muito não [...]. o que aconteceu é por causa que antes, nós pequeno, nós tem que apanhar pra nós ver como era, mas, depois, a gente abre a mente, quando a gente tá grande. Depois a avó vai dando respeito, e nós tem que dar respeito a ela enquanto tá viva. Aí nós tem que dar respeito a ela, porque quando morre, perde, já foi.

Jorge significa a figura do pai de uma forma essencialmente violenta em função dos inúmeros conflitos que sofreu, juntamente com sua mãe, nessa relação durante a infância, deixando inclusive marcas no corpo “*porque antigamente meu pai bebia muito e batia na minha mãe, quando eu era menor [...]. Tinha vezes que vinha, me agredia [...] tenho até uma cicatriz na cabeça por causa dele*”.

Nos contextos familiares violentos a mãe tem sido vista como de maior importância na vida e a figura do pai como aquela pessoa emocionalmente e afetivamente

distante e que frequentemente adota práticas violentas como disciplina (Arpini et al, 2010). Os conflitos familiares são, muitas vezes, o fator determinante para a saída de casa por parte dos filhos em direção às ruas (Bezerra et al, 2017; Rizzini, 2003)

Sobre o papel dos conflitos familiares Jorge afirma:

Influencia um pouco, porque, antigamente, sei lá, eles queria brigar por umas coisa que não tinha nada a ver. Aí eu pegava e saía, ficava pela rua com meus amigos. Aí meus amigos me chamava pra ir pros lugar. Aí ia se conhecendo, fazia coisa errada, se envolvia e não tinha mais jeito. Mas aí eu fui aprendendo, pegando a visão e agora sei que o melhor não é as coisas que eu fazia antes.

Na relação com a rua, o participante Jorge expõe que a violência paterna e os conflitos familiares colaboraram na desafiliação familiar e realização de práticas inadequadas sob o ponto de vista moral “*sei lá, eles queria brigar por umas coisa que não tinha nada a ver. Aí eu pegava e saía, ficava pela rua com meus amigos. Aí meus amigos me chamava pra ir pros lugar. Aí ia se conhecendo, fazia coisa errada, se envolvia e não tinha mais jeito*”(Jorge).

Importa o destaque para como o funcionamento semiótico (Pierce, 2005; Valsiner, 2012) de Jorge vai se construindo de forma dinâmica e processual, tanto nas relações intrapessoais (sentimentos, pensamentos e ações de fuga da situação de violência) quanto interpessoais (construção de novas condutas e valores na relação com outros no mundo).

As construções semióticas de Jorge são marcadas, inclusive, por processos de continuidade e mudança, atravessados pela relação com a família, escola e trabalho. Mattos e Branco (2014) informam que internalização, externalização, signos e representação de figuras significativas são elementos que compõem o sistema de valores dos jovens e guiam o desenvolvimento da pessoa naquilo que a psicologia semiótico-cultural chama de cultura pessoal.

A cultura pessoal de Jorge, nesse caso, permite a ele construir diferentes modos de funcionamento social, grupal e cultural em função de suas experiências negativas de vida e relações intersubjetivas que construiu com amigos na rua, professores na escola e pais no contexto familiar.

Já Roberto simboliza o “apanhar” como elemento que promove o entendimento, “*pra nós ver como era*”, estimula a maturidade/crescimento, “*a gente abre a mente, quando a gente tá grande*”, e a externalização de valores até o fim da vida, “*depois a avó vai dando respeito, e nós tem que dar respeito a ela, porque quando morre, perde, já foi*”.

O respeito enquanto valor moral é mediado nessa relação entre Roberto e sua vó por meio do “apanhar” quando se realiza coisas erradas ou se está bagunçando. O “apanhar” emerge, nesse sentido, semioticamente para Roberto, não como violência e/ou atitude negativa, mas como prática carregada de cuidado pela sua avó e promotora do valor respeito para a vida.

A psicologia semiótico-cultural compreende que os valores possuem uma estrutura semiótica e afetiva, são produzidos na relação intersubjetiva e microgenética e permitem a regulação da ação humana no mundo por meio de diferentes processos de externalização (Valsiner, 2007, 2012; Branco & Valsiner, 2012).

Para Herreira (2014), a construção de signos tem implicações para toda a vida humana, desde a forma como as pessoas enxergam a si mesmas, concebem seus relacionamentos, estabelecem formas de cuidado e desenvolvem metas e valores no mundo.

Considerações Finais

A discussão sobre a situação de rua de adolescentes, a partir da visão semiótica da psicologia, tem uma relevância científica para construção e fortalecimento de novos referenciais epistemológicos de análise dessa questão social.

Ao permitir a integração de visões culturais, subjetivas e dialógicas na análise, a relevância social se apresenta através da melhor compreensão da natureza dinâmica de relação dos adolescentes com a rua e da rua com os adolescentes, em interface com outros contextos da vida (escola, trabalho e família).

As experiências de vida dos adolescentes em situação de rua são organizadas por processos semióticos e afetivos diversos, sendo o contexto da escola, trabalho e família três ferramentas culturais ativas na significação de valores e práticas cotidianas.

As motivações para ir ou não à escola, expressas por Jorge, Jennifer e Roberto, perpassam a produção de um conjunto de signos (afeto, brincadeiras/ludicidade, autorresponsabilização e culpabilização coletiva). De igual modo o trabalho realizado na rua expõe processos de internalização e externalização de valores relacionados a responsabilidade, independência financeira e comportamentos morais.

O trabalho nas ruas foi significado como instrumento de resolução dos problemas financeiros, dimensão que estimula a responsabilidade e independência, e, ao mesmo tempo, como promotor de uma educação e formação moral ao longo da trajetória de vida, sendo visto como distanciador de atos infracionais.

Desse modo, a conclusão que se tem a partir das narrativas analisadas é que, no contexto das interações com os familiares, pares, professores e trabalho na rua, os adolescentes são estimulados à internalização e externalização de valores e práticas carregados de conteúdos morais.

Um importante achado neste estudo está associado à violência paterna e aos conflitos familiares como uma marca na trajetória de vida dos adolescentes, sendo

significados como processos influenciadores na saída de casa, comportamento moral e trajetória de vida na rua.

Uma limitação deste trabalho diz respeito ao aprofundamento da análise teórica dos dados sociodemográficos com os processos de significação, bem como o uso de ferramentas metodológicas que permitam maior aproximação e acompanhamento da população estudada.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados a fim de melhor investigar e aprofundar as relações entre violência paterna, conflitos familiares e construção de valores ao longo da vida. Recomenda-se que seja feito estudos que investiguem também as relações entre evasão escolar e situação de rua, demonstrando se a evasão escolar é anterior e/ou posterior a situação de rua.

Referências

- Abbey, E., & Valsiner, J. (2005). Emergence of meanings through ambivalence. Forum: Qualitative social research, 6, Art. 23. Available from <http://www.qualitativeresearch.net/index.php/fqs/article/viewArticle/515> acessado em 02 de Maio de 2023
- Alles, N. L. (2010). Boca de rua: *Representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário* (dissertação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Alcantara, S. C., Abreu, D. P., & Farias, A. A. (2015). Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. *Revista Colombiana de Psicología*, 24(1), 129-143. <https://doi.org/10.15446/rcp.v24n1.40659>
- Alencar, H. M. de ., Marchi, B. F. D., Couto, L. L. M., Romaneli, M. S., & Lima, M. G. de (2014). Educação em valores morais: juízos de profissionais no contexto

escolar. *Psicologia Escolar E Educacional*, 18(2), 255–264.

<https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182742>

Araújo, U. F. (2007). A construção social e psicológica dos valores. In V. A. Arantes (Org.). *Educação e valores: Pontos e contrapontos* (2a ed., pp.17-64). São Paulo: Summus.

Arpini, Dorian (2010); QUINTANA, Alberto; GONÇALVES, Camila. Relações familiares e violência em adolescentes em situação de rua. *Psicologia Argumento*, v. 28, n. 63, p. 325-336, 2010. Disponível em:

<https://biblat.unam.mx/hevila/Psicologiaargumento/2010/vol28/no63/4.pdf>

acesso em 02 de Maio de 2023

Barbosa, A. J. G., Campos, R. A., & Valentim, T. A. (2011). A diversidade em sala de aula e a relação professor-aluno. *Estudos de Psicologia*, 28(4), 453-461.

<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000400006>

Barros, M. O. (2021). *Retratos em papelão: circuitos, classificações e vivências nas ruas de Feira de Santana-BA*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Feira de Santana.

Bezerra, W. C., Silva, B. K. da, & Ribeiro, M. C. (2017). Entre a casa e a rua: a percepção de adolescentes em situação de rua sobre o seu cotidiano. *Revista De Terapia Ocupacional Da Universidade De São Paulo*, 28(1), 100-109.

<https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i1p100-109>

Branco, A. U. (2006). Crenças e Práticas Culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. *Revista Pro-Posicoes*, 17(1), 139-155. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643632>

acesso de 15 de Abril de 2023

- Branco, A. U., & Valsiner, J. (2012). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, NC: Information Age Publishers Inc.
- Brasil. (2016). CNAS/ CONANDA. Resolução nº 01, de 2016. Dispõe sobre o conceito e o atendimento de criança e adolescente em situação de rua e inclui o subitem 4.6, no item 4, do Capítulo III do documento Orientações Técnicas: *Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes*. Brasília, DF, dez. 2016.
- Brasil. (2012). *Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2009). *Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009*. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República.
- Brasil. (2009). *Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua*. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental.
- Cabral, F. M. S., Carvalho, M. A. V. de ., & Ramos, R. M.. (2004). Dificuldades no relacionamento professor/aluno: um desafio a superar. *Paidéia* (ribeirão Preto), 14(29), 327–335. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300008>
- Campos, H.R. & Francischini, R.(2003). Trabalho infantil produtivo e desenvolvimento humano. *Psicologia em Estudo* [online]. v. 8, n. 1, pp. 119-129. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000100015>
- Cerqueira-Santos, E. C. (2004). *Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-

- Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS. Disponível em www.ailha.com.br/ceprua
- Cruz, M. N. A., & Assunção, A. Á. (2008). Estrutura e organização do trabalho infantil em situação de rua em Belo Horizonte, MG, Brasil. *Saúde e Sociedade*, 17(1), 131-142. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000100012>
- Cunha, E. O. (2022). *A desistência do crime entre egressos do sistema socioeducativo: uma leitura semiótico-cultural* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Diamantino, D.T. (2021) *Tenta fazer as adolescente mudar de vida: processos de significação da socioeducação no contexto feminino de internação* (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Dias, André Luiz Freitas (Org). (2021). *Dados referentes ao fenômeno da população em situação de rua no Brasil* (Relatório técnico-científico). Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG: Marginalia Comunicação, 2021.
- Dessen, M.A. & Polonia, A.C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online], v. 17, n. 36, pp. 21-32. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>
- Gallagher, E. (2015). The effects of teacher-student relationships: Social and academic outcomes of low-income middle and high school students, *New York University*. <http://steinhardt.nyu.edu/appsyh/opus/issues/2013/fall/gallagher> acessado em 01 de Maio de 2023

- Mattos, Elsa de. (2016). A mediação semiótica da "responsabilidade": um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Psicologia USP*, vol. 27, n., pp. 178-188. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20160002>
- Mattos, E.; Branco, A. M. U. (2014). Exploring the Intersection of Personal and Colective Meanings: 'Responsability' in the Transition to Adulthood. *Psychology & Society*, v. 6, p. 11-27, 2014. Disponível em: <https://openpsychologyjournal.com/VOLUME/11/PAGE/25/PDF/> acesso em 25 de Abril de 2023
- Mattos, E. (2013). *Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos*. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Mattos, E., & Chaves, A. M. (2012). Semiotic regulations through inhibitor signs: Creating a cycle of rigidmeanings. *Integrative Psychological Behavioral Science*, vol. 47, n.1, pp. <https://doi.org/10.1007/s12124-012-9223-x>
- Minayo, M. C. S. (2010). Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: Minayo, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª. ed. São Paulo: Hucitec.
- Minayo-Gomez, C., & Meirelles, Z. V. (1997). Crianças e adolescentes trabalhadores: um compromisso para a saúde coletiva. *Cadernos de Saúde Pública*, 13, 135–S140. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1997000600012>
- Morais, Normanda (2005). *Um estudo sobre a saúde de adolescentes em situação de rua: o ponto de vista de adolescentes, profissionais de saúde e educadores*. Porto Alegre: Ufrgs, 2005. Dissertação de mestrado em Psicologia.

- Moreno, M. R.; & Branco, A.M. (2014). Desenvolvimento das Significações de Si em Crianças na Perspectiva Dialógico-Cultural. *Psicologia em Estudo*. 2014, v. 19, n. 4, pp. 599-610. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-73722189303>
- Nery, Givanildo da Silva. (2018). *Fatores de Risco ao Uso e Abuso de Substâncias Psicoativas em Adolescentes em Situação de Rua na Cidade de Feira de Santana-Bahia*. Dissertação (mestrado em saúde coletiva). Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia, 2018.
- Nunes, A. B.; Branco, A. U. (2007). Desenvolvimento moral: novas perspectivas de análise. *Psicologia Argumento*, 25(51), 413-424. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/psicologia-argumento/articulo/desenvolvimento-moral-novas-perspectivas-de-analise> acessado em 15 de Abril de 2023
- Organização Mundial da Saúde (1965). *Problemas de la salud de la adolescencia*. Informe de un comité de expertos de la O.M.S (Informe técnico n° 308). Ginebra.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: Um estudo de caso. *Revista Psicologia Teoria e Pesquisa*, 21(2),187-195. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200009>
- Papalia, D. E.; Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. 12ª. ed.. Porto Alegre: AMGH.
- Penna, L. H. G., Carinhonha, J. I., Ribeiro, L. V., Graça, H. M. V., & dos Santos Marques, C. (2017). Perfil sociodemográfico da adolescente em situação de rua: análise das condições socioculturais. *Revista Enfermagem UERJ*, 25, 29603. <https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.29603>

- Pradel, C., & Dáu, J. A. T. (2009). A Educação para valores e as políticas públicas educacionais. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 17(64), 521-548. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362009000300007>
- Pierce, C. S. (2005). *Semiótica*. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Rizzini, I. (2022). Crianças e Adolescentes em Situação De Rua: Sujeitos De Direitos? *. Serviço Social Em Debate*, 5(1). <https://doi.org/10.36704/ssd.v5i1.6324>
- Rizzini, I., & Couto, R. M. B. (2019). População infantil e adolescente nas ruas: principais temas de pesquisa no Brasil. Civitas. *Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 105-122. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30867>
- Rizzini I. (2003) Vidas nas ruas. In: Rizzini I, organizador. *Vidas nas ruas: trajetórias inevitáveis?* São Paulo: Loyola; p.17-35.
- Santana, R. R. C., & Ristum, M. (2022). Os sentidos de trabalho e escola construídos por adolescentes trabalhadores. *Fractal: Revista de Psicologia*, 34, e34727. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/34727>
- Santos, E. C. (2004). *Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V.. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 38(4), 662–679. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017>
- Silva, T. O., Vianna, P. J. de S., Almeida, M. V. G., Santos, S. D., & Nery, J. S. (2021). População em situação de rua no Brasil: estudo descritivo sobre o perfil sociodemográfico e da morbidade por tuberculose, 2014-2019. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(1), e2020566. <https://doi.org/10.1590/S1679-49742021000100029>

- Koller, S. H; Hutz, C. S. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição. *Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida*, 1, 11-34. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/303232064_Meninos_e_meninas_em_situacao_de_rua_Dinamica_diversidade_e_definicao acesso de 23 de Abril de 2023
- Tavares, M. (2003). Validade clínica. *Psico-usf*, 8(2), 125-136. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712003000200004>
- Valle, J. E., & Williams, L. C. A. (2021). Engajamento Escolar: Revisão de Literatura Abrangendo Relação Professor-Aluno e Bullying. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e37310. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e37310>.
- Valsiner, J. (2007). Personal culture and conduct value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 1(2), 59-65. <https://doi.org/10.1037/h0099358>
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Vázquez, A. S. (2002). *Ética*. 22ª. ed. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Wanders, F. H. K., Dijkstra, A. B., Maslowski, R., & Van der Veen, I. (2019). The effect of teacher-student and student-student relationships on the societal involvement of students. *Research Papers in Education*, 35(3), 266-286. <https://doi.org/10.1080/02671522.2019.1568529>
- Wray-Lake, L., Syvertsen, A. K., & Flanagan, C. A. (2016). Developmental change in social responsibility during adolescence: an ecological perspective. *Developmental Psychology*, 52(1), 130-142. <https://doi.org/10.1037/dev0000067>

6.3 Artigo – 3

Construções Semióticas de Adolescentes em Situação de Rua sobre Riscos e formas de Proteção Social frente à violência

Resumo: O objetivo do presente trabalho foi analisar as construções semióticas de adolescentes em situação de rua sobre riscos e formas de proteção social. É uma pesquisa qualitativa, do tipo interpretativa, realizada com quatro adolescentes em situação de rua com dados coletados através do questionário sociodemográfico e da entrevista semiestruturada. A análise foi realizada tendo como marco teórico a Psicologia Semiótico Cultural e através de processos de categorização e subcategorização das informações. As narrativas dos participantes apontam para processos de desfamiliarização, desproteção social e despolitização. Signos provenientes da cultura coletiva como “agressão” e o “coração mau das pessoas” foram associados a formas de violência física, psicológica, social e institucional e outros signos provenientes da cultura pessoal como “Atenção às características das pessoas” e “Agir Educadamente” apresentaram-se como formas úteis de proteção, regulação afetiva, emocional e comportamental no ciclo de relações no mundo da rua.

Palavras Chave: Adolescentes em Situação de Rua, Risco, Proteção Social

Semiotic Constructions of Street Adolescents on Risks and Forms of Social Protection in the Face of Violence

Abstract: The aim of this study was to analyze the semiotic constructions of homeless adolescents about risks and forms of social protection. It is a qualitative, interpretative research, carried out with four teenagers living on the streets with data collected through a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview. The analysis was carried out using Cultural Semiotic Psychology as a theoretical framework and through processes of categorization and subcategorization of information. The participants' narratives point to processes of defamiliarization, social lack of protection and depoliticization. Signs from collective culture such as "aggression" and "people's bad hearts" were associated with forms of physical, psychological, social and institutional violence and other signs from personal culture such as "Attention to people's characteristics" and "Acting Politely" they presented themselves as useful forms of

protection, affective, emotional and behavioral regulation in the cycle of relationships in the world of the street.

Keywords: Street Adolescents, Risk, Social Protection

Risco é um termo polissêmico definido como as possibilidades que todo e qualquer elemento e/ou evento possui de produzir danos à saúde e/ou efeitos negativos na vida social, comunitária e familiar de indivíduos e grupos em função de uma ameaça específica que exige proteção (Organização Mundial da Saúde, 2002; Costa & Bigras, 2007).

A origem do conceito de risco, no contexto da saúde, tem como marco os estudos epidemiológicos associados a fatores de maior exposição ao adoecimento (Ayres, 1997). Tal conceito tem passado por transformações diversas em função das históricas críticas sociais e acadêmicas relativas à ênfase em abordagens individualistas e grupais estigmatizadoras e generalizantes, as quais classificavam e apontavam pessoas e grupos mais sujeitos ao adoecimento desconsiderando fatores políticos, econômicos e geográfico (Dimenstein & Cirilo Neto, 2020).

Os riscos assumem diversas formas: riscos naturais (enchentes, terremotos, furações), sociais (guerra, fome, crime, violência), ambientais (poluição, desmatamento) ou mesmo de saúde (doenças, acidentes, epidemias), tendo impacto em grupo de indivíduos e famílias inseridas em diferentes contextos sociais (Holzmann & Jorgensen, 2003), requerendo formas de proteção.

Proteção tem sido definida como o conjunto de recursos e/ou fatores pessoais e sociais que permite o enfrentamento das adversidades cotidianas, a promoção do desenvolvimento e a diminuição dos riscos associados à vida, à saúde e ao bem-estar (Sapienza & Pedromônico, 2005; Kim-Cohen, 2007).

No contexto da situação de rua, por exemplo, risco e proteção formam uma díade diretamente relacionada ao desenvolvimento de estratégias de cuidado de si e a processos de sobrevivência social, configurando modos de vida no território da rua, que envolvem a estruturação das relações sociais e afetivas.

Risco e proteção são processos mutáveis ao longo do ciclo de desenvolvimento, tendo diferentes repercussões em função de características individuais, experiências de vida dos indivíduos (Ferrioli, 2006) e interação com o ambiente (Costa & Bigras, 2007). Logo, no contexto da rua, risco e proteção são aspectos que atravessam o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Compreende-se que cada pessoa, inserida em cada contexto e sob diferentes influências, percebe os riscos e desenvolve formas de proteção e resistência em função de seus repertórios culturais (Gondim, 2007). O que se observa é que na rua há uma cultura estabelecida promotora de hábitos, modos de viver e se organizar coletivamente que estão relacionados com o aparecimento dos agravos à saúde física e psíquica (Cardoso, 2017).

Assim a investigação contextual, cultural e semiótica dos riscos e proteção é necessária para uma ampliação da compreensão teórica e científica do interjogo risco e proteção em territórios marcados pela desigualdade e vulnerabilidade social. Abaixo são descritos os principais conceitos da Psicologia Semiótico Cultural importante para análise dos resultados deste trabalho.

A noção de cultura na perspectiva da psicologia semiótico cultural, marco teórico deste trabalho, pode ser compreendida por meio das experiências a) microgenéticas: aquelas que permitem o exame minucioso e detalhado dos processos interativos e intersubjetivos; b) idiográficas: aquelas que abrangem as análises dos casos únicos, particulares, individuais e/ou intrasujeito, e c) semióticas: aquelas constituídas pelas

produções de signos e processos de construção de significados sobre objetos, pessoas e situações (Valsiner, 2012). Estes conceitos podem esclarecer como o contexto da rua é culturalmente orientado.

Os signos são ferramentas culturais que são internalizadas e externalizadas na forma de objetos, palavras, imagens e/ou situações que orientam a conduta, as relações e os processos subjetivos e interpessoais nos mais variados contextos e permite, por meio da cultura, a construção de significados (Valsiner, 2012; 2014). Tais conceitos permitem traduzir o universo de sentidos e significados construídos por adolescentes em situação de rua.

As noções de cultura pessoal e cultura coletiva são dois outros conceitos apresentados pela psicologia semiótico-cultural, sendo a cultura pessoal uma forma como seres humanos, por meio de suas idiossincrasias e significações pessoais, constroem suas próprias culturas e atribuem significado ao mundo, às suas ações e a si mesmo (Valsiner, 2012; 2014).

A cultura coletiva tem sido entendida como o conjunto de recursos simbólicos e significados socioculturais provenientes das relações sociais, comunitárias e coletivas que orientam e organizam a dinâmica de vida e processos de desenvolvimento das pessoas (Valsiner, 2014). Compreende-se neste trabalho que a Cultura pessoal e a Cultura coletiva são direcionadoras dos processos relacionais e de enfrentamento dos riscos e vulnerabilidades.

Desse modo, considera-se que a rua possui uma importante função de mediação semiótica para os adolescentes e configura-se como espaço de produção de diferentes signos e construções diversas de significados provenientes das culturas pessoal e coletiva. O interjogo risco e proteção é parte integrante das construções semiótica dos adolescentes, expressa por meio de processos de internalização e externalização associados às culturas

pessoal e coletiva desses sujeitos. Frente a essas ideias, deve-se investigar quais as construções semióticas de adolescentes sobre os riscos e proteção social no contexto da rua, tendo como objetivo a análise de tais construções na perspectiva da Psicologia Semiótico Cultural.

Percurso Metodológico:

Delineamento

Na perspectiva de Mattos (2013), o processo de construção da abordagem metodológica deve ser alinhado ao entendimento dos pressupostos teóricos adequados à produção do conhecimento científico. Assim, é indispensável ao pesquisador alinhar as ferramentas de investigação às peculiaridades do estudo, considerando o território da pesquisa e suas condições de viabilidade.

Compreende-se que faz necessário o uso de diferentes ferramentas metodológicas e aplicação de novos arranjos epistemológicos em contextos de vulnerabilidade como a rua em função da histórica visão negativa associada a este grupo social. Para isto a pesquisa qualitativa, que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais (Martins, 2004) é fundamental, pois permite maior aproximação do pesquisador com a realidade. Nesse sentido, justifica-se a natureza qualitativa desta pesquisa, do tipo interpretativa.

Contexto da Pesquisa e Participantes

A pesquisa foi realizada na cidade de Feira de Santana-BA, considerada a segunda maior cidade do estado da Bahia e a 34^o maior cidade do Brasil. Com população estimada em mais de 600 mil habitantes, está localizada no território identitário intitulado Portal do Sertão (IBGE, 2010).

O contexto da pesquisa onde os dados foram coletados foram os territórios sociais, considerados de maior concentração de adolescentes em situação de rua. Embora a

entrevista foi realizada nos contextos onde os adolescentes foram encontrados trabalhando (dois participantes nos semáforos, um nas imediações do centro da cidade e outro na feira – livre), em dias e horários considerados de menor fluxo de pessoal a fim de promover maior adesão do público-alvo, foi relatado pelos mesmos em entrevista, diferentes contextos de trabalho para maior captação de renda.

Os participantes foram quatro adolescentes (faixa etária definida pela OMS) em situação de rua, Daniel que tem 16 anos, Jorge que tem 19 anos, Roberto com 16 anos e Kleber com 17 anos, os quais se encontravam morando e/ou trabalhando, de modo irregular, nas ruas do município.

Como critério de exclusão, foram considerados o comprometimento cognitivo, auditivo ou qualquer outra incapacidade de responder às questões.

Construção dos dados e instrumentos

Para o processo de construção dos dados, foram realizados os seguintes procedimentos: diálogos e estabelecimento de parcerias com o Consultório de Rua, Centro-Pop e outros pesquisadores do campo; envio de projeto de pesquisa à Vara da Infância e Juventude para concessão de autorização de realização de pesquisa em campo com adolescentes em situação de rua, tendo em vista a dificuldade de acesso e/ou ausência dos responsáveis legais; acesso ao campo e aplicação dos instrumentos de pesquisa, tendo como base o conhecimento prévio - mapeamento territorial e relacional anteriormente realizado por Nery *et al* (2021) - da geografia do espaço de trabalho de adolescentes no contexto da rua (semáforos, rodoviária, feiras-livres, dentre outros).

Na pesquisa, foi utilizada como instrumento de coleta de dados o questionário sociodemográfico, que continha 10 itens sociodemográficos que dialogavam com a dinâmica de trabalho e vida nas ruas, envolvendo - sexo, faixa etária, estado civil, se tem

filhos, escolaridade, condição socioeconômica, raça/cor, renda semanal, idade com que começou ir para as ruas, episódio(s) de violência ao longo da vida.

A aplicação do questionário sociodemográfico foi realizada de forma individual, sendo realizados os seguintes procedimentos: 1. a identificação do pesquisador, apresentação do trabalho e solicitação de concordância do participante em responder as questões. 2. Apresentação de cada uma das questões em forma de entrevista 3. Registro das respostas por meio de gravação, previamente autorizada pelos participantes.

Além do questionário sociodemográfico, foi utilizada a entrevista semi-estruturada, uma técnica que possui um histórico de uso nas pesquisas qualitativas e tende a estimular a autorreflexão e a construção de discursos e significados sobre determinado tema, refletindo o processo interativo entre participante e pesquisador (Fraser, Gondim & Bahia, 2004).

O instrumento foi aplicado de forma individual, contendo seis categorias temáticas (história familiar, histórico educacional, vida na rua, processos de saúde e doença na rua, rede de apoio, violência), com três a quatro questões para cada categoria, e teve uma média de duração de cinquenta e cinco minutos.

A análise dos dados foi fundamentada na Psicologia Semiótica Cultural. Os dados foram transcritos, organizados e analisados, utilizando-se de leitura flutuante, por meio da identificação de significados e ideias relacionadas aos objetivos geral e específico da pesquisa e associando os achados aos principais estudos da literatura científica.

Resultados e Discussão

No quadro 1, é descrito os dados sociodemográficos dos adolescentes entrevistados. O quadro revela que as questões financeiras e familiares são as razões principais associadas a ida para as ruas, em sua maioria os adolescentes trabalham nos

semáforos e praças públicas e dos quatro entrevistados três participantes possuem como características a raça/cor (preta).

Um dado em destaque diz respeito à identificação racial dos participantes da pesquisa na rua, três são pretos. Além disso, os entrevistados desenvolvem múltiplas atividades econômicas, transitam por mais espaços no contexto da rua, têm maior tempo/anos na rua e passam maior quantidade de horas trabalhando nesse espaço.

Quadro 1: Dados sociodemográficos dos adolescentes em situação de rua em Feira de Santana-BA

| Participante | Idade, Sexo, Escolaridade, Tempo na Rua e Motivo de ida para as ruas | Contexto de Trabalho | Atividade Econômica Desenvolvida | Quant. de horas exclusivamente trabalhando na rua/por dia |
|---------------------|---|--|--|--|
| Daniel | <ul style="list-style-type: none"> • 16 anos, sexo masculino • Ensino primário incompleto • Raça/cor preta • 2 anos nas ruas • Motivo - dificuldades financeiras e busca por trabalho. | Semáforos do centro da cidade Praças Públicas | Limpador de para-brisa (rodinho) Vendendo palheta de carro/ Flanelas e outros objetos | Entre 7 - 8h horas/ dia |
| Jorge | <ul style="list-style-type: none"> • 19 anos, sexo masculino, • Ensino médio completo • Raça/cor preta • 6 anos nas ruas • Motivo - conflitos familiares. | Semáforos do centro da cidade Praças Públicas | Limpador de para-brisa (rodinho) Vendendo palheta de carro | Entre 7 - 8h horas/ dia |

| | | | | |
|---------|---|--|--|------------------------|
| Roberto | <ul style="list-style-type: none"> • 16 anos, sexo masculino • Ensino primário incompleto • Raça/cor preta • 5 anos que nas ruas • Motivo - necessidades de sustento pessoal e da família | Semáforos do Centro da Cidade Rodoviária Feiras livres | Limpador de para-brisa (rodinho) Vendendo doces Vendendo Palheta Carrego de compras (Feiras Livres) | Entre 6 -8h horas/dia |
| Kleber | <ul style="list-style-type: none"> • 17 anos, sexo masculino, • Ensino médio incompleto • Raça/cor branca • Menos de um ano que foi para as ruas • Motivo - perdas financeiras familiares diante da pandemia de covid-19 | Semáforos do Centro da Cidade Praças Públicas | Vendendo doces Vendendo água | Entre 4 – 6 horas/ dia |

Os dados deste trabalho, apresentados no quadro 1, demonstram que as dinâmicas de sociabilidade na rua, enquanto território cultural e carregado de simbologias conforme destaca Barros (2021), são caracterizadas por vivências do trabalho em contextos de alta vulnerabilidade social (semáforos e rodoviária) e desenvolvendo atividades de pouco prestígio social (carrego de compras, flanelinhas e rodinho).

A vulnerabilização de crianças e adolescentes em situação de rua tem ocorrido por meio da invisibilização política, negação da condição específica de sujeitos em processo

de desenvolvimento, exposição a um conjunto de riscos e desproteção familiar e comunitária (Rizzini, 2019; Finkler, Santos, Obst & Dell'aglio, 2012).

Os modos de vida na rua revelam que o interjogo risco e proteção permeia a existência social dos adolescentes nesse espaço, sendo não apenas um elemento essencial para sobrevivência como também dimensão importante para o estabelecimento do sentimento de pertencimento cultural e superação das dificuldades cotidianas. A Tabela 2, a seguir, caracteriza bem as significações relacionadas aos riscos e proteções.

Quadro 2: Signos de Riscos e Proteção no contexto da Rua

| Tema | Significações | Narrativa |
|---------------|-------------------------|---|
| Riscos | Desrespeito | “Eu acho que o trânsito, que tem muita gente que não respeita, tem muita gente que acha que a gente é qualquer pessoa, que não deve respeito, tem muita gente que chega oferecendo coisa, “entre aqui no carro, vamo ali”, entendeu? Uma pessoa de cabeça fraca pode ir e pode acontecer alguma coisa, entendeu? Então, tem que ter esse conhecimento de que a gente tá trabalhando com pessoas, então tem que ser desconfiado”. (Kleber) |
| | Agressão | “O perigo é de sofrer alguma agressão, alguém querer lhe abusar, querer lhe causar algum mal de alguma forma, porque, na rua, ninguém é de ninguém, né? Então você corre todo tipo de perigo”. (Jorge) |
| | Coração mau das pessoas | “Rapaz, o risco é por causa que em Tulipa tem muita gente que tem um coração mau, e outros têm o coração bom. Tem gente que vem de casa de cabeça quente, aí não tem nada pra descontar, tem vez que desconta em nós”. (Roberto) |
| | Ameaça Policial | “Rapaz, o risco é que, não vou mentir, tem muita polícia também, quando nós lava, desce, puxa arma, deu até coronhada no meu amigo, cortou a cabeça, sangrou. Tem muitos que desfaz, quer ignorar, mas fazer o que, né?”. (Daniel) |

| | | |
|-----------------|--|--|
| Proteção | Atenção às características das pessoas | “Eu sempre corto as pessoas, quando eu sei que a pessoa vem com essa intenção, eu sempre corto, porque quando a gente trabalha na rua, a gente consegue filtrar muita coisa, a gente consegue ver pelo olho da pessoa se a pessoa quer comprar, se quer fazer alguma coisa... e quando eu vejo que passa, eu já corto a pessoa e saio, pra evitar, entendeu? Evitar o desrespeito, eu sempre corto e saio”. (Kleber) |
| | Agir Educadamente | “Tento ir na educação, pra eles ver que eu não tô indo na agressividade, já obrigando eles a lavar e pagar... não, eu vou na educação [...]. Eu vou na educação”. (Jorge) |
| | Sair da Situação | “Rapaz, de gente botar arma, tem gente que desce do carro pra bater aí, mas nós fala: “não, entrega nas mãos de Deus”, isso e aquilo[...]. A primeira coisa é o cara evitar, hoje em dia, porque tudo tá sendo na arma, na bala, né?” (Roberto) |
| | Pedir a Deus | “Rapaz, o que eu faço pra me proteger é pedir a Deus, minha arma é Ele, né? E tô aí, não vou desistir, não.[..] Rapaz, o único direito que eu sei que me protege é Deus, a justiça é Deus, tem isso não. Porque Deus é o dono do lugar, dono de todas as coisas, não tem outro, Deus é o Pai eterno.” (Daniel) |

O signo do desrespeito possui, na narrativa de Kleber, uma relação simbólica com os riscos, sendo significado pela forma como as pessoas tratam os adolescentes e ofertam oportunidades que representam perigo à vida.

O participante expõe não a rua como perigosa/arriscada, mas as pessoas que atravessam o espaço e trânsito na rua. Por meio da colocação, *“Então tem que ter esse conhecimento de que a gente tá trabalhando com pessoas, então tem que ser desconfiado”*, Kleber apresenta a desconfiança como crença cultural, mediada por um

conhecimento prévio do contexto e das pessoas, que possibilita transitar e trabalhar com maior segurança na relação com as pessoas.

O conhecimento prévio de Kleber sobre as pessoas manifesta-se também na sua narrativa sobre o mecanismo de proteção na rua, expressando que é necessário “ver pelo olho da pessoa se a pessoa quer comprar, se quer fazer alguma coisa”, revelando suas habilidades socioculturais e interpessoais que possibilitam administrar a vida e o trabalho nas ruas, e, ao mesmo tempo, demonstrando o valor do signo “Atenção às características das pessoas” para quem trabalha nas ruas.

É interessante como Kleber, que tem menos de um ano trabalhando nas ruas, reconstrói seu posicionamento social no mundo, desenvolvendo rapidamente habilidades associadas à sobrevivência e proteção social (desconfiar e atenção às características das pessoas) provenientes da cultura coletiva, como forma de orientação comportamental, apropriação e adaptação rápida a este espaço.

Como destaca Vygotsky (1991), as formas de compreensão e experiência no mundo permitem o desenvolvimento de métodos para guiar a si mesmo nas relações interpessoais e microgenéticas (situações pontuais, singulares e transitórias da vida). O processo de internalização de signos culturalmente estabelecidos e socializados impõem novos modos de ser e agir nos diferentes contextos, a partir das relações sociais estabelecidas.

O estudo de Dias, Kafrouni, Baltazar e Stocki (2014), que buscou replicar o experimento sobre formação de conceitos propostos por Vygotsky e demonstrar como funciona o processo de internalização, permitiu discutir o efeito das interações sociais, aprendizagens e generalização no estabelecimento das funções psíquicas. Os dados demonstraram que as vivências anteriores influenciam na construção e reconstrução de conceitos e sentidos no mundo.

Desse modo, quando Kleber entra em contato com um novo contexto e novas pessoas, as relações interpessoais promovem mudanças intrapsicológicas, “Desrespeito” e “atenção às características das pessoas” são signos que sugerem e estimulam uma regulação afetiva, emocional e comportamental no ciclo de relações no mundo da rua.

O participante Jorge, que trabalha na rua, muitas vezes limpando para-brisa (rodinho), e possui mais tempo na rua do que Kleber, explicita os tipos de risco por meio do signo “agressão”, alertando que as possibilidades de estar na rua são atravessadas pelo risco de sofrer uma violência física ou sexual: “*O perigo é de sofrer alguma agressão, alguém querer lhe abusar*” (Jorge).

O participante alerta ainda que há uma proximidade muito grande da situação de rua com as situações de risco por meio da expressão “*Então você corre todo tipo de perigo*”, em função do desconhecimento do outro, sinalizando para o papel do “alguém”, que representaria o desconhecido e/ou o estranho na rua, “*lhe causar algum mal*”, já que “na rua, ninguém é de ninguém”. Tais significações reafirmam a importância da construção semiótica “Atenção às características das pessoas” anteriormente apresentado por Kleber, mas, ao mesmo tempo, aponta para o papel orientador das culturas pessoal e coletiva (Valsiner, 2012) como elementos importantes para condução da vida na rua.

Estudos recentes têm demonstrando que sobrevivência física (água e alimentação) e sobrevivência relacional (lidar com as pessoas e resistir à violência) são um dilema vivenciado por quem vive em situação de rua diariamente (Alles, 2010; Barros, 2021). No entanto, estratégias culturais, sociais e políticas são desenvolvidas constantemente por esses grupos como forma de manutenção dos vínculos com o território da rua e como proteção social (Gramajo, Maciazeki-Gomes, Silva & Paiva, 2023).

Sobre isso, a expressão do participante “na rua, ninguém é de ninguém” proveniente da cultura pessoal e coletiva (Valsiner, 2012), aborda uma construção

semiótica relacionada a responsabilidade individual e intrasferível da autoproteção na rua e, ao mesmo tempo, sinaliza para a ausência do sentimento de confiança no outro, apontado anteriormente na narrativa de Kleber, bem como a inexistência da proteção social, comunitária e familiar.

Em relação aos mecanismos de proteção para não ser agredido na rua, o participante apresenta o signo “Agir Educadamente” por meio de construções semióticas puramente individualizadoras e autorresponsabilizantes, dessa vez mediado por estilos de boa convivência que se evidencia pelas declarações repetidamente da expressão “eu”, “eu vou na educação”, “eu não tô indo na agressividade” característico da cultura pessoal.

Em outro trecho da mesma entrevista, o participante Jorge aborda novamente construções semióticas afetivas e educacionais como forma de diminuir os riscos de ser agredido na rua *“Paciência, calma e tranquilidade, a pessoa na calma vai levando tudo, o povo vivendo aí estressado, gritando, a pessoa: “não, tem que conversar, calma”, aí eles pega, para e pensa, aí já conversa, tem uns que fala que não quer que limpe, aí já deixa limpar”* (Jorge).

“Agressão” e “Agir Educadamente” são, na narrativa do participante Jorge, dois signos hipergeneralizados que se associam ao compartilhamento de crenças culturalmente estabelecidas sobre os riscos (Cultura Coletiva) e formas adequadas de se proteger (Cultura Pessoal), promovendo processos de internalização e externalização de valores e práticas sociais que auxiliam na adaptação ao contexto da rua.

O que mostra Valsiner (2012) é que o desenvolvimento humano, vale acrescentar aqui especialmente de adolescentes em situação de rua (já que muitos deles não são vistos como pessoas em desenvolvimento, conforme Koller (1996)), requer o uso de signos e processos de significação como mecanismos de ação e orientação no ambiente.

Os signos hipergeneralizados, nesse contexto, são elementos promotores do desenvolvimento e estão relacionados a formas amplas, socialmente compartilhadas e divulgadas, que informam aos sujeitos modos úteis de significação da vida e estruturação de crenças nas diversas situações da vida (Valsiner, 2012; Cunha, 2022).

Em um de seus trabalhos, (Valsiner, 2009) afirma que a significação da experiência, de pessoas e objetos é condição natural inerente às funções psicológicas e processos desenvolvimentais humanos. Logo, as construções semióticas de adolescentes em situação de rua exercem um papel fundamental na regulação afetiva, direcionadora e adaptativa nas relações interpessoais e na sua trajetória de vida no mundo.

Roberto, por exemplo, significa suas experiências de vida na rua frente à violência com o modo como as pessoas saem de casa, demonstrando como as emoções e atitudes de quem “vem de casa” afeta diretamente no relacionamento interpessoal com as pessoas que estão na rua.

O participante expõe “o coração mau das pessoas” como signo associado aos riscos de trabalhar na rua, demonstrando a qualidade do coração das pessoas: “*tem muita gente que tem um coração mau, e outros têm o coração bom*”. O estado emocional delas, “tem gente que vem de casa de cabeça quente”, influencia nas atitudes em relação aos adolescentes na rua: “*ai não tem nada pra descontar, tem vez que desconta em nós*” (Roberto).

A palavra coração aparece em várias expressões populares, tendo significados diversos, apontando para uma construção proveniente do nível mesogenético (Valsiner, 2012). Na narrativa de Roberto, expressa-se uma forma de entendimento de quem a pessoa é como pessoa, o caráter e/ou personalidade de alguém; verifica-se que o participante utiliza um signo da cultura coletiva “coração mau das pessoas” para realizar

uma leitura da cultura pessoal do outro, em termos de emoções, sentimentos e comportamentos.

Por outro lado, na segunda narrativa frente aos diversos riscos de violência física na rua, *“de gente botar arma, tem gente que desce do carro pra bater aí”*, o participante revela o comportamento evitativo por meio do signo “Sair da Situação”, como importante recurso cultural que promove prevenção e proteção frente à uma violência sofrida na rua e diante da possibilidade de vingança e/ou revide.

Na história singular de cada adolescente na rua, compreende-se que diferentes contextos podem produzir diferentes significados. Por tais razões, tem-se a emergência de signos de riscos, protetores ou evitadores da violência, mas também um contexto específico pode representar um universo de significações diversas para diferentes sujeitos (Valsiner, 2013; Moreno & Branco, 2014). Assim, os signos “o coração mau das pessoas” e “Sair da Situação” se apresentam como formas culturalmente úteis para Roberto representar o universo semiótico de relações interpessoais e intersubjetivas na rua.

O estudo de Sánchez (2022) sobre os variados contextos e as dinâmicas de vida de adolescentes em situação de rua demonstrou que as violências institucional, familiar e social vulnerabilizam cotidianamente os adolescentes, fragilizando suas redes de apoio e proteção e reforçando a chamada “cultura da rua”, de modo que cada sujeito na rua tem sua própria história de fragilidade de vínculos sociais e humilhação, decorrente de preconceito e estigmatização praticados por diversos atores sociais e institucionais.

Nesta pesquisa, os atores sociais e institucionais no ambiente da rua, como a polícia, é significada por Daniel de uma forma bastante direta como signo materializador de uma série de riscos associados à violência física e psicológica expressa através do signo “ameaça policial”: *“o risco é que, não vou mentir, tem muitos polícia também,*

quando nós lava, desce, puxa arma, deu até coronhada no meu amigo, cortou a cabeça, sangrou, tem muitos que desfaz, quer ignorar”.

A forma como um grupo social é percebido está imbricada nas relações estabelecidas com ele (Cerqueira-Santos et al, 2006). Logo, percebe-se que os adolescentes realizam uma construção semiótica negativa para a polícia em termos de risco, em função do caráter de desproteção e conjunto de atitudes comportamentais e afetivas negativas manifestas pela “ameaça policial” na relação com os adolescentes.

Posto que a segurança pública é um direito fundamental da pessoa humana na Constituição Federal, CF, (Brasil, 1988) e direito expresso no Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA, (Brasil, 1990), a narrativa de Daniel reflete como o adolescente na rua não é visto como cidadão e pessoa possuidora de direito legal à proteção por quem deveria protegê-lo, mas é ignorado socialmente e desqualificado de suas características e dos direitos humanos.

O que mostram os estudos é que há uma tendência de a polícia enxergar muitas crianças e adolescentes em situação de rua como pessoas com atitudes violentas e criminosas (Cerqueira-Santos et al., 2006; Neiva-Silva, 2008), e que tais preconceitos conduzem a erros graves na abordagem policial e perpetração da violência (Cerqueira-Santos et al., 2006).

Diante das vivências na rua atravessadas pelas violências física, social e institucional, Daniel apresenta “Deus” por meio do signo “pedir a Deus” como instrumento cultural de proteção pessoal, legal, contextual e familiar respectivamente: *“o que eu faço pra me proteger é pedir a Deus, minha arma é Ele, né? [...] “Rapaz, o único direito que eu sei que me protege é Deus, a justiça é Deus, tem isso não. Porque Deus é o dono do lugar, dono de todas as coisas, não tem outro, Deus é o Pai eterno”.*

A religiosidade na rua expressa por meio do signo “Pedir a Deus”, na narrativa de Daniel, tem um valor positivo e se apresenta como estratégia cultural de promoção da paz e signo de proteção contra episódios presentes e futuros da violência. Por outro lado, demonstra uma despolitização (ausência de proteção política e falta de conhecimento de seus direitos legais, tendo que recorrer à esfera religiosa da vida).

Cunha (2018) revela que a religiosidade, enquanto ambiente semioticamente organizado, por meio de práticas sociais, conversas informais e ensinamentos diversos, pode ter um efeito refreador na conduta violenta e delinquencial. Outros estudos revelam que tal aspecto na adolescência reflete fatores culturais e sociais (Jahn, 2014), sendo condição de proteção contra o uso de álcool, drogas e comportamentos antissociais (Bezerra et al., 2009; Dias, 2011).

Neste trabalho, verifica-se que Deus se apresenta como signo universal, cultural e afetivamente internalizado na fala dos participantes, sendo representante de uma ordem cultural protetora, semioticamente organizada por meio da religião e substitutiva das ausências de proteção do estado, da família e da justiça no contexto da rua.

Estudos idiográficos sobre religiosidade e situação de rua têm demonstrado que essa dimensão auxilia na promoção de uma rede de serviços, embora boa parte assistencialista, e na reconstrução do laço social e de pertencimento familiar (Galvani & Barros, 2010; Galvani, 2015). A religiosidade opera também como fonte de sentido, sustento e subjetivação na rua (Guimarães, 2010), sendo um importante tema, que merece maior atenção na literatura científica.

Um dado importante a ser investigado nas futuras pesquisas é se a religiosidade é anterior ou posterior à situação de rua e suas implicações nos processos relacionais e protetores tanto para grupos de adolescentes em situação de rua quanto para a população em situação de rua de modo geral.

Considerações Finais

A construção de signos no contexto da rua tem uma importante relevância na facilitação das relações adolescente x rua, em função de permitir a criação e recriação semiótica do contexto na relação com o sujeito, promovendo o desenvolvimento de funções psíquicas associadas a mecanismos de sobrevivência pessoal e coletiva.

O conjunto de estratégias desenvolvidas para a sobrevivência nas ruas responde a demandas intrapessoais e coletivas de enfrentamento dos riscos à violência e à própria perda da vida. O conhecimento sobre os riscos e proteção por parte dos entrevistados é, nesse sentido, elemento importante na apropriação do território, sentimento de pertencimento cultural e superação das dificuldades cotidianas enfrentadas.

Desrespeito, agressão, o coração mau das pessoas e a ameaça policial são signos, provenientes da cultura coletiva, que expressaram os tipos de riscos vivenciados pelos participantes e foram associados a inúmeras formas de violência (física, psicológica, social e institucional) pelos quais os adolescentes estão expostos na rua.

Atenção às características das pessoas e Agir Educadamente emergiu como signos culturalmente elaborados pelos adolescentes (cultura pessoal), os quais expressam a importância dos valores educacionais e das habilidades sociais e interpessoais como mediadores semióticos que ofertam formas de proteção social e diminuição dos riscos no contexto da rua.

Sair da Situação e Pedir a Deus são duas construções semióticas que se apresentam como signo pessoal, cultural e afetivamente internalizado na fala dos adolescentes, por meio de uma estratégia pessoal e intrapsicológica de reagir e uma figura divina, representante de uma ordem protetora, semioticamente organizada por meio da religião e que supriria com as ausências de proteção do Estado, da família e da justiça no contexto da rua.

Não houve, por parte dos adolescentes, menção a instituições e/ou serviços governamentais e não-governamentais como forma de proteção. Não houve referência ao conhecimento de direitos legais e/ou instituições de apoio, bem como não houve pronunciamento sobre o papel da família como objeto de proteção, sinalizando para possíveis processos de desfamiliarização (ausência de proteção familiar), desproteção social (ausência de proteção institucional) e despolitização (ausência de proteção política e conhecimento sobre direitos legais).

Uma limitação deste trabalho diz respeito à extensão da coleta de dados para representantes de instituições e atores sociais e políticos, no sentido de compreender narrativas distintas sobre risco e proteção no contexto da rua e o papel das instituições, serviços e atores políticos.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados, a fim de melhor investigar e aprofundar as relações entre religiosidade e situação de rua, compreendendo se a religiosidade é anterior ou posterior à situação de rua, bem como o papel dessa na construção de valores morais entre a adolescência e a idade adulta em indivíduos em situação de vulnerabilidade e risco.

Referências

- Alles, N. L. (2010). Boca de rua: Representações sociais sobre população de rua em um jornal comunitário (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Ayres, J. R. C. M. (1997). Sobre o Risco: para compreender a epidemiologia. São Paulo: Hucitec.

- Bezerra, J., Barros, M. V. G., Tenório, M. C. M., Tassitano, R. M., Barros, S. S. H. & Hallal, P. C. (2009). Religiosidade, consumo de bebidas alcoólicas e tabagismo em adolescentes. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 26(5), 440-446.
- Brasil. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Diário Oficial da União, 5 de outubro de 1988.
- Brasil. (1990). Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências.
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Brasil. (2009). Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.
- Cardoso, M. F. (2017). Viver nas ruas: uma etnografia sobre o cotidiano de vitimizações da população em situação de rua no centro de Salvador (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Cerqueira-Santos, E. K., Sílvia H., Pilz, C., Dias, Daniela, D., & Wagner, F. (2006). Concepções de policiais sobre crianças em situação de rua: um estudo sobre preconceito. *PsicoUSF*, 11(2), 249-256.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712006000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Costa, M.C.O, & Bigras, M. (2007). Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(5), 1101-1109. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000500002>.
- Cunha, E. O. (2018). Dinâmicas semióticas reguladoras do envolvimento com o crime nas trajetórias de jovens privados de liberdade (Dissertação de mestrado).

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia,
Salvador.

Cunha, E. O. (2022). A desistência do crime entre egressos do sistema socioeducativo: uma leitura semiótico-cultural (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Dias, M. L. V. (2011). Religiosidade e comportamento desviante na adolescência: Dados de um estudo empírico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 45(1), 5-23.

Dias, M. S. L., Kafrouni, R., Baltazar, C. S., & Stocki, J. (2014). A formação dos conceitos em Vigotski: replicando um experimento. *Psicologia Escolar E Educacional*, 18(3), 493–500. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183773>.

Dimenstein, M., & Cirilo Neto, M. (2020). Abordagens conceituais da vulnerabilidade no âmbito da saúde e assistência social. *Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais*, 15(1), 1–17. Recuperado de http://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/3704

Ferriolli, S. H. T. (2006). Indicadores de risco e proteção ao desenvolvimento do escolar: crianças e famílias atendidas em um programa de atenção primária e saúde da família (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Finkler, L., Santos, S. S., Obst, J., & Dell'aglio, D. D. (2012). Crianças em Situação de Rua: a desproteção como forma de violência. In Habigzang L. F., & Koller, S. H. (Orgs.), *Violência contra crianças e adolescentes: Teoria, pesquisa e prática*. Porto Alegre: Artmed.

Galvani, D. (2015). Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Galvani, D., & Barros, D. D. (2010). Pedro e seus circuitos na cidade de São Paulo: religiosidade e situação de rua. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 14(35), 767-779. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010005000022>.
- Gondim, G. M. M. (2007). Do conceito de risco ao da precaução: entre determinismos e incertezas. In: Fonseca, A. F; Corbo, A. M. A. (Org.). *O território e o processo saúde-doença*. Rio de Janeiro: EPSJV/FIOCRUZ.
- Gramajo, C. S., Maciazeki-Gomes, R. C., Silva, P. S., & Paiva, A. M. N. (2023). (Sobre)viver na Rua: Narrativas das Pessoas em Situação de Rua sobre a Rede de Apoio. *Psicologia: ciência e profissão*, 43, e243764. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003243764>.
- Guimarães, A. G. C. (2010). *A religiosidade de moradores de rua da cidade de Belo Horizonte: Uma via de subjetivação (Dissertação de Mestrado)*. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Holzmann, R., & Jorgensen, S. (2003). “Manejo Social del Riesgo: un nuevo marco conceptual para la protección social y más allá”. *Revista de Salud Pública*, Universidad de Antioquia, 21(1), 73-106.
- Kim-Cohen, J. (2007). Resilience and developmental psychopathology. *Child Adolescent Psychiatric Clinics of North America*, 16(2), 271-283.
- Koller, S. H., & Hutz, C. S. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: dinâmica, diversidade e definição. *Aplicações da Psicologia na Melhoria da Qualidade de Vida*, 1, 11-34. https://www.researchgate.net/publication/303232064_Meninos_e_meninas_em_situacao_de_rua_Dinamica_diversidade_e_definicao.

- Martins, H.H. T. S. (2004) Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa* [online], v. 30, n. 2 [Acessado 9 Junho 2023], pp. 289-300. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>
- Moreno, M. R., & Branco, A. M. (2014). Desenvolvimento das significações de si em crianças na perspectiva dialógico-cultural. *Psicologia em estudo*, 19(4), 599–610. <https://doi.org/10.1590/1413-73722189303>
- Nery, G.S. (2018). Fatores de Risco ao Uso e Abuso de Substâncias Psicoativas em Adolescentes em Situação de Rua na Cidade de Feira de Santana-Bahia. Dissertação (mestrado em saúde coletiva). Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia, 2018.
- Nery, G.S., Carvalho,R.C;LI; Souza, S.L;Melo , L. G.; & Santos, J. E.F; (2021). Aplicación de muestra dirigida por el entrevistado (dem) a los adolescentes en la situación de la calle. *Revista Latina de Sociología*, 9(2), 59-76. <https://doi.org/10.17979/relaso.2019.9.2.6827>
- Organização Mundial da Saúde. (2002). Estabelecendo um Diálogo sobre Riscos de Campos Eletromagnéticos. Genebra: OMS.
- Rizzini, I. (2019). Crianças e adolescentes em conexão com a rua: pesquisas e políticas públicas. Rio de Janeiro: PUC-Rio/ FAPERJ.
- Ruiz, V. S., & Araujo, A. L. L. (2012). Saúde e segurança e a subjetividade no trabalho: os riscos psicossociais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 37(125), 170-180. <https://doi.org/10.1590/S0303-76572012000100020>.
- Sánchez, E. J. M. (2022). Adolescentes em situação de rua: compreendendo o contexto e os determinantes sociais da saúde. 2022. 191 f. (Tese de doutorado) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/67250>.

- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10(2), 209-216. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000200007>.
- Teixeira, K. K. S., Karvalho, K. M. G., Medeiros, A. A., & Barbosa, I. R. (2020). Indicators of cases and deaths by COVID-19 and its relationship with contextual factors: an ecological study in the city of Natal-RN. *Brazilian Journal of Development*, 6(6), 40689-40703. <http://doi:10.34117/bjdv6n6-562>.
- Valle, F. A. A. L., & Farah, B. F. (2020). A saúde de quem está em situação de rua: (in)visibilidades no acesso ao Sistema Único de Saúde. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 30(2), e300226. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202030022>
- Valsiner, J. (2009). Cultural Psychology today: innovations and oversights. *Culture & Psychology*, 15(1), 5-39. <https://doi:10.1177/354067/13540x08101427>.
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Valsiner, J. (2014). *An invitation to cultural psychology*. London, UK: Sage.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

7 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo compreender os processos de significação de adolescentes em situação de rua sobre a violência, por meio de uma metodologia qualitativa, do tipo interpretativa, com cinco adolescentes em situação de rua.

Utilizando os pressupostos teóricos da psicologia semiótico-cultural e recursos técnicos e instrumentais como o questionário sociodemográfico, a entrevista semiestruturada, a técnica de vinhetas e o diário de campo, pretendeu-se responder as seguintes questões: quais as significações de adolescentes em situação de rua com relação às violências sofrida e perpetrada? Como tais significações se relacionam com os valores morais que orientam as ações e trajetórias de vida desses indivíduos?

O desenho teórico-metodológico utilizado para fundamentar os estudos aqui apresentados e discutidos, apontou potencialidades e limitações em função do contexto da pesquisa, análise das relações sobre violência e valores e instrumentos metodológicos utilizados.

Os adolescentes entrevistados possuíam distintas características em termos sociodemográficos e socioterritoriais e um conjunto de experiências positivas e negativas associadas ao tempo de vida na rua e enfrentamento dos riscos e vulnerabilidades frente à violência, trabalho e família, fato que contribuiu para uma menor abertura, inicialmente, dos participantes nas entrevistas realizadas pelos pesquisadores.

Por outro lado, a postura estratégica, esclarecedora e direta dos pesquisadores manifesta por meio da realização de entrevistas com a presença de atores sociais conhecidos pelos participantes, pelo esclarecimento prévio do tempo de realização das entrevistas, escolhendo dias e horários da semana de menor fluxo de pessoas na rua e já no final da tarde (fim do expediente) e utilizando perguntas curtas e breves contribuiu para uma maior acesso a população estudada, cumprindo com êxito a coleta de dados.

Quanto a adequação dos instrumentos, percebeu-se que dois participantes atribuíram respostas demasiadamente sem sentido a algumas perguntas (mesmo os pesquisadores repetindo e informando se entenderam as perguntas) apresentando uma maior demora entre uma pergunta e uma resposta, parecendo haver uma dificuldade na decisão sobre o que falar, quando falar e como falar.

Tais informações destacadas no diário de campo, revelam tanto as lacunas e limitações dos instrumentos utilizados quanto reclamam pela necessidade de

implementação e adoção de métodos alternativos que considerem as normas sociais e subjetivas no contexto de adolescentes em situação de rua.

No presente estudo, a análise das relações entre violência e valores morais foi comprometida, fato que pode ser explicado pela ausência de apresentação de dados suficientes sobre o assunto, pelas limitações dos instrumentos utilizados quando aplicado a contextos de maior vulnerabilidade social e pessoal ou mesmo tempo de realização das entrevistas.

Na psicologia, são diversas as escolas de pensamento que têm se dedicado a estudar o fenômeno dos valores morais, apresentando uma perspectiva cognitivista, psicossocial e afetiva (La Taille, 2010; Herreira, 2014); no entanto, especialmente em contextos de vulnerabilidade e risco, considerando a transição da infância para a adolescência é necessário o uso de diferentes e inovadoras ferramentas metodológicas para a compreensão de questões relacionadas a violência e valores (Herreira, 2014).

A partir da utilização do aporte teórico da psicologia semiótico cultural, verifica-se que o conjunto de achados desta tese trazem contribuições importantes para se compreender os processos de significação de adolescentes em situação de rua sobre a violência, revelando que a aplicação deste arcabouço teórico permite e estimula o debate e reflexão de conhecimentos socioculturais e intersubjetivos sobre o fenômeno da violência, envolvendo adolescentes em contextos de vulnerabilidade e risco.

Um importante achado destacado no primeiro estudo (artigo 1) desta tese diz respeito ao papel dos signos provenientes da cultura coletiva (“confiar em mulher”, “o cara lá tem o que pagar”) e da cultura pessoal (“Devolver/Bater também”), como elementos que compõe o universo semiótico sobre a violência sofrida e perpetrada. Tais signos contribuem para a manutenção de práticas violentas no contexto da rua e dificultam o exercício da ética e do respeito na relação com o outro.

As diversas formas de violência sofrida anterior e posteriormente à situação de rua quando somadas ao enfrentamento de situações de injustiça é fenômeno que pode colaborar para maior insensibilização social e desengajamento dos comportamentos morais, perpetrando situações de violência.

Por outro lado, sentimentos e ações voltadas à retração de comportamentos violentos emergem diante de signos carregados de representações sociais, religiosas e afetivas (“Apoio dos Pares”, “Deus” e “Conselho”). Estes signos, identificados como de proteção frente à violência, apontam para a função de possíveis processos ontogenéticos como estruturadores e organizadores dos comportamentos no contexto da rua.

No segundo estudo desta tese (artigo 2), percebeu-se que os participantes apresentaram em suas narrativas diversas razões associadas a permanência, motivação e evasão do contexto escolar, atravessadas pela produção de um conjunto de signos (afeto, brincadeiras/ludicidade, autorresponsabilização e culpabilização coletiva).

O trabalho na rua revelou-se como ferramenta cultural que expõe processos de internalização e externalização de valores relacionados a responsabilidade, independência financeira e promotor de uma educação e formação moral ao longo da trajetória de vida, contribuindo para o distanciamento de atos infracionais.

A violência paterna e os conflitos familiares foram significados como processos relacionados a saída de casa, aproximação e cometimento de atos infracionais e trajetória de vida na rua.

No terceiro artigo desta tese (artigo 3), diversos signos provenientes da cultura coletiva (Desrespeito, agressão, o coração mau das pessoas e a ameaça policial) foram associados a formas diversas de violência (física, psicológica, social e institucional) às quais os adolescentes estão expostos na rua.

Os signos “Atenção às características das pessoas” e “Agir Educadamente” emergiram como elementos culturalmente elaborados pelos participantes (cultura pessoal), expressando a importância das habilidades sociais e interpessoais como mediadores semióticos relacionados a formas de proteção social e diminuição dos riscos no contexto da rua. “Sair da Situação” e “Pedir a Deus” foram duas construções semióticas que se apresentaram como signo pessoal, cultural e afetivamente internalizado que supriria as ausências de proteção do Estado, da família e da justiça no contexto da rua.

A religiosidade na rua apresentou um valor positivo e se apresentou como estratégia cultural de promoção da paz e signo de proteção contra episódios presentes e futuros da violência, por outro lado revelou a face da despolitização, onde “Deus” através da esfera religiosa ocuparia uma função protetiva que deveria ser representada pelo estado e justiça.

Assim, neste estudo as narrativas dos participantes sinalizaram para ausência de proteção por parte de serviços governamentais, não-governamentais, jurídicos e familiares permitindo refletir sobre processos de desfamiliarização (ausência de proteção familiar), desproteção social (ausência de proteção institucional) e despolitização (ausência de proteção política e conhecimento sobre direitos legais).

Deste modo, conclui-se, nesta tese, que o contexto da rua apresenta uma importante função semiótica frente à violência, na construção e reconstrução cultural da vida de adolescentes em função de experiências positivas e/ou negativas anteriormente vivenciadas no contexto da família e da escola, bem como no desenvolvimento de ferramentas de sobrevivência pessoal e coletiva.

Como sugestão de novos estudos apresenta-se a necessidade de investigações que aprofundem a construção de signos de promoção e proteção da violência ao longo do curso da vida, dando maior dimensionalidade ao período da infância e a contextos sociais distintos. Sugere-se que sejam feitos estudos que investiguem também as relações entre evasão escolar e situação de rua, demonstrando se a evasão escolar é anterior e/ou posterior a situação de rua, bem como sobre as relações entre religiosidade e evitação da violência entre pessoas em situação de rua.

Referências:

- Alexander, Cheryl S.; Becker, Henry J. The use of vignettes in survey research. *Public Opin. Q.*, vol. 42, no. 1, p. 93, 1978.
- Alleyne, E., Fernandes, I., & Pritchard, E. (2014). Denying humanness to victims: How gang members justify violent behavior. *Group Processes & Intergroup Relations*, 17(6), 750–762. doi:10.1177/1368430214536064
- Araújo, C. M., Oliveira, M. C. S. L., & Rossato, M. (2017). The Subject in Qualitative Research: Challenges Studying Development Processes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e33316. Epub March 12, 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33316>
- Arpini, D. M., & Gonçalves, C. dos S. (2012). Drogas e álcool na relação com a violência: o olhar de adolescentes em situação de rua. *Psico*, 42(4). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/6443>
- Azevedo, C. R. S., Amorim, T. R. S., & Alberto, M. F. P. (2017). Adolescência e Ato Infracional: Violência Institucional e Subjetividade em Foco. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 579-594. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003312016>
- Barretta, João Paulo F. (2012). A origem da moralidade em Freud e Winnicott. *Winnicott e-prints*, 7(1), 114-125.
- Barros, J. P. P., & Benício, L.F.S. (2017). “Eles Nascem para Morrer”: Uma análise psicossocial da problemática dos homicídios de jovens em Fortaleza. *Revista de Psicologia*, 8(2), 34-43.

- Branco, A. U. (2006). Crenças e Práticas Culturais: co-construção e ontogênese de valores sociais. *Revista Pro-Posicoes* (UNICAMP), Campinas, SP, v. 17, n.1, p. 139-155.
- Branco, A.U. & Valsiner, J. (2012). *Cultural psychology of human values*. Charlotte, NC: Information Age Publishers Inc.
- Brasil (2009). DECRETO Nº 7.053 DE 23 DE DEZEMBRO DE 2009 . *Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 de Dez.
- Brasil (2009). *Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome*.
- Brasil (2011). Primeira Pesquisa Censitária Nacional sobre Crianças e Adolescentes em Situação de Rua – convênio entre a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) e o Instituto de Desenvolvimento Sustentável (IDEST).
- Brasil (2016). Resolução Conjunta CNAS/CONANDA Nº 1, de 15 de Dezembro de 2016, *Dispõe sobre o conceito e atendimento a população em situação de rua*; Brasília, SEDH/CONANDA.
- Briceño-León, Roberto (2016). "La sociologia de la violencia: un campo nuevo/The sociology of violence: a new field." *Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociología*, vol. 25, no. 4,
- Cassiani, S. H. D. B., Caliri, M. H. L., & Pelá, N. T. R.. (1996). A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 4(3), 75–88. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691996000300007>
- Cauffman, E., Fine, A., Thomas, A. & Monahan, K. (2017). Trajectories of violent behavior among females and males. *Child Development*, January/February, Volume 88, Number 1, Pages 41–54
- Cecchetto, Fatima, et al (2016). Violencias percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades Brasileiras. *Interface: Comunicação Saúde Educação*, vol. 20, no. 59, 2016,
- Chairani, R., Hamid, A. Y. S., Sahar, J., Nurachmah, E., & Budhi, T. E. (2019). Strengthening resilience in families of street adolescents with embedding spiritual values. *Enfermeria Clínica*. v.29 (2), 600-605. <https://doi.org/10.1016/j.enfcli.2019.06.009>
- Choe, D. E., & Zimmerman, M. A. (2013). Transactional Process of African American Adolescents' Family Conflict and Violent Behavior. *Journal of Research on Adolescence*, 24(4), 591–597.doi:10.1111/jora.12056

- Chavarriga-Rios, Marcia C, & Segura-Cardona, Ángela M. (2015). Consumo de sustancias psicoactivas y comportamientos violentos en estudiantes de 11 a 18 años. Itagüí, Colombia. *Revista de Salud Pública*, 17(5), 655-666. <https://dx.doi.org/10.15446/rsap.v17n5.31366>
- Conceição, B.R.T. (2017). *As significações de si das crianças abrigadas: um estudo de caso com crianças que passaram por reinserção familiar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Cremonese, D. (2018). Ética e moral na Contemporaneidade. Campos Neutrais - *Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, 1(1), 8-28.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto* (M. F. Lopes, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Cronley, C., Jeong, S., Davis, J. B., & Madden, E. (2015). Effects of Homelessness and Child Maltreatment on the Likelihood of Engaging in Property and Violent Crime During Adulthood. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 25(3), 192–203. doi:10.1080/10911359.2014.966219
- Dahlberg, L. L., & Krug, E. G.. (2006). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163–1178. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000500007>
- Devia Garzon, C., & García Perilla. (2018). Cultura y violencia en latinoamérica: ¿qué hacer desde la seguridad ciudadana?. [Culture and violence in latin america: what to do from citizen security?]. *Revista Logos Ciencia & Tecnología*, 10(1), 158-171. doi:http://dx.doi.org/10.22335/rlct.v10i1.421
- Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, UNODC (2020). *Global study on homicide 2020*. Vienna: UNODC.
- Ferreira, Frederico Poley Martins. (2011). Street Children and Their Macro Determinants. *Saúde e Sociedade*, 20(2), 338-349. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902011000200007>
- Ferreira, Vanda Valle de Figueiredo, Littig, Patrícia Mattos Caldeira Brant, & Vescovi, Renata Goltara Liboni. (2014). Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 165-174. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100018>
- Fini, L. D. T.(1991). Desenvolvimento moral de Piaget a Kohlberg. *Revista Perspectiva*, Florianópolis-SC, v. 9, n.16, p. 56-78. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>
- Fiorati, Regina Célia, Carretta, Regina Yoneko Dakuzaku, Kebbe, Leonardo Martins, Cardoso, Beatriz Lobato, & Xavier, Joab Jefferson da Silva. (2016). As rupturas sociais e o cotidiano de pessoas em situação de rua: estudo etnográfico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 37(spe), e72861. Epub July 20, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.72861>

- Fraser, Márcia Dantas; Gondim, Sônia Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia* (Ribeirão Preto) [online]. 2004, v. 14, n. 28, pp. 139-152. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000200004>>.
- Frederick, T., Vitopoulos, N., Leon, S., & Kidd, S. (2022). Subjective housing stability in the transition away from homelessness. *Journal of community psychology*, 50(2), 1083–1101. <https://doi.org/10.1002/jcop.22702>
- Freire, Sandra Ferraz de Castillo Dourado. (2008). *Concepções dinâmicas de si de crianças em escolarização: uma perspectiva dialógico-desenvolvimental*. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 280f.
- Freire, Sandra Ferraz de Castillo Dourado; & Branco, Angela Uchoa. (2016). O self dialógico em desenvolvimento: um estudo sobre as concepções dinâmicas de si em crianças. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 168-177, Aug.
- Ferguson, K. M. (2006). Responding to children's street work with alternative income-generation strategies. *International Social Work*, London, v. 49, p. 705-717.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP (2022). Anuário brasileiro de segurança pública. FBSP: São Paulo.
- Galán, C. A., Choe, D. E., Forbes, E. E., & Shaw, D. S. (2017). Interactions between empathy and resting heart rate in early adolescence predict violent behavior in late adolescence and early adulthood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 58, 1370–1380. doi:10.1111/jcpp.1277
- García Perilla, Juan & Devia Garzon, Camilo. (2018). Cultura y violencia en latinoamérica: qué hacer desde la seguridad ciudadana?. *Revista Logos Ciencia & Tecnología*. 10.
- Gonçalves Zappe, Jana, & Dalbosco Dell'aglio, Débora. (2016). Risco e Proteção no Desenvolvimento de Adolescentes que Vivem em Diferentes Contextos: Família e Institucionalização. *Revista Colombiana de Psicología*, 25(2), 289-305. <https://dx.doi.org/10.15446/rcp.v25n2.51256>
- Gillespie, A., & Zittoun, T. (2010). Using resources: Conceptualising the mediation and reflective use of tools and signs. *Culture & Psychology*, 16, 37-62.
- Heerde, J. A., & Hemphill, S. A. (2019). Exploration of associations between family and peer risk and protective factors and exposure to physically violent behavior among homeless youth: A meta-analysis. *Psychology of Violence*, 9(5), 491–503. <https://doi.org/10.1037/vio0000181>
- Heerde, J. A., & Pallotta-Chiarolli, M. (2020). “I’d rather injure somebody else than get injured”: An introduction to the study of exposure to physical violence among young people experiencing homelessness. *Journal of Youth Studies*, 23(4), 406–429. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1610558>

- Herrera, Francisco José Rengifo (2014). *Desenvolvimento de valores sociais na perspectiva da psicologia semiótica-cultural: um estudo com meninos brasileiros e colombianos em contexto lúdico sugestivo de violência*. 2014. 237 f., Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília.
- Jahoda, G. (2012). Culture and Psychology: words and ideas in history. In. Valsiner, J. (Ed.). (2012b). *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of culture and psychology*. (p. 25 - 42). New York, NY, US: Oxford University Press.
- James, J. E., Kristjansson, A. L., & Sigfusdottir, I. D. (2015). A Gender-Specific Analysis of Adolescent Dietary Caffeine, Alcohol Consumption, Anger, and Violent Behavior. *Substance Use & Misuse*, 50(2), 257–267. doi:10.3109/10826084.2014.977394
- Jesus, Cícero Ramon Cunha de.(2016). *A relação professor-aluno e a constituição do self educacional em adolescentes do ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 219f.
- Kharlamov, N.A. (2012). The City as a Sign: a developmental-experiential approach to spatial life. . In. Valsiner, J. (Ed.). (2012b). *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of culture and psychology*. (p. 277 - 302) New York, NY, US: Oxford University Press.
- Kunz, Gilderlândia Silva; Heckert, Ana Lucia; Carvalho, Silvia Vasconcelos. (2014). Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. ., Rio de Janeiro: *Fractal, Rev. Psicol*, v. 26, n. 3, p. 919-942, Dec.
- La Taille, Yves de. (2006). *Moral e Ética: dimensões intelectuais e culturais*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- La Taille, Yves de. (2010). Moral e Ética: uma leitura psicológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(spe), 105-114. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000500009>
- La Taille, Y. de, Oliveira, M. K. de, & Pinto, H. D. de S. (1992). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus.
- Lightowlers, C. (2017). Heterogeneity in Drinking Practices in England and Wales and Its Association With Violent Behavior: A Latent Class Analysis. *Substance Use & Misuse*, 52(13), 1721–1732. doi:10.1080/10826084.2017.1307408
- Lima, R. F. F., Herzog, L. S., & Rosa, E. M. (2022). Perfil Sociodemográfico e Rede de Apoio das Adolescentes em Situação de Rua. *Revista Subjetividades*, 22(1), e11824. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i1.e11824>
- Lordelo, Lia da Rocha, Bastos, Ana Cecília de Sousa, & Alcântara, Miriã Alves Ramos de. (2002). Vivendo em contexto de violência: o caso de um adolescente.

Psicologia em Estudo, 7(2), 31-40. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000200005>

- Magalhães, Júlia Renata Fernandes de, Gomes, Nadirlene Pereira, Campos, Luana Moura, Camargo, Climene Laura de, Estrela, Fernanda Matheus, & Couto, Telmara Menezes. (2017). Expressão da violência intrafamiliar: história oral de adolescentes. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(4), e1730016. Epub November 17, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017001730016>
- Malta, Deborah Carvalho et al (2021). Mortalidade de adolescentes e adultos jovens brasileiros entre 1990 e 2019: uma análise do estudo Carga Global de Doença. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 26, n. 09 [Acessado 31 Maio 2023] , pp. 4069-4086. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12122021>
- Mansano, S. R. V. (2012). Alguns desafios colocados para a pesquisa qualitativa na contemporaneidade. *Revista espaço acadêmico*, n. 136, p. 1-9, set.
- Manzoni, P., & Schwarzenegger, C. (2018). The Influence of Earlier Parental Violence on Juvenile Delinquency: The Role of Social Bonds, Self-Control, Delinquent Peer Association and Moral Values as Mediators. *European Journal on Criminal Policy and Research*. doi:10.1007/s10610-018-9392-3
- Martins, R. A. (1996). A Criança e o Adolescente em Situação de Rua: Definições, Evolução e Políticas de Atendimento. *COLETANEAS DA ANPEPP*, v. 1, n.12, p. 35-44,.
- Martins, Lincoln Coimbra, & Branco, Angela Uchôa. (2001). Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 169-176. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722001000200009>
- Mattos, E. (2013). *Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos*. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Brasil.
- Mattos, Elsa de. (2016). A mediação semiótica da "responsabilidade": um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Psicologia USP*, 27(2), 178-188. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20160002>
- Mattos, E., & Chaves, A. M. (2012). Semiotic Regulation through Inhibitor Signs: Creating a Cycle of Rigid Meanings. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 47(1), 95–122. doi:10.1007/s12124-012-9223-x
- McGuigan, W. M., Luchette, J. A., & Atterholt, R. (2018). Physical neglect in childhood as a predictor of violent behavior in adolescent males. *Child Abuse & Neglect*, 79, 395–400. doi:10.1016/j.chiabu.2018.03.008

- Minayo, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: Minayo, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.
- Mondragón-Sánchez, E. J., Pinheiro, P. N. da C., & Barbosa, L. P.. (2022). Health inequalities among homeless adolescents . *Revista Latino-americana De Enfermagem*, 30(spe), e3756. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6250.3756>
- Montanha, L. T.; Lepre, R. M. ; Silva, R. F. ; & Costa, R. C.(2016). O Percurso Histórico dos Valores Morais e Éticos: contribuições da psicologia do desenvolvimento da moralidade. *Pesquiseduca*, v. 8, p. 423-439
- Morais, Normanda Araujo de, Lima, Rebeca Fernandes Ferreira, Vezedek, Lucas, Santana, Juliana Prates, & Koller, Sílvia Helena. (2017). Ética na pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua: considerações a partir da resolução nº 510/2016. *Revista da SPAGESP*, 18(2), 27-42.
- Moreira, Leticia de Sousa.(2016). *Violência e paz: construção de conceitos, valores e posicionamentos de oficiais da polícia militar*. 236 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília.
- MOREIRA, M. A. *Pesquisa em Educação em Ciências: Métodos Qualitativos*. Programa Internacional de Doctorado en Enseñanza de las Ciencias. Universidad de Burgos, Espanha; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Texto de Apoio nº 14. Publicado em Actas del PIDECA, 4:25-55, 2002.
- Morgado, Alice Murteira, & Dias, Maria da Luz Vale. (2016). Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenómeno social. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 17(1), 15-22. <https://dx.doi.org/10.15309/16psd170103>
- Mourão, Aline Nogueira Menezes, & Silveira, Andréa Maria. (2014). Controle social informal e a responsabilização de jovens infratores. *Caderno CRH*, 27(71), 393-413. <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000200011>
- Muylaert, Camila Junqueira, Sarubbi Jr, Vicente, Gallo, Paulo Rogério, Neto, Modesto Leite Rolim, & Reis, Alberto Olavo Advincula. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(spe2), 184-189. Epub December 00, 2014
- Nardi, F. L., Filho, N. H., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Preditores do Comportamento Antissocial em Adolescentes [Predictors of antisocial behavior in adolescents]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(1), 63-70. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016011651063070>
- Neiva-silva, L. & Koller, S. H (2002). A rua como contexto de desenvolvimento. In: E. R. Lordelo, A. M. A. Carvalho & S. H. Koller (Orgs.). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*, São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 205-230.

- Neiva-silva, L (2008). *Uso de drogas ente crianças e adolescentes em situação de rua: um estudo longitudinal*. f. 223; Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Nery, Givanildo da Silva (2018). *Fatores de Risco ao Uso e Abuso de substâncias Psicoativas em Adolescentes em Situação de Rua na cidade de Feira de Santana-Bahia*. F.82. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Universidade Estadual de Feira de Santa-Bahia, Brasil
- Nunes, Alia Barrios; Branco, Angela Uchoa. (2007). Desenvolvimento moral: novas perspectivas de análise. *Psicologia Argumento*, v. 25, n. 51, pp. 413-424.
- Organização Mundial da Saúde (OMS) (2021). Adolescent and young adult health. Available from: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescents-health-risks-and-solutions>. Geneva: WHO
- Ortega, Félix Zurita, Aznar, José María Vilches, Martínez, Asunción Martínez, & Sánchez, Manuel Castro. (2015). Influência das qualificações acadêmicas e percurso curricular de comportamento violento. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 503-513. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150193885>
- Oliveira, D.C.N.; Rodrigues, M.B. F.(2017) . Sociabilidade e conflitos entre adolescentes e o regime de desumanização. *Cadernos de campo (unesp)* , v. 1, p. 169-195
- Papalia, D. E.; Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. 12ed. Porto Alegre: AMGH.
- Pedro, Ana Paula. (2014). Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion: Revista de Filosofia*, 55(130), 483-498. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-512X2014000200002>
- Penna, L. H. G.; Carinhanha, J. I.; & Rodrigues, R. F. (2010). Violência vivenciada pelas adolescentes em situação de rua na ótica dos profissionais cuidadores do abrigo. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 301-7, jul. 2010.
- Petering, R., Rice, E., & Rhoades, H. (2015). Violence in the Social Networks of Homeless Youths. *Journal of Adolescent Research*, 31(5), 582–605. doi:10.1177/0743558415600073
- Pierce, C. S. (2005). *Semiótica*. 4º ed. São Paulo: Perspectiva.
- Pinto, Raquel Gomes, & Branco, Angela Uchoa. (2009). Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural. *Temas em Psicologia*, 17(2), 511-525. Recuperado em 19 de outubro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000200020&lng=pt&tlng=pt.
- Price, Deborah. et al (2014). A Qualitative Exploration of Cyber-Bystanders and Moral Engagement. *Aust. J. Guid. Couns.*, vol. 24, no. 1, pp. 1–17.

- Raffaelli, M., Santana, J. P., de Moraes, N. A., Nieto, C. J., & Koller, S. H. (2018). Adverse childhood experiences and adjustment: A longitudinal study of street-involved youth in Brazil. *Child Abuse & Neglect*. doi:10.1016/j.chiabu.2018.07.032 (ESTUDO INTERNACIONAL MAS REALIZADO NO BRASIL).
- Reale, Miguel. (1991). Invariantes axiológicas. *Estudos Avançados*, 5(13), 131-144. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000300008>
- Resende, V. M.; Ramalho, I. S. (2017). Representação midiática da violação de direitos e da violência contra pessoas em situação de rua no Correio Web. *Revista Calidoscópico*, vol. 15, n. 3, p. 529-541, 2017. Disponível em: <revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2017.153.11>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- Ristum, M. (2001). *O conceito de violência de professoras do ensino fundamental*. 2001. Tese. (Doutorado) – Faculdade de Educação da Ufba, Salvador.
- Rizzini, Irene, & Limongi, Natalia da Silva. (2016). Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens. *Revista Katálysis*, 19(1), 33-42. <https://dx.doi.org/10.1590/1414-49802016.00100004>
- Rizzini, Irene (Coord.) (2003). *Vida nas ruas, crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* Rio de Janeiro: Editora PUC Rio.
- Rocha, Á. (2017). Crime, violência e controle social como produtos culturais: Novas perspectivas para o debate. *Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, 10(1), 48-62. Recuperado de <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7748>
- Rodrigues, Dayane Silva; Oliveira, Maria Cláudia Santos Lopes. (2016). Psicologia cultural e socioeducação: reflexões sobre desenvolvimento humano e infração juvenil. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 104-118, abr.
- Salles, Leila Maria Ferreira, & Paula e Silva, Joyce Mary Adam de. (2010). A legitimação da violência nos espaços de lazer e na rua. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 10(1), 211-232. Recuperado em 02 de junho de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Samal J. (2017). Strengths perspective among the homeless adolescents: A systematic review. *J Mental Health Hum Behav*; v.22 (1), 21-26. DOI: 10.4103/jmhbb.jmhbb_3_17
- Santana, J. P., Raffaelli, M., Moraes, N. A., & Koller, N. A. (2018). "Vocês me encontram em qualquer lugar": Realizando pesquisa longitudinal com adolescentes em situação de rua. *Psico* (Porto Alegre). 49(1), 31-42

- Schenker, Miriam; Minayo, Maria Cecília de Souza. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 707-717, Sept. 2005
- Schmitz Wortmeyer, D., & Branco, A. U. (2019). The canalization of morality in institutional settings: Processes of values development within military socialization. *Culture & Psychology*, 1354067X1983121. doi:10.1177/1354067x19831214
- Silva, Marcio Santana da. (2017). *Processos afetivo-semióticos na integração da perda de um filho por morte violenta à identidade pessoal materna*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal da Bahia.
- Silva, M.H.P.D.(2010). *Negritude e infância: cultura, relações étnico-raciais e desenvolvimento de concepções de si em crianças*. (Dissertação de Mestrado), Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Silva, R. J. dos S., Soares, N. M. M., & Cabral de Oliveira, A. C. (2014). Factors Associated with Violent Behavior among Adolescents in Northeastern Brazil. *The Scientific World Journal*, 2014, 1–7. doi:10.1155/2014/863918
- Sosa Sánchez, Gerónimo, & Sosa Lugo, Gerónimo Josué. (2015). Violence and collective health: an anthropologic sociocultural challenge. *Comunidad y Salud*, 13(1), 64-77.
- Souza, Adriana Aparecida. (2015). Educação e sociedade: um estudo exploratório acerca dos meandros da violência juvenil. *HOLOS*, [S.l.], v. 4, p. 52-62, ago.
- Souza, M. V. O. (2011) *Produção de sentidos quanto à dimensão moral da violência em jovens*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia.
- Stoddard, S. A., Heinze, J. E., Choe, D. E., & Zimmerman, M. A. (2015). Predicting violent behavior: The role of violence exposure and future educational aspirations during adolescence. *Journal of Adolescence*, 44, 191–203. doi:10.1016/j.adolescence.2015.07.017
- Szelbracikowski, Adriane Corrêa; & Dessen, Maria Auxiliadora. (2007). Problemas de comportamento exteriorizado e as relações familiares: revisão de literatura. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 12, n. 1, p. 33-40, Apr.
- Tavares, ML (2006). Abordagem da violência intrafamiliar no programa saúde da família. In: Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Violência faz mal à saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. p. 205-17
- Tomasi, Laura Oliveira, & Macedo, Mônica Medeiros Kother. (2015). Adolescência em Conflito com a Lei: A Intensidade da História de Vida em Ato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 53-63. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015011723053063>

- Thomas, A., Caldwell, C. H., Assari, S., Jagers, R. J., & Flay, B. (2016). You Do What You See. *The Journal of Men's Studies*, 24(2), 185–207. doi:10.1177/1060826516641104
- Ursin, Marit. (2016). Contradictory and Intersecting Patterns of Inclusion and Exclusion of Street Youth in Salvador, Brazil. *Social Inclusion*. 4. 2183-2803. 10.17645/si.v4i4.667.
- Varela, J. J., Zimmerman, M. A., Ryan, A. M., Stoddard, S. A., & Heinze, J. E. (2018). School Attachment and Violent Attitudes Preventing Future Violent Behavior Among Youth. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051880031. doi:10.1177/0886260518800314
- Vares, S.F.(2019). Émile Durkheim e a educação moral: a formação do cidadão republicano. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS* Vol. 11 Nº 21, Janeiro – Junho
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach to personality*. Cambridge: Harvard University Press.
- Valsiner, J. (2007). *Culture in minds and societies: Foundations of Cultural Psychology*. New Delhi: Sage Publications.
- Valsiner (2007b) Personal cultura and conduct of value. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 1, (2): 59 – 65.
- Valsiner, J. (2009). Cultural Psychology today: inovations and oversights. *Culture & Psychology*. Vol. 15(1):5-39 DOI:10.1177/354067/13540x08101427
- Valsiner, J. (2012a) *Fundamentos da psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed. 352 p.
- Valsiner, J. (Ed.). (2012b). *Oxford library of psychology. The Oxford handbook of culture and psychology*. (p. 3-24). New York, NY, US: Oxford University Press.
- Valsiner, J. (2013). *An invitation to cultural psychology*. London, UK: Sage.
- Vázquez, Adolfo Sánchez (2002). *Ética*. Trad. João Dell'Anna. 22º ed. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Zappe, Jana Gonçalves, & Dell'Aglio, Débora Dalbosco. (2016). Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 44-52. <https://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000102>
- Zappe, Jana Gonçalves, & Dell'Aglio, Débora Dalbosco. (2016). Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 44-52. <https://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000102>

Watson, J. (2016). Gender-Based Violence and Young Homeless Women: Femininity, Embodiment and Vicarious Physical Capital. *The Sociological Review*, 64(2), 256–273.

Wright JM, Heathcote K, Wibberley C (2014) Fact or fiction: exploring the use of real stories in place of vignettes in interviews with informal carers. *Nurse Researcher*. 21, 4, 39-43



APÊNDICE A

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA

| TEMAS | QUESTÕES |
|------------------------------------|--|
| História Familiar | <ul style="list-style-type: none"> - Como caracteriza o vínculo com os pais e/ou responsáveis legais? - Sempre morou com a família? Como eram as relações de afeto? - Já sofreu alguma forma de violência por parte de um ou mais de seus familiares? |
| Histórico Educacional | <ul style="list-style-type: none"> - estuda ou parou de estudar em algum momento da vida? Como avalia a escola onde estudou e o seu processo educativo? Já sofreu algum tipo de violência na escola? Já agrediu alguém na sua escola? |
| Vida na Rua | <ul style="list-style-type: none"> - Quando começou a ir para as ruas e por qual motivo? - Com quem fica na rua? Quanto tempo passa na rua? - Como você se sente atualmente tendo que trabalhar na rua? A relação com a sua família influenciou a sua ida para as ruas? Quais são os riscos de alguém que trabalha ou vive nas ruas de Feira de Santana? Qual a imagem que você tem mente quando pensa sobre as pessoas que estão na rua? - O que mudou na sua vida depois que foi para as ruas? |
| Processos de Saúde e doença na rua | <ul style="list-style-type: none"> - Quais os cuidados que você tem tomado com você mesmo no ambiente da rua? Já pegou alguma doença pelo fato de estar na rua? Tem dificuldade de acessar os serviços de saúde por estar na rua? Já sofreu alguma forma de abuso no espaço da rua? |

| | |
|---------------|---|
| Rede de apoio | - Você conhece algum de seus direitos? Se você sofresse alguma violência hoje quem você procuraria? O que você acha que mais te ajuda a viver na rua e lidar com as dificuldades diárias? |
| Violência | Para você o que é violência? No ambiente da rua você já agrediu alguém? Já sofreu alguma violência? O que faz para evitar sofrer algum tipo de violência no ambiente da rua? |

Como você imagina que estaria hoje caso não tivesse no ambiente da rua?

O que você gostaria que acontecesse de bom na sua vida?

A pandemia influenciou alguma coisa em seus hábitos de saúde e autocuidado ou impactou de alguma forma sua vida na rua?

APÊNDICE B**ROTEIRO - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

1. Sexo: Masculino ____ Feminino ____
2. Idade: _____ anos
3. Estado Civil: Solteiro ____ Casado (a)/União de fato ____
4. Tem Filhos? Sim () Não () N° de Filhos: _____
5. Escolaridade: Analfabeto(a) ____ Sabe ler e escrever ____ Ensino primário
____ Ensino secundário ____ Ensino Médio ____ Curso Superior ____
6. Como classifica a sua situação económica: Má ____ Média ____ Boa ____
ótima ____
7. Qual alternativa abaixo identifica a sua cor ou raça? () branca () preta ()
parda () amarela () Indígena
8. Qual o valor semanal que consegue retirar trabalhando na rua? _____
9. Com quantos anos começou a trabalhar nas ruas? _____
10. Já sofreu alguma violência antes de ir para as ruas? _____ e depois de estar nas
ruas? _____

APÊNDICE C

TECNICA DE VINHETAS

VERSÃO APLICADA A ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO

CENA 1

Pedro e João eram muito amigos e sempre estiveram juntos trabalhando na rua, desde pequenos. Agora, Pedro já estava com 17 anos e João com 16 anos e continuam trabalhando juntos. Um dia Pedro e João resolveram sair para curtir a noite e encontrar com a “galera” deles lá. Pedro sempre foi “bom de papo” com as meninas e naquela noite não foi diferente. Logo se encostou em uma “gatinha” e “ficou” com ela. João continuou com os outros colegas curtindo a noite. João percebeu que já era tarde e que Pedro estava muito envolvido com a menina e logo foi embora com os seus colegas e deixou seu amigo curtindo a gatinha. No dia seguinte, ao chegar para trabalhar na rua, vê seus colegas comentando “mataram Pedro ontem”. E agora? o que fazer? por que será que isso aconteceu?

CENA 2

Carlos tem 14 anos e trabalhava na rua há dois anos. Ele sempre gostou de ficar na rua até tarde e as vezes até dormia com os amigos na rua. Carlos trabalhava como carregador de compras no centro de abastecimento mas sempre gostou de andar por diferentes ruas e fazer novas amizades. Nessa semana, ele resolveu ir circular pela feirinha da cidade nova. Entre a passagem de uma pessoa e outra, um homem lhe parou, segurou no seu braço

e começou a insistentemente exigir que ele lhe acompanhasse, Carlos tentou resistir mas o homem começou a dar murros na sua cara. E agora? O que fazer?

CENA 3

Maicon trabalhava vendendo flanelas no semáforo da Avenida Getúlio Vargas. A Rua estava lotada de pessoas. A todo momento tinha confusão e briga. Maicon acende um cigarro e sem querer deixa cair na camisa de um outro pivete que passava pela rua.

Maicon tentou explicar, disse a ele que “foi mal”, porém o pivete nem quis ouvir, se “plantou” para bater e começou a dar muita “porrada” “murros” e vários chutes em Maicon, o chamando de viado, vagabundo e maconheiro que não gosta de trabalhar e queria lhe roubar. Logo se abriu uma roda de gente, mas o pivete continuou batendo muito, na frente de todo mundo. A polícia chega e a briga para. Maicon ficou bastante machucado e não teve como reagir. Algum tempo depois, Maicon encontra o mesmo pivete que lhe bateu no Micareta da cidade. E agora? O que fazer?

VERSÃO APLICADA A ADOLESCENTES DO SEXO FEMININO

CENA 1

Laura e Carla eram muito amigas e sempre estiveram juntas trabalhando na rua, desde criança. Agora, Laura já estava com 17 anos e Carla com 16 anos e continuam trabalhando juntas. Um dia Laura e Carla resolveram sair para curtir a noite e encontrar com a “galera” lá. Laura sempre foi “boa de papo” com os meninos e naquela noite não foi diferente. Logo encostou um “marrentinho” e “ficou” com ele. Carla continuou com as outras amigas curtindo a noite. Carla percebeu que já era tarde e que Laura estava muito envolvida com o menino e logo foi embora com as suas colegas e deixou sua amiga curtindo o marrentinho. No dia seguinte, ao chegar para trabalhar na rua, vê suas colegas comentando “mataram Laura ontem”. E agora? o que fazer?
por que será que isso aconteceu?

CENA 2

Claudia tem 14 anos e trabalhava na rua há dois anos. Ela sempre gostou de ficar na rua até tarde e as vezes até dormia com as amigos na rua. Claudia trabalhava vendendo balas nas ruas do centro de abastecimento mas sempre gostou de andar por diferentes ruas e fazer novas amizades. Nessa semana, ela resolveu ir circular pela feirinha da cidade nova. Entre a passagem de uma pessoa e outra, um homem lhe parou, segurou no seu braço e começou a insistentemente exigir que ela lhe acompanhasse, Claudia tentou resistir mas o homem começou a dar murros na sua cara. E agora? O que fazer?

CENA 3

Carol trabalhava vendendo flanelas no semáforo da Avenida Getúlio Vargas. A Rua estava lotada de pessoas. A todo momento tinha confusão e briga. Carol acende um cigarro e sem querer deixa cair na camisa de uma mulher que passava pela rua. Carol tentou explicar, disse a ela que “foi mal”, porém a mulher nem quis ouvir, se “plantou” para bater e começou a dar muita “porrada” “murros” e vários chutes em Carol, a chamando de pobre, vagabunda e sacizeira que não gosta de trabalhar e queria lhe roubar. Logo se abriu uma roda de gente, mas a mulher continuou batendo muito, na frente de todo mundo. A polícia chega e a briga para. Carol ficou bastante machucada e não teve como reagir. Algum tempo depois, Carol encontra a mesma mulher que lhe bateu no Micareta da cidade. E agora? O que fazer?

| Perguntas referentes às situações simuladas (cenas) de violência: | |
|---|---|
| PERGUNTAS CENA 1 | 1. Qual o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça? Por quê? 2. O que sentiu frente a essa cena? Por quê? |

| | |
|--|--|
| | <p>3. O que acha sobre o que o personagem João e Pedro/Laura e Carla fez ? Por quê?</p> <p>4. O que João e Pedro/Laura e Carla deveria fazer? Por quê?</p> <p>5. O que você decidiria fazer no lugar do personagem João/Carla?</p> <p>Baseado em que você acha que tomaria essa decisão?</p> <p>6. O que você acha que os outros esperariam que você fizesse? Por quê?</p> <p>7. Você se importa com o que os outros possam pensar sobre o que você faz? Ou só algumas pessoas? Quem? Por quê?</p> <p>8. A amizade supera ou não a violência? Por quê?</p> <p>9. Se fosse uma pessoa desconhecida, você teria uma atitude igual ou diferente? Por quê?</p> |
|--|--|

APÊNDICE D

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO (Crianças e Adolescentes)

Título do Projeto: Violência e Valores: significações construídas por adolescentes em situação de rua

Investigador: Givanildo da Silva Nery

Local da Pesquisa: Este estudo será realizado com adolescentes em situação de rua, com idade entre 12 a 18 anos, que se encontram morando ou trabalhando de modo irregular nas ruas de Feira de Santana-Ba.

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao sujeito da pesquisa:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, com o objetivo de compreender as significações da violência por parte de adolescentes em situação de rua, explorando as relações com a construção de valores que orientam suas ações.

O que é a pesquisa?

Essa pesquisa é um instrumento de investigação que permitirá ampliar o olhar em relação a violência no contexto da rua, compreendendo o modo e as formas como este fenômeno perpassa as relações de adolescente, em situação de rua, com o mundo.

Para que fazer a pesquisa?

A realização desta pesquisa tem a finalidade de compreender as experiências e visões de adolescentes em situação de rua com relação a violência, tal pesquisa contribuirá para o desenvolvimento de políticas públicas que assegurem o seu direito a proteção e segurança enquanto adolescente em desenvolvimento.

Como será feita?

Será realizada através da aplicação de um questionário sociodemográfico (contendo informações dos participantes como idade, sexo, tempo que passa na rua). Além disso os participantes elaborarão um texto narrando a sua história e trajetória de vida até chegar na rua; por fim, será apresentado aos participantes um caso ilustrativo de situação de violência e o pesquisador recolherá sua opinião com relação a situação ilustrada, acrescentamos que a entrevista será gravada.

Quais os riscos e benefícios esperados com a pesquisa?

Os riscos apresentados nesta pesquisa, dizem respeito ao constrangimento ou desconforto com as perguntas, os quais o pesquisador responsável minimizará por meio de uma abordagem acolhedora e sem preconceitos, respeitando suas dificuldades em responder e o seu direito de a qualquer momento interromper a entrevista ou retirar seu consentimento, nos casos de estresse significativo, será feito encaminhamento para os serviços municipais de referência (Consultório na Rua e/ou Centro pop), além disso, o pesquisador responsável por esta pesquisa assume o compromisso de prestar assistência que se fizer necessária em caso de se configurar alguma reação emocional adversa em razão da participação do adolescente na pesquisa.

O benefício (direto ou indireto) relacionado a colaboração nesta pesquisa é o de maior reconhecimento das principais dificuldades e problemas enfrentados no ambiente da rua, maior esclarecimento da sociedade e sensibilização do poder público com relação aos aspectos da violência no contexto da rua e o despertar para mecanismos de resolução.

As entrevistas serão gravadas, transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas o pesquisador responsável e sua orientadora. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12.

Caso você aceite participar, a pesquisa, esta envolverá resposta a um questionário sociodemográfico (contendo informações dos participantes como idade, sexo, tempo que passa na rua); elaboração de um texto narrando a sua história e trajetória de vida até chegar na rua; e por fim, será apresentado um caso ilustrativo de situação de violência e o pesquisador recolherá sua opinião com relação a situação ilustrada.

A participação nesta pesquisa é voluntária e caso você opte por não participar, não terá nenhum prejuízo ou represálias.

Contato para dúvidas:

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar o(a) Investigador(a) responsável pelo estudo: _Givanildo da Silva Nery, telefone fixo número (75)9 8194-3883. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Bahia. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO SUJEITO DA PESQUISA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

| | | |
|----------------------|------------|------|
| NOME DO PARTICIPANTE | ASSINATURA | DATA |
|----------------------|------------|------|

| | | |
|----------------------|------------|------|
| NOME DO INVESTIGADOR | ASSINATURA | DATA |
|----------------------|------------|------|

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado

Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEP/IPS) da UFBA
Rua Aristides Novis, Campus São Lázaro, 197, Federação, CEP 40.170-055,
Salvador, Bahia, telefone (71)3283.6457, E-mail : cepips@ufba.br

ANEXOS

Anexo A – Autorização para a pesquisa com adolescentes pelo Juiz da Vara da Infância e Juventude



JUIZO DE DIREITO DA 1ª VARA DA INFÂNCIA E JUVENTUDE
COMARCA DE FEIRA DE SANTANA - BAHIA

Rua Cel. Álvaro Simões, s/n, Fórum Des. Filinto Bastos, Queimadinha - CEP 44026-970, Fone: (75) 3602-5918, Feira de Santana-BA

Of-GAB 58/2020

Feira de Santana-BA, 17 de julho de 2020

Aos Membros do Comitê de Ética de Pesquisa do
 Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia

Prezados Senhores,

Foi encaminhado a este Juízo ofício subscrito pelo Sr. **GIVANILDO DA SILVA NERY**, Doutorando em Psicologia pela UFBA, com a finalidade de solicitar autorização para aplicação de questionários e realização de entrevistas com adolescentes em situação de rua na cidade de Feira de Santana.

O projeto objetiva dar continuidade à pesquisa de mestrado intitulada “*Violência e Valores: significações construídas por adolescentes em situação de rua em Feira de Santana*”, e está vinculado ao doutorado pelo Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia.

Tendo em vista que a pesquisa está direcionada a adolescentes em contexto de vulnerabilidade, caso estejam ausentes os pais, se mostra necessária a autorização da Vara da Infância e Juventude, face à configuração de situação de risco, nos termos do art. 98 do ECA.

Destarte, não tendo sido verificada qualquer incompatibilidade do trabalho a ser realizado com as normas protetivas inseridas no ECA e na Constituição Federal, **AUTORIZO** a pesquisa pelo estudante acima nominado, nos termos delimitados no projeto, ressaltando-se que deverão ser respeitados os direitos garantidos pela legislação aos adolescentes, tais quais: a integridade física, mental, moral, espiritual e social; o direito de liberdade de expressão, opinião, crença, culto e liturgia; não discriminação sobre idade, cor, sexo, origem, etnia, raça, deficiência, condição econômica, ambiente familiar; preservação da imagem, da honra, da dignidade e do nome.

Outrossim, deverá ocorrer imediata comunicação aos poderes públicos (Conselho Tutelar, Ministério Público, Defensoria Pública e Vara da Infância e Juventude, dentro das respectivas esferas de competência) quando evidenciada qualquer forma de negligência ou ameaça à efetivação dos direitos dos adolescentes.

Os efeitos da presente autorização somente passarão a vigorar após ter sido declarado o término da pandemia do COVID-19 pelas autoridades sanitárias, para evitar risco de contaminação dos adolescentes.

Aproveite a oportunidade para apresentar protestos de elevada estima e consideração.

FÁBIO FALCÃO SANTOS
 Juiz de Direito em Substituição